



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE RECURSOS
NATURAIS E DESENVOLVIMENTO LOCAL NA AMAZÔNIA

JOANA DARC DE SOUSA CARNEIRO

**VIABILIDADE ECONÔMICA DA PESCA: IDENTIFICAÇÃO DA REPRODUÇÃO
SOCIAL DE PESCADORES NO RIO PANACUERA, NO MUNICÍPIO DE
ABAETETUBA/PA**

BELÉM/PA

2020

JOANA DARC DE SOUSA CARNEIRO

**VIABILIDADE ECONÔMICA DA PESCA: IDENTIFICAÇÃO DA REPRODUÇÃO
SOCIAL DE PESCADORES E USO DOS RECURSOS PESQUEIROS NO RIO
PANACUERA NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA/PA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na
Amazônia do Núcleo de Meio Ambiente da Universidade
Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de
Mestre.

Orientador: Dr. Christian Nunes da Silva.

BELÉM/PA

2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C289v Carneiro, Joana Darc de Sousa
Viabilidade econômica da pesca: Identificação da reprodução social de pescadores do rio Panacuera no município de Abaetetuba/Pá / Joana Darc de Sousa Carneiro. — 2020.
113 f.: il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Christian Nunes Silva
Coorientador(a): Prof. Dr. Rodolpho Zahluth Bastos
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, Núcleo do Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

1. Subsistência econômica. 2. Pesca artesanal. 3. Extrativismo vegetal do açáí. I. Título.

CDD 307.720981

JOANA DARC DE SOUSA CARNEIRO

VIABILIDADE ECONÔMICA: IDENTIFICAÇÃO DA REPRODUÇÃO SOCIAL DE PESCADORES NO RIO PANACUERA, NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA/PA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia do Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Aprovação em: 20/01/20

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christian Nunes da Silva (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Almeida Flores (NUMA)

Prof. Dr. Cristiano Quaresma de Paula (FGC/UFPA)

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria Joana Darc de Sousa Carneiro e Antônio Cardoso (in memória), por todo incentivo que me deram durante minha vida acadêmica para que fosse possível este momento tão especial em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me manter firme nesta pesquisa, pois sem isso não seria possível esse momento tão aguardado.

A toda minha família, em especial a minha mãe Maria Joana Darc de Sousa Carneiro e a meu pai Antônio Cardoso Carneiro (in memória), por sempre me incentivarem a persistir em busca de sonhos e realizações.

Ao meu filho Pedro Lucas Carneiro Gonçalves, pois ele, foi a peça fundamental para que essa conquista se concretizasse.

Aos meus colegas de turma, que se tornaram amigos e fazem parte da minha vida.

Aos amigos pescadores que conquistei na comunidade do rio Panacuera em especial as famílias de dona Raimunda (tia Roca) e seu Livramento.

Ao meu amigo professor Dr. José Francisco da Silva Costa, que ajudou a organizar as ideias desse trabalho, bem como ao meu orientador Dr. Christian Nunes da Silva, que acreditou que eu seria capaz de concluir com êxito essa pesquisa.

Ao PPGEDAM (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais em Desenvolvimento Local na Amazônia) por me oportunizar em estudar e a ampliar meus conhecimentos interdisciplinares

Ao NUMA (Núcleo de Meio Ambiente), que nos apoio com seus professores excelentes na área de conhecimento transdisciplinar em meio ambiente.

A UFPA (Universidade Federal do Pará), a melhor universidade do Norte do Estado do Pará que desde o ano de 1996 faz parte da minha vida acadêmica ao qual eu tenho muito orgulho em fazer parte desta instituição de ensino.

RESUMO

Esta dissertação discorre sobre a organização econômica e social dos pescadores da comunidade do rio Panacuera, quanto a viabilidade econômica da pesca na reprodução social dos moradores, para comprovar se há a obtenção da subsistência econômica e quais as estratégias da composição da renda desse público. Para tanto, buscou-se compreender o processo de produção da atividade pesqueira, desde a cadeia produtiva passando a captura, comercialização e organização dos pescadores, bem como as atividades desenvolvidas paralelamente à pesca artesanal. Com esse intuito, realizaram-se entrevistas estruturadas e semiestruturadas, observações e registros fotográficos *in loco*. A partir dessa pesquisa, considera-se que a pesca é o principal meio de subsistência dos pescadores artesanais da comunidade no rio Panacuera. É inegável a existência de uma idiosincrasia entre os pescadores e o mar que possibilita com que resistam às dificuldades encontradas na profissão como: a escassez do pescado, a falta de infraestrutura e incentivo governamental. Assim o pescador não abandona a pesca artesanal e continua desenvolvendo sua atividade buscando cotidianamente as condições mínimas de sobrevivência. É importante ressaltar que, paralelamente à pesca, existem outras atividades econômicas de relevância local que visam à complementação da renda familiar, embora não tenham a mesma importância da atividade pesqueira; dentre elas destaca-se o extrativismo do açai. A construção de um calendário registro do pescador é uma proposta de intervenção para que esses pescadores tenham os registros formalizados e organizados para eventuais pesquisas e formalidades governamentais.

Palavras-Chave: Subsistência Econômica. Turmas de Pesca. Pesca artesanal. Extrativismo do Açai.

ABSTRACT

This dissertation presents the economic and social organization of the fishermen of Panacuera island community, as well as the economic viability of fishing in the social reproduction of the residents, in order to verify if the economic subsistence is obtained and the strategies of the income composition of this public. For this reason, we sought to understand the process of production of fishing activity, from the production chain through the capture, marketing and, organization of fishermen, as well as activities developed alongside artisanal fishing. For this purpose, structured and semi-structured interviews, observations and photographic records were taken on that place. From this research, we consider that fishing is the main livelihood of artisanal fishers of Panacuera island community. It is deniable the existence of an idiosyncrasy between fishermen and the sea that allows them to resist the difficulties encountered in the profession such as: the scarcity of fish, lack of infrastructure and government incentive. Thus, the fisherman does not abandon artisanal fishing and continues to develop his activity daily seeking the minimum conditions of survival. It is important to point out that, in parallel with fishing, there are other locally relevant economic activities aimed at complementing family income, although they are not as important as fishing; among them stands out the açai extractivism. The construction of a calendar registration booklet is a proposal for intervention so that these fishermen have their records formalized and organized for eventual research and government formalities.

Keywords: Economic Subsistence. Fishing classes. Artisanal fishing. Açai extractivism.

ILUSTRAÇÕES

Mapa 1- Mapa de localização, o rio Panacuera entre os Municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri.....	17
Gráfico 1- Número de entrevistas por intervalo de 10 anos.....	38
Gráfico 2- Escolaridade dos pescadores artesanais entrevistados.....	39
Fotografia 1- Escola Graziela em frente ao rio Panacuera.....	41
Gráfico 3- Atividades econômicas desenvolvidas pela comunidade do rio Panacuera.....	42
Mapa 2- Mapa participativo da localização dos pesqueiros no rio Panacuera.....	46
Fotografia 2-Viagem ao Panacuera para Abertura da Pesca em 2019.....	47
Fotografia 3-Preparação do jantar para a família.....	50
Fotografia 4- Turma de pesca reunida às 5:00h da manhã.....	52
Fotografia 5-Encontro com uma das turmas de pesca.....	53
Fotografia 6-Trabalho em equipe dos pescadores.....	54
Fotografia 7- Turma de pesca nos oferecendo seu prêmio.....	55
Fotografia 8-Pescadores no rio Tocantins.....	57
Fotografia 9-Turma de pesca retirando o cardume.....	58
Fotografia 10- Turma de pesca em busca de um cardume.....	59
Fotografia 11-Cerco do cardume pelos pescadores.....	67
Fotografia 12-Pesca de espinhel.....	71
Fotografia 13-Malhadeira rede de pesca.....	72
Fotografia 14-Pesca de curral, as malhadeiras ficam presas nas árvores.....	73
Fotografia 15-Pai e filho organizando a pesca do camarão (matapi).....	75
Gráfico 4-Pesca do camarão em família: despesas, matapi, isca, receita venda do produto	77
Gráfico 5- Balanço individual mensal de cada pescador artesanal no rio Panacuera.....	80
Fotografia 16-Reboladas da palmeira do açaí.....	82
Gráfico 6- O açaí como auxiliar financeiro na vida do pescador artesanal.....	84
Gráfico 7- O percentual do lucro dos pescadores com extrativismo do açaí.....	85
Gráfico 8- Rendimento da pesca: março/abril/maio/junho/julho/agosto/setembro/outubro	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produção: março/abril/ maio/junho/julho/agosto/setembro/outubro.....	87
Tabela 2 - Despesas: março/abril/ maio/junho/julho/agosto/setembro/outubro.....	88

LISTA DE SIGLAS

CNPA	Congresso Nordestino de Produção Animal
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FEPA	Federação de Pescadores do Estado do Pará
FUNDACENTRO Trabalho	Fundação Centro Nacional de Segurança, Higiene e Medicina do
GPS	Global Positioning System
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INSS	Instituto Nacional de Segurança Social
MOPEPA	Movimento dos Pescadores do Estado Pará
NUPAUB Úmidas Brasileiras	Núcleo de Apoio a Pesquisa Sobre População Humanas em Áreas
SIG	Sistema de Informação Geográfica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	174
2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO	16
2.1 Procedimentos metodológico	18
2.2 Levantamentos de informações secundárias	18
2.3 Levantamentos de fontes primárias	18
3 ADAPTAÇÕES DA POPULAÇÃO RURAL PARA A SOBREVIVÊNCIA	231
3.1 O homem e as adaptações com o meio onde vive	231
3.2 Considerações sobre a pesca artesanal	253
3.3 A relação do pescador com a colônia de pescadores	286
3.4 O extrativismo do açaí como fonte de alimento e renda do pescador artesanal	29
4 MODO DE VIDA DO PESCADOR ARTESANAL NA COMUNIDADE DO RIO PANACUERA	34
4.1 Atividades desenvolvidas no baixo Tocantins: dos engenhos a pesca artesanal	34
4.2 Perfil dos pescadores entrevistados na comunidade do rio Panacuera	38
4.3 A pesca artesanal e o mapeamento participativo dos pesqueiros	43
4.4 Experiências em lócus, abertura da pesca no rio Panacuera	47
4.5 Expectativas da abertura pesqueira na manhã do dia 01 de março	521
5 A PESCA ARTESANAL E O EXTRATIVISMO DO AÇAÍ NA VIABILIDADE ECONOMIA DA SUBSISTÊNCIA DA COMUNIDADE DO RIO PANACUERA	61
5.1 A importância da pesca artesanal na comunidade do rio Panacuera	621
5.2 A atividade pesqueira e as relações de amizade e parentesco nas turmas de pesca	632
5.3 As principais atividades econômicas pesqueiras na comunidade	71
5.3.1 Pesca de espinhel, rede e curral	721
5.3.2 A Pesca do camarão e a viabilidade econômica na comunidade do rio Panacuera	743
5.4 A importância econômica da atividade pesqueira para a subsistência das turmas de pesca	78
5.5 O extrativismo do açaí como base alimentar e aliado na renda do pescador artesanal	811
5.6 Construção do produto, manuseio, e relevância para o pescador dessa comunidade	865
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	911
REFERÊNCIAS	944
APENDICE A	98
APENDICE B	102

GLOSSÁRIO

Freteiro: Barco de transporte dos moradores das ilhas dos municípios da região do baixo Tocantins.

Matapi: Curral feito de tala de arumã (planta) para a pesca do camarão.

Maré Morta: É a diferença entre as marés, é baixa, pequena e o rio fica normal, sem piscinas naturais.

Taleiro: Pescador responsável em encontrar os cardumes de peixe, utilizam uma sonda e um vara para identificar a espécie e o tamanho do pescado.

Turma de Pesca: Grupos de pescadores que se reúnem para fazer a pesca de artesanal.

Safra do Açaí: É quando o fruto do açaí está pronto para a colheita.

Reboladas: Um aglomerado de árvores que podem ou não ser da mesma espécie.

Puqueca: Uma espécie de isca utilizada na pesca do camarão colocada dentro do matapi, é composta por farelo de trigo e coberta por uma folha natural e amarada com fios de algodão ou cipó.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade dado os avanços do desenvolvimento tecnológico verificasse uma maior inserção de elementos considerados urbanos no meio rural. No contexto amazônico, mais especificamente na comunidade Panacuera, tal realidade pode ser identificada a partir do acesso das comunidades ribeirinhas aos equipamentos e aparelhos eletrônicos, sobretudo a cerca de 4 anos com a chegada do projeto “Luz Para Todos”¹ do Governo Federal. Vale ressaltar que mesmo com a chegada da luz elétrica, eles não deixaram de praticar seus costumes, como: acordar e dormir cedo para desenvolver a pesca ou o extrativismo do açaí; guardar o barco no horário por consequência da maré e realizar outros afazeres diários.

A organização econômica e social da população rural expressa traços dessa cultura, e reitera a afirmativa que, as comunidades tradicionais não devem ser vistas como atrasadas ou alienadas, mas sim, com maneiras diferenciadas na organização da vida diária, diferentemente, de populações que vivem em zonas urbanas.

O Pará reúne um dos maiores contingentes de trabalhadores que desenvolvem a pesca artesanal, cujo abastecimento do mercado interno no Estado é feito por esses pescadores, sendo responsáveis por mais da metade do pescado consumido internamente conforme informações do Portal da Saúde e Segurança do Trabalhador (Fundação Centro Nacional de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho).

Segundo Perucchi (2015), ao considerar que em seu trabalho os pescadores artesanais são detentores de conhecimentos tradicionais, pois levam em consideração o curso das marés e também, as fases da lua, este conhecimento contribui para diminuir os riscos de trabalho nas águas, assim como o manejo sustentável dos ecossistemas fluviais, lacustres, estuarinos e marinhos. É o pescador que trabalha e habita os espaços e ambientes aquáticos e terrestres e nesses espaços, respectivamente, encontra-se o peixe e outros alimentos aquáticos, assim como a terra é o espaço de sua moradia e bem viver.

Todavia, o ambiente aquático diferentemente do terrestre apresenta características que impossibilitam a sua delimitação de modo preciso, são ambientes indivisíveis juridicamente, situação que inúmeras vezes contribui para o avanço de formas de usos que causam danos aos recursos hídricos e conseqüentemente sobre as atividades desenvolvidas tal como a atividade pesqueira, agindo no sentido de dificultar ainda mais a obtenção dos recursos necessários para a reprodução social do pescador artesanal.

¹ Luz para todos consiste num programa do Governo Federal, que visa levar eletricidade as comunidades rurais. Decreto 4873/2003.

No que se refere a comunidade do rio Panacuera, a pesca artesanal vem sendo desenvolvida ao longo de décadas por indivíduos dotados de conhecimentos que procuram dia após dia o sustento familiar. A pesca artesanal é a principal atividade desenvolvida na comunidade, somadas a outras alternativas adotadas pelos pescadores, tal como a prática do extrativismo do açaí, o qual desempenha na comunidade estudada um importante complemento tanto na dieta alimentar quanto como fonte de renda.

Neste sentido, os pescadores sujeitos da pesquisa pertencem a colônia de pescadores de Abaetetuba Z-14 e a colônia de Igarapé Miri Z-15, os quais desenvolvem a pesca artesanal com artes de pesca que envolvem poucos recursos tecnológicos, destacando-se o espinhel, rede e o curral, com a produção voltada principalmente para o comércio com os atravessadores, responsáveis pelo transporte do pescado comercializado até as cidades locais²

Desse modo, neste trabalho, buscou-se analisar a importância da pesca artesanal para a reprodução social dos pescadores artesanais da comunidade do rio Panacuera, com o intuito de verificar a viabilidade econômica dessa atividade para a manutenção de um modo de vida. Para tanto, buscou-se compreender a produção do pescado e o balanço financeiro da atividade pesqueira, identificando as espécies mais pescadas pela comunidade, compreendendo a cadeia produtiva na pesca artesanal e os locais onde são realizadas as atividades pesqueiras, bem como quais atividades são desenvolvidas paralelamente a pesca artesanal.

O trabalho de campo nessa pesquisa, visa ilustrar a atividade pesqueira na região da Amazônia do nordeste paraense na comunidade em estudo, registrando a importância da abertura da pesca na vida desses moradores tanto socialmente, economicamente, ambientalmente e culturalmente. Isso traz para a pesquisa um apanhado de valores que fazem a diferença nas vivências dessa população.

A hipótese estruturadora da pesquisa defende que na comunidade do rio Panacuera a pesca artesanal embora seja a principal atividade de obtenção de renda para a reprodução social dos pescadores artesanais, esses vêm buscando desenvolver nos últimos anos outras atividades paralelamente à pesca como meio de complementar a renda familiar.

Além da pesca do camarão, mapará, pescada, dourada entre outras espécies de pescado na comunidade do rio Panacuera, existem distintos recursos que os moradores da comunidade em estudo utilizam. O extrativismo do açaí é um deles, muitos pescadores em decorrência da diminuição da captura do pescado nos últimos anos, se desdobram numa dupla jornada de

² Dados coletados pelo próprio pesquisador

trabalho diário, isso ocorre com muita frequência na comunidade, muitos pescadores acreditam, que problemas naturais e ambientais podem estar afetando os cardumes na localidade.

Dessa forma, é necessário que o pescador saiba como proceder e atuar nos rios, de maneira que não venha a afetar a reprodução do pescado, buscando cumprir o período do defeso, para que haja a reprodução, não comprometendo as necessidades dessa população atual e tendo uma visão de sustentabilidade para as gerações futuras dessa região. Com isso, a problemática dessa pesquisa se faz presente, quando os recursos naturais utilizados pelos moradores da comunidade podem está sendo afetados por questões ambientais, naturais, sociais, gerando um desconforto nas famílias que dependem diretamente desses recursos para a sobrevivência.

Segundo Lúcia (2016), o desenvolvimento sustentável e o crescimento econômico devem levar em consideração o princípio da solidariedade intergeracional, pois ao demonstrar as necessidades nas mudanças nos paradigmas do crescimento com sustentabilidade de uma maneira solidária no enfrentamento dos problemas ambientais que podem conciliar desenvolvimento sustentável e crescimento econômico, desde que haja um planejamento que esteja adequado às exigências de ambos, considerando as inter-relações particulares a cada contexto político, sociocultural, econômico e ecológico numa dimensão espaço /tempo.

Ampliar os conhecimentos sobre o modo de vida de populações ribeirinhas da comunidade em estudo, nos dá a oportunidade de observar e compreender a dinâmica econômica do principal produto comercializado na comunidade do rio Panacuera, que no caso é o peixe, o camarão e o extrativismo do açáí, todos estes são distribuídos para o comércio local e regional. Busca-se, também, observar o fluxo da entrada e saída de mercadorias na localidade em estudo bem como o fluxo da economia no local, para compreendermos as peculiaridades que circundam a principal via onde é exportado o peixe, o camarão e outros produtos. Procura-se também desenvolver a cartografia do lugar para melhor representar as dinâmicas observadas na pesquisa de campo, registrar os locais de moradia e os pontos onde ocorre a maior captura de peixes, se há por eles uma divisão dos pontos onde se pode pescar onde não se pode efetuar a pesca e de outros recursos que se utiliza como fonte de renda para as estratégias de sobrevivência das populações pesquisadas.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O rio Panacuera é um rio de fronteira entre os municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri, municípios localizados no interior do estado do Pará, que tem envolvimento direto com a pesca e com o extrativismo. Os moradores de ambos os municípios fazem a pesca artesanal em conjunto para beneficiar seus familiares e comunidades, desenvolvendo a economia e o desenvolvimento social local.

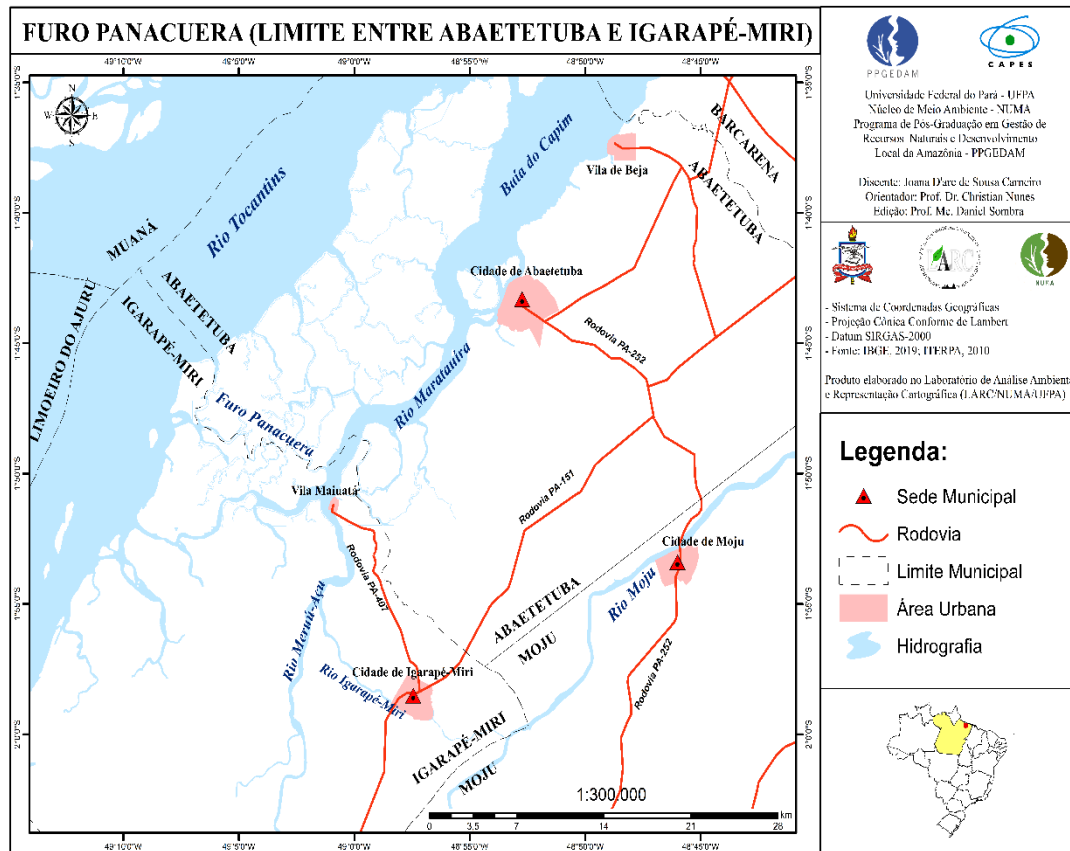
O nome Panakuera é oriundo do Tupy- Guarany, etimologicamente a palavra é justa posta, Panaku é um sufixo, que significa chapéu ou cobertura, (era) é um afixo podendo significar muito ou velho, sendo assim o significado fica Chapéu Velho, estas informações foram dadas pelo professor pesquisador do município de Igarapé-Miri, Santiago Quaresma Junior.

A localidade em estudo tem distinções de nomenclatura pelos municípios, em Abaetetuba a comunidade é conhecida como Panacuera e no município de Igarapé-Miri é chamada de Panacauera, estas nomenclaturas diferentes ocorreram para se diferenciar os lados dos municípios por onde o rio corta, pois um dos lados do rio pertence ao município de Igarapé Miri e o outro pertence a Abaetetuba, com isso as pessoas que nunca estiveram no local podem chegar ao devido lugar indicando o nome da localidade a ser visitada, ficando mais fácil para o condutor do barco a identificação da localidade pelo nome do lugar.

Os barcos freteiro de locomoção de ambos os municípios também são identificados pelos tripulantes de acordo com o município, ou seja, o tripulante que vai para o Panacauera deve se dirigir aos barcos do município de Igarapé Miri, os que vão para o Panacuera devem se dirigir ao barco pertencente ao município de Abaetetuba. Os barcos da região do rio Panacuera ficam alocados em frente da cidade de Abaetetuba, ou em frente ao município de Igarapé Miri.

O Mapa 1, mostra a localização exata do furo do rio Panacuera, esse está entre os municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri, desaguando no rio Tocantins. A linha tracejada que aparece no mapa é a orientação do furo do Panacuera, chamado limite municipal que divide os municípios.

Mapa 1- Furo do rio Panacuera entre os municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri



Fonte: UFPA.NUMA. LABORATÓRIO DE ANÁLISE AMBIENTAL E REPRESENTAÇÃO CARTOGRAFICA, 2020

Essa área é conhecida por pescadores de outras regiões de municípios próximos como, Cametá, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Baião, como um lugar rico em cardumes de peixes e com grandes produtores do extrativismo do açáí.

O Mapa 1, destaca a localização da área em estudo que é o furo do rio Panacuera, entre os municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri, os demais municípios que aparecem no mapa não fazem parte da área em estudo e por esse motivo não trazem relevância para o mesmo.

Na região do rio Panacuera nesse (Mapa 1) encontram-se residindo: comunidades católicas, evangélicas, pequenos agricultores ribeirinhos, pescadores artesanais e alguns agricultores familiares. Segundo o Colégio Eleitoral do Município de Igarapé-Miri, existem cerca de 8.000 mil habitantes residindo as margens do rio Panacuera, e cerca de 5.000 habitantes segundo o colégio eleitoral no município de Abaetetuba. Essa região é conhecida por pescadores de outras regiões de municípios próximos como, Cametá, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Baião, como constituindo uma comunidade com muitos cardumes de peixes e com grandes produtores do extrativismo do açáí.

2.1 Procedimentos metodológicos

Para melhor elucidar os resultados desta pesquisa, considerou-se os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento de informações secundárias e primárias. Para obtenção de informações primárias realizaram-se trabalhos de campo na comunidade do rio Panacuera entre 2018 a 2019. As informações secundárias resultam da revisão bibliográfica em órgãos públicos. As etapas desenvolvidas são apresentadas a seguir:

2.2 Levantamento de informações secundárias

Em relação ao material bibliográfico, as leituras de Cardoso (2016), Cruz (2012), Diegues (1993; 2012), Garcia (2011), Gondim (2003), Silva (2006; 2012), entre outros, foram de grande importância para abrir discussões de textos para embasar teoricamente as pesquisas de campo feitas na comunidade em estudo. Somadas a pesquisa, as discussões foram construídas em relação a viabilidade econômica dos pescadores artesanais. Dessa forma foi possível compreender a composição pelos moradores, bem como seus subsídios para sobrevivência, assim como os elementos culturais que norteiam as características únicas dos moradores da região.

2.3 Levantamento de fontes primárias

Inicialmente realizou-se campo exploratório visando o reconhecimento do local de pesquisa, em que foram realizadas conversas informais com os moradores da comunidade do rio Panacuera, esse período durou cerca de cinco dias, no qual foi possível identificar ainda que de modo provisório a situação dos moradores ribeirinhos que vivem da pesca na localidade. Também foram coletados pontos utilizados pelos pescadores, com a utilização de Global Positioning System (GPS) para a produção da cartografia de localização dos pesqueiros.

Assim foram coletados pontos geográficos utilizando o conhecimento da área relatada pelos pescadores. Também através das conversas informais, procurou-se conhecer como se desenvolve a pesca e identificar características da atividade para posterior utilização na construção do questionário para aplicabilidade com os demais pescadores do rio Panacuera.

No segundo e terceiro momento realizaram-se entrevistas abertas e conversas informais, bem como a aplicação de questionários, onde os pescadores indicaram índices qualitativos e quantitativos, o questionário foi organizado a partir do primeiro contato com os moradores em estudo, bem como observações *in loco*. É importante ressaltar que para obtenção dos dados optou-se pela adoção de grupos focais.

Para Gondim (2003), o uso de grupos focais é utilizado como uma técnica de investigação qualitativa metafísica compreensivista, considera os fatos individualmente, analisa as características, opõe-se ao que se pauta em análises gerais, estuda a teoria da interpretação de texto especialmente nas áreas de literatura, religião e direito. Uma outra característica de grupos focais são os fatores que afetam discursões nos grupos, em consequência disso a validade de seus resultados, um dos maiores desafios apontados metodologicamente pela referida técnica.

Os grupos focais podem estar associados a várias técnicas, uma delas é a entrevista individual, observação de cada participante, isso varia do interesse da pesquisa e do pesquisador, a análise ou o olhar facilita a avaliação do confronto de opiniões, pois cada pessoa isoladamente tem um pensamento específico sobre determinado assunto, isso permite fazer a comparação de conteúdo com o cotidiano dos participantes em seu ambiente natural (Cruz, 2012 apud MORGAN, 1997)

Ainda segundo Cruz (2012 apud MORGAN, 1997), os grupos focais podem estar associados a técnicas como entrevistas individuais, observações do participante, estas combinações devem através do moderador cobrir o máximo de variedades de tópicos possíveis, que servirá para promover uma discussão produtiva, não obstruindo a discussão para que a mesma siga fluente, intervindo somente para introduzir novas questões e para facilitar o processo em curso.

Desse modo, os informantes focais são compostos por 20 pescadores, os quais fazem parte dos chamados grupos ou mais comumente turmas de pesca, denominados pela autora de turma de pesca A, turma de pesca B e turma de pesca C, bem como, foram entrevistados também pescadores que não encontram-se inseridos em nenhuma das turmas de pesca, mas que durante décadas desenvolveram a pesca em parceria, fazendo parte dessas turmas, mas que na atualidade por motivos diversos realizam a atividade de modo individual mais voltado para o consumo familiar, porém ainda sim são detentores de um grande arcabouço de conhecimento adquirido na prática diária, além das pescadoras que realizam a pesca do camarão, assumindo relevância no complemento da renda familiar. Para manter o anonimato dos entrevistados, optou-se por não utilizar o nome dos mesmos, quando mencionados no corpo do trabalho aparecerá apenas como pescador ou pescadora, ou ainda pescador da turma A, B ou C. Em um apêndice consta o modelo de questionário utilizado na pesquisa.

A partir da sistematização dos dados coletados, a pesquisa encontra-se dividida em três seções. Na primeira seção procurou-se abordar alguns aspectos mais conceituais, isto é, como

o homem vem buscando modos de adaptar-se ao meio no qual encontra-se inserido, para tanto a pesca artesanal desempenha na região amazônica uma atividade importante para o desenvolvimento e reprodução das comunidades de pescadores, ainda que exista outras atividades que complementam a fonte de renda desses pescadores. Também são resgatadas informações sobre as colônias de pescadores no Brasil e alguns problemas dessas representações oficiais com os pescadores artesanais.

Na segunda seção procurou-se discorrer sobre o modo de vida do pescador artesanal, para tanto, inicialmente faz-se uma retomada das atividades desenvolvidas na Amazônia principalmente aquelas referentes ao Baixo Tocantins, em seguida apresenta-se o perfil dos pescadores da comunidade do rio Panacuera e uma cartografia dos pesqueiros conhecidos como pontos ou poços de pesca, sem perder de vista o desenvolvimento de outras atividades importantes para o complemento da renda, principalmente o extrativismo do açaí, e por fim, destaca-se o cotidiano das turmas de pesca, enfatizando as expectativas quanto a abertura da pesca após o período de defeso.

Na terceira seção explana-se com maior ênfase a importância econômica da pesca artesanal e do extrativismo do açaí para os pescadores da comunidade do rio Panacuera, procurando mostrar a viabilidade econômica de ambas as atividades para a reprodução social dos pescadores. Para tanto, enfatiza-se a importância dos recursos advindos da pesca e do extrativismo do açaí, mostrando um valor aproximado daquilo que o pescador após o seu trabalho, em seguida aborda-se os tipos de apetrechos conforme a atividade a ser realizada, os lucros resultantes dessas atividades e mostra-se a construção do produto final da referida pesquisa, procurando detalhar como se dará o manuseio junto à comunidade local.

Após as entrevistas, observações, registros fotográficos, foi possível a criação de gráficos e tabelas, que facilitam o entendimento da pesquisa, também propiciaram a produção de um calendário registro dos custos e lucros com a pesca, sendo um meio que será norteador para o controle dos pescadores da localidade, esse calendário terá vários propósitos, inclusive uma das propostas foi sugerida por um dos donos de turma, que confidenciou as dificuldades que os mesmos passam nas instituições públicas para provarem que realmente são pescadores artesanais.

Assim, uma das sugestões, é propor um calendário registro de monitoramento de produção e de custos, onde esse possa servir de documento para os pescadores que fazem parte das turmas de pesca, individual ou em família. Esse calendário pode ser considerado como um retorno a comunidade que contribuiu de forma decisiva para que fosse possível a concretização

da pesquisa, visto que os pescadores nos propuseram algo que os mesmos pudessem utilizar como ferramenta de auxílio ao trabalho realizado na pesca.

3 ADAPTAÇÕES DA POPULAÇÃO RURAL PARA A SOBREVIVÊNCIA

Esta seção busca discutir as estratégias de reprodução social das comunidades rurais na Amazônia com o intuito de fornecer subsídios para o entendimento da importância da pesca artesanal na comunidade do rio Panacuera. Deste modo, procura-se compreender as estratégias que as comunidades rurais adotam buscando os meios necessários para a sua sobrevivência, assim inicialmente aborda-se as adaptações do homem com o meio no qual habita. Em seguida trata-se da importância da pesca para a reprodução dos pescadores artesanais, tecendo algumas considerações sobre a condição móvel dos recursos pesqueiros e a importância dos conhecimentos que permeiam as pescarias. Depois, discorre-se sobre a relação do pescador com as Colônias de pesca artesanal, mostrando que se trata de uma relação necessária, principalmente na busca dos direitos do pescador. E por fim, aborda-se o extrativismo do açaí como uma alternativa de alimento e renda do pescador artesanal, sem perder de vista que essa atividade extrativista é desenvolvida por esses sujeitos visando a comercialização especialmente no período no qual a pesca encontra-se suspensa, configurando como um complemento da renda familiar.

3.1 O homem e as adaptações com o meio onde vive

Segundo Sorre (1984 apud SILVA, 2012), uma das concepções do homem, é a relação e a adaptação ao meio onde vive, não apenas levando em consideração o conceito topográfico, mas sim, todo o complexo que interage com o ser humano no ambiente. Existem elementos que o homem precisa se adaptar e é específico em cada área do globo terrestre, por isso, busca criar estratégias para sobreviver aos diferentes ambientes. O ser humano tem uma relação direta com as plantas devido a sua origem primata, pois inicialmente a alimentação era de vegetais e sementes. Nesse período a relação com as outras espécies de animais, era uma relação de presa e caçador. O homem naturalmente não possuía armas, não tinha dentes afiados, garras ou ferrões, adaptou-se as condições para sobreviver em cavernas.

O primeiro elemento a interferir na vida do homem é o chamado complexo climático, esse complexo pode ser entendido como todas as eventualidades ligadas ao clima no planeta, muitas civilizações tiveram situações catastróficas, pois são consequências da interferência humana no ambiente. Antes mesmo da existência do homem esses eventos eram de ordem natural e por muitas vezes o homem não conseguiu interferir ou evitá-los. As outras espécies vivas que existem, também interferem na vida do ser humano, entre esses estão os

microrganismos, as plantas e animais, esses seres se adaptam ao meio onde vivem também pela sobrevivência de suas espécies (AMARO, 2016).

O homem passou a interferir na relação com a natureza em suas ações no ambiente por onde passava, isso a centenas de milhares de anos, bem como passou a adaptar-se aos vários ambientes, como variações de temperatura, pressão atmosférica, radiação solar, precipitação, entre outros. Eles vivem em ambientes com características diferentes, isso exigiu que o homem se diferenciasse e criasse modos de adaptar-se ao meio. Neste contexto variam, a alimentação, suas vestimentas, sua moradia, tudo para sobreviver ao meio onde se encontra (LA BLACHE, 1954 apud SILVA, 2012).

Uma relação de harmonia é importante, pois está ligada ao modo de vida que o ser humano deve possuir, que anteriormente era nômade, mas com a prática da agricultura, firmou-se em um determinado território. Isso se deve ao fato dele viver inicialmente da coleta de frutos, sementes, mas com a evolução das ferramentas também surgiu a evolução do conhecimento do homem com as outras espécies. Inicialmente as plantas permitiram ao homem cultivá-las, fazendo assim esse recurso durar por muito mais tempo, destaca-se também, a criação das armas e o descobrimento do fogo, esse trouxe ao ser humano a possibilidade de ocupação em áreas diferentes, mesmo em períodos de muito frio (LA BLACHE, 1954 apud SILVA, 2012).

A relação do homem com outro homem, é chamada de complexo social, pois desde que o ser humano surgiu no mundo, vive no mesmo regime que os outros animais, grupos ou bando, porém esses grupos passaram por inúmeros conflitos, hoje ainda existem, por motivos sociais, econômicos, culturais e territoriais. Mudanças comportamentais do homem vêm ocorrendo desde sua origem, passando de nômade para ocupante de um território, e com o passar dos séculos essas mudanças aumentaram, tendo início a partir da ocupação de uma área, tornando-se sedentários.

A partir da sedentarização uma outra organização do trabalho passa a ser observado, houve divisão das tarefas, essas eram organizadas de acordo com a aptidão de cada um, como: homens fortes eram responsáveis pela caça, os mais habilidosos eram responsáveis pela coleta de alimentos ou pela pesca, assim foram se organizando conforme suas necessidades.

A forma de organização de trabalho se difere em diferentes pontos do planeta, isso ocorre também com a pesca artesanal, pois existem interferências que variam no clima, na cultura, nos hábitos alimentares, na religião, cada povo tem sua identidade, mas sempre encontraremos algo que todos os pescadores em cada parte do planeta tem em comum, algo que é próprio de pessoas que fazem a pesca artesanal.

No que concerne a pesca, que se desenvolveu na Amazônia de modo complementar a outras atividades já existentes, tal como a caça e coleta de produtos da floresta, praticadas pelas populações indígenas como complemento da dieta alimentar (ISAAC-NAHUM; BARTHEM, 1995), essas podem pequenas mudanças de um região para outra dentro da mesma região Amazônica.

Em contexto mais recente, Furtado (1993) ao estudar os pescadores artesanais do baixo rio Amazonas, discorre sobre os pescadores monovalentes e polivalentes. Os pescadores monovalentes são aqueles que segundo a autora dependem fundamentalmente dos recursos advindos da pesca para obter os meios mais elementares para a sua sobrevivência, a pesca é a sua única fonte de renda. Por outro lado, os pescadores polivalentes são aqueles que além da pesca desenvolvem outras atividades complementares, podendo ser desde a criação de animais, extrativismo vegetal, dentre outros, mas em ambas as situações assumem grande importância. Contexto a partir do qual pode ser estudado os pescadores da comunidade do rio Panacuera, os quais podem ser considerados como polivalentes, estando inseridos num contexto mais abrangente, que o setor pesqueiro engloba.

3. 2 Considerações sobre a pesca artesanal

O setor pesqueiro no Brasil, passou por sérias mudanças na década de 60, e infelizmente as agências governamentais nesse período insistiram numa visão distorcida dos pescadores artesanais, chamando-os de trabalhadores morosos. Essa foi a justificativa ideológica do governo para explicar a falta de apoio a pesca artesanal no Brasil, todavia o governo apoiou com veemência a pesca empresarial pelo Decreto-Lei 221, de 1967 (Núcleo de Apoio a Pesquisa Sobre População Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras p. 127, 2012).

Para Ricardo (2000), na região amazônica, considerando a atuação política dos pescadores relacionado à regularização da atividade pesqueira no Estado do Pará, dois momentos recentes marcaram a normatização do exercício da modalidade econômica da pesca artesanal, a complementação da Lei Estadual nº17, em janeiro de 1994 e a Constituição Estadual de 1989. O caboclo da Amazônia tem uma relação peculiar com os elementos da natureza garantindo com isso os recursos necessários para a sua sobrevivência e reprodução cultural, pois esse pescador exerce várias atividades produtivas que agregam ao seu dia-a-dia como caça, extrativismo vegetal e agricultura (RICARDO, 2000).

O governo brasileiro, construiu o acordo de pesca a partir da década de 1980, essa construção partiu do conhecimento ecológico local em consonância com as Leis, Decretos,

Portarias e Instruções Normativas emitidas pelos diversos órgãos ambientais, organizando uma gestão de recursos em uma parcela territorial.

Conforme Cruz (2012), os recursos pesqueiros são móveis, ou seja não se pode delimitar a restrição das áreas que fazem parte do cotidiano da vida do pescador artesanal da comunidade e de comunidades adjacentes, pois são de uso comum, e para firmar esse uso, os pescadores locais, utilizam os acordos de pesca, que contem regras e o controle de uso ao acesso dos recursos pesqueiros inseridos na extensão territorial, compreendidos na comunidade, visando assegurar a atividade pesqueira produtiva, reduzindo com isso os conflitos pelos espaços de pesca.

Ainda conforme a autora, em algumas localidades, os pescadores adotam o acordo de pesca, pois essa estabelece regras para a utilização de territórios aquáticos específicos, ou seja, os locais de maior concentração de piscosidade, estabelecidas de acordo com a pesca realizada pelos mesmos. Os pescadores que não fazem parte da região devem seguir as regras locais, levando em consideração a quantidade do pescado e os apetrechos que podem ser utilizados para a realização da pesca, isso tudo para garantir as condições de uso geográfico existentes.

Nas comunidades em que inexistem acordos de pesca, os pescadores podem estabelecer acordos informais entre si, definindo territórios individuais ou coletivos. No primeiro caso, esses acordos atendem um número limitado de indivíduos, sendo comum à sua existência nas proximidades das residências dos pescadores artesanais, por outro lado, os acordos envolvendo territórios coletivos, apresentam abrangência territorial de grandes extensões, ocupados por indivíduos de um mesmo grupo familiar ou dos membros de uma mesma comunidade.

Desse modo, o território representa o produto da atuação dos pescadores sobre as águas, os quais buscam modos de organizar a prática da pesca visando a captura dos recursos pesqueiros, utilizando para tanto diversas técnicas envolvendo todos os indivíduos participante de um grupo ou de grupos, essas técnicas abarcam desde a identificação das áreas piscosas que podem ser entendidas também como aquelas que reúnem os cardumes, bem como os movimentos que os pescadores realizam no cerco e captura do pescado (RICARDO, 2000).

Segundo Cruz (2012), os locais onde se encontram os poços de pesca não são bem definidos, causando conflitos, pois não há demarcação de território que possam delimitar as áreas para a pesca de determinado grupo, ou seja as fronteiras não são bem definidas e os grupos de pescadores que dependem da área de pesca, não podem excluir nenhum grupo, pois o território aquático é um bem da união e todo pescador cadastrado ou não na colônia de pescadores, possui direito iguais de exercer a atividade pesqueira.

Ainda que os recursos pesqueiros sejam móveis e ocorram em espaços indivisíveis, existem conhecimentos que possibilitam ao pescador identificar as áreas piscosas. De acordo com Maldonado (1988, p. 263), na pesca artesanal, o “mestre” se caracteriza como o responsável e o patrono do destino do barco e de todos os companheiros de pesca, é como mediador entre o mundo da terra e o mundo do mar o mestre é como um guardião do segredo do grupo.

Nesse sentido, é comum nas pescarias que envolvem grupos de pescadores encontrar um mestre, sendo aquele detentor do conhecimento e das técnicas para a identificação das áreas piscosas. Esse conhecimento resulta da experiência diária, do saber ouvir a natureza e nela se localizar, identificar os recursos necessários para a sobrevivência das famílias de pescadores.

Portanto, o rio é marcado pela fluidez das águas e de seus recursos, esses são naturais, e podem sofrer instabilidade, provocadas por fatores meteorológicos e oceanógrafos, bem como pela variação e migração das espécies, reprodução, poluição. Para a população que vive as margens de rios e mares, além do contingenciamento do pescado, o mar também pode ser traiçoeiro, por causar acidentes e naufrágios (NUPAUB, 2012).

Deste modo, verifica-se que no desenvolvimento da pesca artesanal são diversos os fatores atuantes sobre a atividade, os quais incidem diretamente sobre a captura dos recursos pesqueiros. Além das condições naturais, existem também outros fatores que agem muitas vezes no sentido de dificultar ainda mais a sobrevivência dos indivíduos que dependem diretamente dos recursos advindos da sua comercialização.

Segundo Begossi (1992 apud RAMIRES 2012; DIEGUES, 1988), a pesca artesanal tem um ambiente natural de exploração, esse sofre constantes mudanças, contudo as atividades pesqueiras estão restringidas ao limite imposto pelo meio ambiente, as estratégias utilizadas em busca do pescado são incertas, pois essas dependem do clima, tempo, viabilidade de cardumes entre outras coisas.

Hoje, a produção pesqueira artesanal na região Norte, é uma das maiores em capturas de pescado, essa é de fundamental importância para a economia do Estado, pois o Pará está entre os maiores exportadores de pescado para o restante do país, além disso a pesca artesanal ainda é responsável por fornecer uma parte importante do produto consumido internamente no Estado (ANTONIO, 2005).

Nas comunidades onde a pesca faz parte da economia direta das famílias rurais, o rio é o lugar onde os recursos naturais estão ligados a sobrevivência de toda comunidade. O mar e rio fazem parte da economia, da vida social e cultural, é por eles que as pessoas transitam, por

lá se chega e sai para outros lugares. O ambiente marítimo é vital para a sobrevivência dos que residem nesse ambiente, pois os recursos extraídos dele sustentam não só famílias rurais como as famílias urbanas. Na comunidade em estudo existem vários grupos pesqueiros, que buscam trabalhar dia após dia para o sustento de suas famílias, esses pescadores trabalham em harmonia em turmas de pesca, individualmente ou em família.

3.3 A relação do pescador com a colônia de pescadores

As primeiras colônias de pescadores no Brasil, surgiram no final de 1919, isso porque o país passaria a importar peixes, então a Marinha teve interesse em agrupar os pescadores em virtude do grande litoral brasileiro, as colônias, ou seja os agrupamentos, foram iniciadas em Belém do Pará, pelo comandante Frederico Vilar, e o lema adotado pela marinha para a fundação das colônias foi: “Pátria e Dever”. O interesse da Marinha era sistematizar o conhecimento dos pescadores, pois esses eram conhecedores dos ‘segredos’, de rios e mares (CARDOSO, 2001 apud NUPAUB, 2012).

O primeiro estatuto das colônias data de 1º de janeiro de 1923, o qual determina ter direito de pescar nos rios e mares somente o pescador que estivesse matriculado na colônia, também conhecido como agrupamento. A relação que passou a existir entre o Estado e o pescador era de paternalismo e assistencialismo, pois o governo doava as redes de pesca, oferecia serviços de saúde, criou algumas escolas para os filhos dos pescadores, com a finalidade de militarização e treinamento para os jovens, esses eram chamados de escoteiros do mar (Congresso Nordeste de Produção Animal, 2019). Na era Vargas em 1930 com a instituição do Estado Novo, a organização dos pescadores passou por mudanças, através do Decreto nº 23.134/33, cujo o objetivo seria gerenciar a pesca no país. Em 1934 foi criado o primeiro código da pesca, onde pescadores foram subordinados a divisão de caça e pesca, esses deixaram de estar subordinados ao Ministério da Marinha e passaram para controle do Ministério da Agricultura, (Congresso Nordeste de Produção Animal, 2019)

Posto que, apresentavam conhecimentos de grande importância sobre o meio aquático, podendo auxiliar na fiscalização da costa. Conforme Silva (2006), os conhecimentos sobre o ambiente aquático aliado aos conhecimentos da navegação são dois componentes fundamentais dos pescadores tanto para a defesa do território nacional quanto do seu ambiente de trabalho.

O gerenciamento dos pescadores após 1930 passou a ser feito pelo Ministério da agricultura, mas em 1942, foram subordinados ao Ministério da agricultura da Marinha pelo Decreto-Lei nº 4.899 de outubro de 1942. A partir de 1967 foram instituídas normas para o exercício da atividade pesqueira, retornando para o Ministério da Agricultura que criou através da Portaria nº 471 de 26 de dezembro 1973, um estatuto para todas as colônias de pescadores. Em 1988 com a nova Constituição Federal, as colônias de pescadores foram equiparadas em seus direitos sociais aos sindicatos dos trabalhadores rurais, pois segundo o Artigo 8º da nova constituição, a colônia dos pescadores passa a ter autonomia sem intervenção do Estado (CARDOSO, 2016).

De acordo com Silva (2006), a partir da criação das Colônias de pescadores tem-se o reconhecimento tanto da importância da atividade quanto da própria categoria pela sociedade e o Estado. Importância esta que passará por períodos distintos, ora serão valorizados, ora desvalorizados com ações que favorecem a pesca industrial em detrimento da artesanal.

No âmbito estadual, as Colônias estão vinculadas a uma Federação de Pescadores do Estado do Pará, existem também o Movimento dos Pescadores do Estado do Pará. Em âmbito nacional o vínculo é com a Confederação dos Pescadores do Brasil. Atualmente, o Pará conta com mais de 100 Colônias de pescadores distribuídas em todo o seu território Estadual, pois ela acontece em quase todos os 144 municípios (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis, 2007).

Com a promulgação da Constituição de 1988 as Colônias de pescadores passaram a exercer novos papéis, agora consideradas como organizações de ordem Sindical. Entretanto, muitas colônias não têm infraestrutura para o funcionamento. A inadimplência do grande número de associados é a principal dificuldade que as mesmas têm para continuar funcionando.

Os pescadores passaram por muitas mudanças na sua forma de trabalho com a pesca artesanal, as mudanças na paisagem desse ambiente são diários, isso devido aos novos elementos de modernidade principalmente com relação a evolução do maquinário que eles utilizam, anteriormente era utilizado apenas o barco a remo, que exigia um maior esforço físico e dependia muito do modo como o rio se encontrava, mas hoje, quase todos os barcos possuem motores cada vez mais potentes, e a produção do pescado chega muito mais rápido nas feiras e nos mercados das cidades, pois são produtos perecíveis que podem estragar com mais facilidade (GARCIA, 2011).

Além disso, as relações de pescadores com as colônias podem sofrer variações dependendo da área de atuação. Nos municípios de Abaetetuba e Igarapé Mirim, as Colônias

de pescadores Z-14 e Z-17, respectivamente, em 2017 cerca de 3000 pescadores, perderam o direito ao seguro defeso, implementados pelas mudanças no Governo Federal, os pescadores recorreram e esperam ser reintegrados no sistema novamente.

Diante desse quadro para a complementação da renda familiar, muitos pescadores passaram a trabalhar em roçados e com a apanha e venda do açai. Essas são uma das alternativas de renda mais utilizadas pelos pescadores da comunidade para que seus familiares não venham a padecer com a falta do recebimento do auxílio trabalhista.

Segundo o Instituto Nacional do Seguro Social - INSS (2019), o seguro desemprego é pago ao trabalhador que não tenha outra forma de renda durante a piracema- período em que não é permitido pescar, devido a reprodução dos peixes, a justificativa para os que não estão recebendo é falta de algum documento ou a identificação de alguma pendência decorrente do batimento das várias bases de dados governamentais, cerca de 172.819 mil pescadores ainda não receberam o seguro, mas todo pescador receberá uma notificação por sua entidade representativa (colônia de pescadores), assim que as medidas forem cumpridas, ou seja as exigências, a liberação das parcelas, inclusive as atrasadas se houver serão debitadas.

Após conversas informais e formais com os pescadores, muitos dos filiados nas colônias Z-14 e Z-15 informaram que não estão recebendo o seguro defeso e não receberam nenhum tipo de notificação do Governo Federal ou da própria Colônia de Pescadores para justificar o corte ou a suspensão do seguro defeso. Segundo eles, a situação ainda não está resolvida e até o momento dessa entrevista, nenhum pescador havia sido reintegrado, e nenhuma justificativa formalizada teria sido informada, dificultando a vida das famílias que dependem desse valor no período da desova que inicia no dia 01 de novembro indo até o último dia de fevereiro.

Ainda conforme os pescadores da comunidade do rio Panacuera, cerca de 2000 pescadores da Z-14 e 1000 pescadores da Z-15 no período de 2017 a 2018, foram desvinculados pelo governo federal, passando a não terem o direito ao recebimento do seguro defeso, prejudicando a vida de muitas famílias que precisam desse auxílio do governo federal pelo longo período que se estende o período da desova. Segundo o presidente da colônia Z-15, essas não receberam do Governo Federal quais os critérios utilizados para o desligamento de tais pescadores que justificassem o desligamento do beneficiário do seguro defeso. Houve um grande movimento dos pescadores que passaram a entrar com recursos na FEPA para que os mesmos tivessem seus direitos reintegrados novamente, essa reintegração segundo os pescadores ainda não ocorreu no ano de 2019.

Das pescadoras entrevistadas cerca de 40% não são associadas na colônia dos pescadores por serem funcionárias públicas, pois a pesca artesanal pode ser exercida por qualquer produtor autônomo que utilize técnicas tradicionais de pesca e pequenas embarcações não impedindo as mesmas de continuarem exercendo a função de pescadora (PORTAL BRASIL, 2020). Muitas pescadoras de camarão ou até mesmo de peixe, não estão ligadas a nenhum órgão pesqueiro, pois as pescadoras têm vínculos públicos, e não podem fazer parte de associações seguindo regras impostas pelo Governo Federal, mas isso não impede que essas mulheres sejam pescadoras mesmo tendo uma renda fixa, a pesca para as pescadoras é uma complementação na renda familiar.

Quanto aos pescadores entrevistados, apenas 10% não é associado na colônia dos pescadores. Dentro da comunidade alguns pescadores deixaram de pagar a mais de dois anos a colônia de pescadores, um dos motivos é que alguns tiveram o benefício cortado em 2016 pelo governo federal, onde os mesmos não foram notificados por qual motivos estavam sendo desligados do sistema. Mesmo eles entrando com recursos na Colônia de Pescadores, essa por sua vez também não o motivo do desligamento. Segundo os pescadores desligados do sistema, o Governo Federal estava com o presidente interino e muitos pescadores do Brasil, tiveram seus benefícios de pescador negados, com isso os mesmos não tiveram dinheiro para pagar o valor da parcela de associado da Colônia no valor de R\$ 30,00 mensais.

Portanto, observa-se que são distintas as dificuldades pelas as quais os pescadores enfrentam, dificuldades que tendem a se agravar quando vivenciam situações de impedimentos quanto ao acesso dos recursos fundamentais a sua reprodução social. O período do defeso, é onde eles buscam alternativas para complementar a renda familiar, pois segundo eles o dinheiro do seguro defeso demora para sair, e esse ano, muitos deles perderam o direito de receber, e a colônia está tentando resolver a situação, enquanto isso os pescadores precisam sobreviver, para tanto buscam formas alternativas de complemento da renda familiar.

3.4 O extrativismo do açaí como fonte de alimento e renda do pescador artesanal

Segundo Nogueira, Figueredo e Muller (2005), o açaizeiro (*Euterpe oleácea Mart.*), é uma palmeira nativa da Amazônia brasileira que habita especialmente em áreas de várzea e as margens dos rios, pois é uma planta que prefere os terrenos alagados e áreas úmidas, os estados onde o fruto melhor se adapta são: Amapá, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso e Pará.

O gênero *Euterpe* engloba cerca de 28 espécies, dentre elas destacam-se três que são as mais importantes no Brasil: a espécie *E. Oleácea*, que se encontra, principalmente, nos estados

do Maranhão, Amapá, Pará, e no vale do Baixo Amazonas até as Guianas, Venezuela e Trinidad; a espécie *E. precatória*, que está situada nas regiões centrais e ocidentais da Amazônia; e a espécie *E. Edules*, antes abundante na floresta Atlântica e no centro Sul do país, e que hoje se encontra seriamente ameaçada pelo desordenamento verificado na exploração de seu palmito (NOGUEIRA, 2005).

O extrativismo vegetal do açaí, dependendo da região em que é produzido, pode desempenhar tanto papel central quanto secundário na geração de renda do grupo familiar. No que concerne a área de estudo, historicamente, o açaí é um importante componente da alimentação de todos aqueles que fazem parte dessa região.

Contudo, somente no final da década de 1960, a palmeira se tornou objeto de interesse das fábricas de beneficiamento dos frutos para exportação. Muitas produtoras de conserva de palmito do Sul e Sudeste do país também tiveram interesse em fazer o beneficiamento do fruto do açaí. Na região do rio Panacuera, existem três fábricas de palmito que ainda estão no mercado, e que fazem o tratamento do palmito.

A palmeira do açaí tornou-se uma fonte de renda significativa para a população das ilhas e cidades paraenses. O extrativismo do açaí, tem influenciado de maneira direta economicamente a vida das populações rurais, especialmente nas localidades que apresentam condições favoráveis para o desenvolvimento dos açazais. Assim:

O açazeiro se destaca, entre os diversos recursos vegetais, pela a sua abundância e por produzir importante alimento para as populações locais, além de ser a principal fonte de matéria-prima para a agroindústria de palmito no Brasil. As maiores concentrações ocorrem em solos de várzeas e igapós, compondo ecossistemas de floresta natural ou em forma de maciços conhecidos como açazais, com área estimada em 1 milhão de hectares. Também ocorre em áreas de terra firme, principalmente quando localizadas próximas às várzeas e igapós (NOGUEIRA; FIGUERÊDO; MÜLLER, 2005, p. 11-12)

Os valores nutricionais do açaí, vêm despertando o interesse de pesquisadores de todo o mundo. O mercado do consumo do açaí aumentou nos últimos anos consideravelmente segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, oportunizando o mercado para as populações ribeirinhas do estado do Pará. O beneficiamento e congelamento quadruplicou o consumo dentro do estado, antes o consumo do fruto era restrito somente no período da safra, hoje, com o manejo houve uma mudança na mesa do paraense, mesmo no período de ante safra, há açaí no mercado.

Com base nos dados de 2015, cerca de 75 mil toneladas de polpa são comercializadas anualmente para outros Estados do Brasil, e para outros países são quase 6 mil toneladas

comercializadas para mais de 30 países. Calcula-se que quase 10% de toda produção pasteurizada seja exportada para outros países, 30% seja vendido para outros estados e 60% fique para o consumo dos paraenses. O fruto do açaí é rico em inúmeras substâncias, dentre elas ferro, manganês, cálcio, gordura vegetal, potássio, vitamina B1, B2, C e E. Segundo uma pesquisa organizada pela USP de Ribeirão Preto, EMBRAPA. O açaizeiro está inserido na história regional de cada parte do estado do Pará, como alimento e produto comercial.

Existe uma importância social, econômica e cultural do açaizeiro para um dado grupo social, especialmente em zonas ribeirinhas, está fundamentada nos significados reais que ele vem contraindo a partir de seus usos sociais: como alimento, como mercadoria, como ornamentação e como hábito cultural.

No entanto o fruto do açaí não se restringe apenas ao consumo do suco da fruta ou na venda do fruto. A palmeira do açaí como um todo, tem grande participação no mercado industrial. O caroço serve para, as biojóias³, carvão para filtros, adubo orgânico, a polpa da fruta se utiliza em suco, cosméticos, vitaminas, suplementos, sorvetes, comidas, a árvore como um todo pode ser utilizada para a produção de adubo para plantas.

O açaizeiro é totalmente aproveitável; dele se pode obter além de seus produtos que são o palmito e polpa do fruto; os subprodutos que são as folhas, o caule, as raízes, os cachos frutíferos e as sementes. Essa palmeira é de fundamental importância para as famílias tanto da região ribeirinha como da área urbana, destacando sua utilidade para a população dessas regiões que dependem do açaí.

Todavia as discussões sobre o desenvolvimento da Amazônia na década de 70 incidiram principalmente sobre a necessidade e possibilidade de aproveitamento das potencialidades da região (COSTA, 1973). Portanto o extrativismo do açaí, implica diretamente na renda da família dos moradores da comunidade do rio Panacuera, bem como na alimentação, há quem trabalhe diretamente ou indiretamente com o extrativismo.

Segundo dados do IBGE (2017), o açaí obteve dentro do grupo dos produtos alimentícios um maior valor na produção nacional. Com esse aumento de 10,5% no valor de produção (R\$ 596,8 milhões) de açaí. Essa alta produção se deve a valorização do produto não só por seu delicioso sabor, mas pelo seu alto poder nutricional e energético, com a valorização do açaí, sua comercialização deixou de ser feita apenas em regiões de sua origem e passou a ser expandindo para outras regiões e até para outros países.

³ Biojóias: São joias feitas de sementes e folhas naturais da Amazônia, tratadas e que podem ser banhadas a ouro, e conter pedras preciosas.

A região Norte concentra o maior percentual de produção do açaí, os estados do Pará e Amazonas somam 87,5% do total produzido nacionalmente (IBGE, 2017). Em contrapartida a essa intensa produção de açaí acaba gerando um considerável aumento na quantidade de caroços, com isso gera um grande percentual de resíduos sólido que precisa ser destinado para ambientes destinados a resíduos orgânicos, fabricas produtoras de carvão.

Conforme Santos (2012), existem as atividades complementares no desenvolvimento da pesca artesanal, essas se complementam com o extrativismo do açaí, em áreas de várzeas a criação de animais de pequeno porte, são utilizadas como auxiliar para a garantia da segurança alimentar e econômica das famílias rurais. Isso é causado pela incerteza que assola a atividade pesqueira no estado do Pará, deixando o pescador com dupla jornada de trabalho.

Dada a insegurança alimentar daqueles que dependem diretamente dos recursos pesqueiros, a extração do açaí seja para a alimentação como para a comercialização tornou-se uma fonte de renda complementar significativa na vida econômica dos pescadores de comunidade ribeirinhas. Essa complementação do extrativismo faz parte direta ou indiretamente da vida de cada morador da comunidade em estudo, sejam elas com visibilidade social, econômica, agrônômica, etnobotânica, antropológica ou política.

As famílias e a própria natureza se encarregam de renovar os açaiçais, respectivamente fazendo a limpeza e o replantio do fruto, isso ocorre quando um vento forte atinge as árvores deixando cair ao chão às sementes que adentram o solo produzindo novos açazeiros, uma das intervenções ainda que poupa os coletores de açaí é quando uma nova muda nasce então eles tiram árvores maiores que possam fazer sombra para plantar a recém- geminada, eles também fazem a limpeza dos açaiçais.

Para ICMBIO (2019), o plano de manejo, visa cumprir com os objetivos estabelecidos na sua criação pela Lei Nº 9.985/2000, que estabelece o Sistema Nacional de Unidades de Conservação e define o Plano de Manejo como um documento.

Muitos pescadores em seus lotes de terra cultivam o açaí para complementar a renda familiar, aqueles que não tem o cultivo, trabalham com os pescadores que possuem fazendo a colheita, ou na limpeza dos terreiros onde se cultiva o fruto, isso ocorre principalmente no período do defeso da pesca entre os meses de novembro a fevereiro, quando abre a pesca novamente.

A importância que o fruto dessa palmeira representa para a população em estudo, está ligada principalmente a alimentação das famílias dos pescadores. Para esses, no período da safra, se consegue obter muito lucro com o cultivo do fruto, esse é vendido em rasas para os

atravessadores, e levados para as feiras livres dos municípios de Abaetetuba e Igarapé-Miri. Boa parte desse produto é comercializado fora do Estado do Pará. Os frutos são transportados em caminhões para a capital Belém, onde são industrializados em fábricas, em seguida são exportados para outros lugares do país e do mundo.

Na safra, há um aumento na comercialização do produto em diferentes locais de áreas ribeirinhas, sendo trazidos para diversas regiões por barcos de pequeno e grande porte. Todos se beneficiam da venda, no entanto, os lucros se concentram nas mãos dos donos de fábricas e dos atravessadores, pois segundo os moradores da localidade em estudo a venda para os atravessadores é de baixo custo.

Assim, os pescadores da comunidade do rio Panacuera, que possuem lotes significativos de terra, fazem o plantio do açaí para o consumo e para venda do produto, pois segundo os mesmos o trabalho com a pesca não é suficiente para a renda da família. Os que não tem lotes, trabalham na colheita e na limpeza dos açazais de conhecidos ou familiares. Com todas essas descobertas e tantos benefícios, não só na saúde, mas pelo efeito ecológico positivo, o açaí ultrapassou as fronteiras de origem, se transformando em um grande aliado das economias locais e conseqüentemente do país, com isso ouve um aumento da produção na localidade em estudo.

Portanto, o açaí na comunidade em estudo, embora não seja o principal meio de obtenção de renda dos pescadores, mesmo porque o período de colheita varia de agosto a dezembro, é um coadjuvante fundamental que está presente na alimentação diária de todas as famílias dos moradores do rio Panacuera, essas famílias tem o açaí como base fundamental do dia a dia, as atividades complementares como o extrativismo garante ao pescador da comunidade do rio Panacuera uma segurança alimentar e econômica, sendo o cultivo dessa palmeira uma atividade de complementação par todos os pescadores dessa região de forma direta para os que têm áreas de plantio do fruto e de forma indireta para os pescadores que fazem diárias de trabalho para complementar a renda da família, como será melhor detalhado em tópico específico que tratará da viabilidade econômica do fruto para a reprodução social dos pescadores artesanais da comunidade do rio Panacuera.

4 MODO DE VIDA DO PESCADOR ARTESANAL NA COMUNIDADE DO RIO PANACUERA

A pesca artesanal na Amazônia, consiste numa atividade que vem sendo desenvolvida ao longo dos séculos, inicialmente com os povos indígenas, até chegar na atualidade com as populações habitantes tanto dos centros urbanos regionais, como das comunidades ribeirinhas. Dada a importância da referida atividade para as populações locais, esta seção faz inicialmente uma retomada das atividades desenvolvidas no baixo Tocantins até chegar na pesca artesanal. Em seguida realiza-se uma caracterização dos pescadores artesanais da comunidade do rio Panacuera, destacando entre outras características a escolaridade e as atividades que mais influenciam no complemento da renda familiar das pessoas dessa região, trazendo consigo as influências dessas atividades que perpassam pela cultura, economia, ambiente e pelo social. Também discorre sobre a pesca apresentando a cartografia resultante do mapeamento participativo dos pesqueiros utilizados pelos pescadores da comunidade. E ao final, dar-se ênfase a experiência em lócus, no qual a autora detalha com riqueza de detalhe a união, companheirismo e o conhecimento dos pescadores nas pescarias, sem deixar de ressaltar a expectativa e a esperança desses indivíduos para a realização de pescarias produtivas.

4.1 Atividades desenvolvidas no baixo Tocantins: dos engenhos a pesca artesanal

As comunidades rurais, principalmente as do norte do país, proliferaram inicialmente com a produção de açúcar e aguardente a partir da implantação da monocultura de cana-de-açúcar no final do século XVI, cujo escoamento de tais mercadorias foi favorecido pelo emaranhado de rios existentes na região, bem como a exportação de produtos nativos denominados como “drogas do sertão” (MOURÃO, 1989).

Os engenhos do Baixo Tocantins, eram semelhantes aos do Nordeste e Sudeste do país, as atividades com o plantio de cana-de-açúcar se expandiram pelo Baixo Tocantins e chegaram aos municípios de Igarapé Miri por volta de 1712 e em Abaetetuba por volta de 1850. No século passado a economia desses municípios foram fortalecidas pela presença dos engenhos, que produziam o açúcar mascavo e aguardente. Muitos ribeirinhos compravam ou trocavam suas mercadorias como cacau ou látex com os produtos que vinham dos engenhos como o açúcar e principalmente a cachaça (GARCIA, 2011).

O declínio dos engenhos foi deflagrado com a chegada da indústria de cana-de-açúcar ocasionando o fechamento das fábricas artesanais de comunidades em todos os Estados. Na comunidade em estudo não foi diferente, assim como ocorreu em muitas cidades e ilhas pelo

Brasil afora, os pequenos donos de engenhos não aguentaram a concorrência no mercado brasileiro e acabaram por largar os engenhos e optar por outra forma de renda para a subsistência, ocasionando com isso o êxodo rural, forçando a migração de moradores rurais para a cidade ou para a capital do Estado em busca de novas condições de trabalho, isso ocorreu principalmente com os donos de engenhos que tinham aptidão para os negócios, passando a trabalhar com o comércio, conseguindo em sua maioria prosperar.

Por outro lado, aqueles mais empobrecidos que migraram para as sedes municipais em busca de oportunidades ao perderem suas condições de subsistência, passaram a ocupar áreas insalubres e mais distantes, desenvolvendo trabalhos braçais nas cidades e na capital. Com o encerramento desse ciclo, houve, desequilíbrio econômico, social, ambiental e cultural.

As populações rurais foram reduzidas a pobreza, muitas comunidades do Baixo Tocantins, passaram por várias adaptações, famílias tiveram que mudar de comunidades rurais para comunidades urbanas, esse fato ocorreu por não conseguirem se adaptar a nova forma de trabalho, principalmente os donos de engenhos, que não se adaptaram em seus açudes vazios e cheios de poeira. No final do século XX, dada as condições de escassez, houve nas comunidades rurais do Baixo Tocantins, um processo de organização social, construíram em nível de planejamento ambiental e manejo integrado a plantação do açaí e atuaram no processo de industrialização para a comercialização (LOBATO, 2011).

No tocante a pesca, os moradores das comunidades que permaneceram no seu espaço de moradia, passaram a intensificar a pesca artesanal após o fechamento dos engenhos, pois precisavam de uma nova forma de renda, passando a se organizar em grupos de pescadores ou mesmo individualmente para obter o sustento da família. A produção do pescado era vendida para os atravessadores que ali se encontravam em barcos com gelo, os quais faziam o armazenamento do pescado que seria levado para os mercados das cidades próximas ou para a capital do Estado.

Os barcos a óleo diesel chegaram à região por volta da segunda metade da década de 1980, facilitando a vida dos moradores e dos atravessadores em suas novas formas de renda. O sistema de atravessadores ocorre até hoje, ou seja, os barcos geleiros que fazem o transporte do pescado para os municípios da região e para a Capital do Estado, continuam fazendo o armazenamento do pescado do mesmo modo identificado antes da chegada dos barcos a óleo diesel (LOBATO, 2011).

Outra transformação que incidiu sobre o desenvolvimento da pesca ocorreu com a construção da hidrelétrica de Tucuruí em 1980. Segundo Lobato (2011), a construção dessa

hidrelétrica impactou diretamente a vegetação e o pescado no município de Igarapé Miri e municípios vizinhos, com isso houve uma redução de muitas espécies principalmente a do mapará (*hypophthalmus edentatus*) que se refere a uma espécie de peixe teleósteo, possuem dorsos azulados e ventres esbranquiçados, sendo encontrados tanto na Amazônia quanto no Paraná, podem ser conhecidos como cangatá, mandubi, mapará-de-cametá e mapurá.

Assim, a construção do empreendimento citado atuou negativamente sobre a pesca artesanal uma vez que, a implantação de hidrelétricas age na modificação da geologia, geomorfologia e hidrografia, com efeito nos ciclos da maré e por conseguinte, na reprodução, dispersão e ainda diminuição de espécies, como por exemplo do mapará.

Além das alterações advindas com a implantação da hidrelétrica de Tucuruí, verifica-se num contexto mais recente que o descarte inadequado de materiais nos corpos hídricos vêm causando sérios problemas sobre as comunidades ribeirinhas. Neste contexto, insere-se o município de Barcarena, o qual representa um dos maiores polos industriais do estado do Pará, atualmente a cidade conta com 90 empresas instaladas que fazem a industrialização e beneficiamento do que produzem, exportando caulim, alumina, alumínio e cabos para transmissão de energia elétrica, construindo o maior posto industrial do estado do Pará em uma área de 88.004.860,00/8.800 hectares (Programa Para a Avaliação e Valorização de Serviços Ecosistêmicos em Áreas Protegidas Pela Vale, 2019).

Nos anos de 2018 e 2019 algumas empresas instaladas no município foram multadas pelo meio ambiente por estarem cometendo irregularidades, que afetavam a população local, principalmente os quilombolas e comunidades rurais próximas a região onde se encontram instaladas as empresas (IBAMA, 2019).

Cidades próximas a essa região como Abaetetuba e Igarapé Miri, sofreram problemas ambientais em comunidades rurais, um dos maiores problemas foi com a água consumida pelas comunidades, pois ficaram impróprias para o consumo humano. Muitas empresas do polo industrial de Barcarena vêm sendo multadas há alguns anos por estarem cometendo irregularidades no ambiente, acarretando problemas de saúde e de subsistência para os moradores de comunidades rurais não só de Barcarena, mas de municípios próximos como Abaetetuba e Igarapé Miri.

Para Cruz (2012), a relação existente entre os pescadores e os agentes de níveis mercado é de natureza econômica, pois tem contribuído para diminuir os lucros com a atividade pesqueira. O sistema de atravessadores é um grande exemplo, a submissão dos pescadores ao baixo rendimento ao repassar seus pescados a um baixo custo, grande parte dos pescadores opta

por fazer a venda direta para o atravessador, isso ocorre em várias situações, como no caso de armazenamento do pescado, deslocamento até a cidade entre outros.

O mar, é o lugar onde está o espaço de vida dos pescadores marítimos, esse lugar é marcado pela fluidez das águas e dos recursos que nela se encontram, existem os fatores meteorológicos que trazem a variação e a migração das espécies entre outras coisas. A vida de quem depende do mar é também marcada não só por contingências naturais, mas também por temores e medos, acidentes e naufrágios, pela oscilação dos preços do pescado que deve ser comercializado rapidamente, obrigando o pescador a uma comercialização pelo pescado que na maioria das vezes não lhes são favoráveis (DIEGUES, 2004).

Existem outros aspectos de grande relevância pesqueira. Na literatura referente a pesca artesanal é consenso entre os autores que a pesca predatória praticada por embarcações da indústria pesqueira desfavorece o pescador artesanal, isto porque são detentores de instrumentos tecnológicos que permitem a captura intensiva dos cardumes, ano após ano, esses vem reduzindo a disponibilidade de muitas espécies na região.

O avanço de empresas de pesca para Belém ocorreu no final dos anos 70 expandindo a pesca comercial do Norte em virtude das riquezas ictiológica da Foz do rio Amazonas. Essa situação a curto prazo, levou a um aumento no volume da produção do pescado em decorrência da elevação do esforço de pesca motivado inclusive pela entrada a cada ano, de um maior número de pessoas na atividade pesqueira. A longo prazo, em decorrência dos recursos pesqueiros serem de uso comum, a produção por embarcação tende a reduzir gradativamente como fruto da pressão sobre a reprodução dos estoques (MELO, 1995).

Ainda pesquisas feitas por (DIEGUES-NUPAUB, 20012, p. 90), “a redução dos estoques pesqueiros não se dá somente pela poluição, mas também pela pesca predatória utilizada pelos barcos de indústria pesqueiras”, situação que tendem a agravar ainda mais a situação, principalmente do pescador destituído de condições favoráveis, entendidas neste trabalho como, barcos mais equipados, artes de pesca mais sofisticadas, entre outras.

Segundo Mourão (1971), através de uma análise minuciosa, constatou o conflito entre os estratos inovadores dos pescadores artesanais e as classes de maior poder aquisitivo locais, pois rompe-se o domínio da classe e iniciasse o surgimento dos extratos inovadores ligados a pesca motorizada, esta produção de pescado é fruto de um comerciante inovador.

Um dos motivos que causa a desorganização da pesca artesanal, está na própria dinâmica do avanço do capital de outros setores, as grandes indústrias poluentes podem estar

empobrecendo os fatores biológicos do ambiente, as madeiras, o crescimento do turismo, as imobiliárias entre outros fatores (DIEGUES, 2004, p. 93).

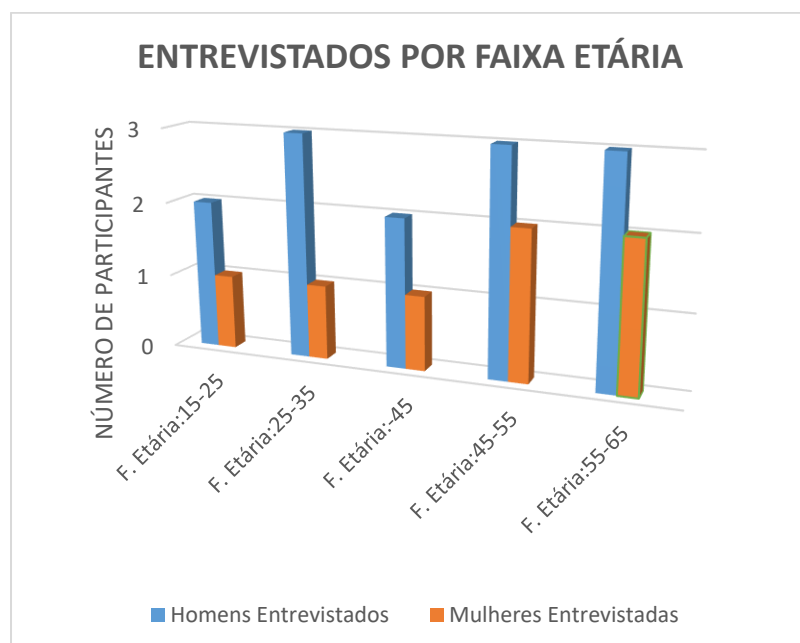
Diante do exposto, verifica-se ser diversas as atividades produtivas desenvolvidas no baixo Tocantins e que após o declínio dos engenhos e ascensão da pesca, esta vem se desenvolvendo diante de um conjunto de atividades produtivas as quais agem diretamente no sentido de dificultar ainda mais o seu desenvolvimento.

4.2 Perfil dos pescadores entrevistados na comunidade do rio Panacuera

Visando fornecer um perfil dos pescadores da comunidade do rio Panacuera, sistematizou-se os dados obtidos em três momentos, o primeiro gráfico mostrando o número dos entrevistados, a idade será em intervalos de 10 anos tanto para homens quanto para as mulheres, o segundo gráfico mostrará a escolaridade do pescador dessa comunidade e o terceiro gráfico mostrará as atividades econômicas que mais se destacam na comunidade.

Na construção do gráfico 1, optou-se por demarcar em intervalos de 10 anos de idade, para uma abrangência de tempo o mais contundente possível. Percebeu-se que poderíamos iniciar com um valor muito próximo da menor idade preenchida pelo entrevistado e um valor muito próximo da maior idade preenchida. Para melhorar a visibilidade do leitor, separou-se no gráfico os homens e as mulheres, não para diferenciá-los como pessoas, mas como entrevistados por facilitar a sua leitura.

Gráfico 1 - Número de entrevistados por faixa etária



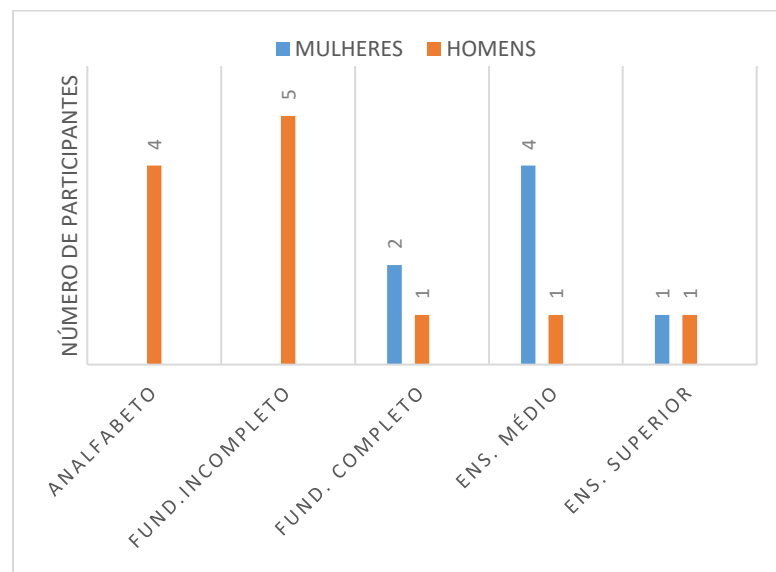
Fonte: Carneiro, 2018

O Gráfico 1, faz uma leitura do perfil da idade do pescador artesanal na comunidade do rio Panacuera, esse perfil não inclui os adolescentes abaixo de 14 anos e nem as crianças que praticam a pesca artesanal após os 5 anos de idade, pois eles não preencheram o questionário, por estarem incluídos no questionário somente como integrante das famílias dos entrevistados. Porém, se faz importante destacar que todos os entrevistados destacaram a participação de todos os integrantes familiar na colaboração direta ou indiretamente da renda do grupo familiar, alguns ajudam na pesca do camarão, outros na captura dos peixes, na apanha do açaí, do roçado, do extrativismo, mas isso sem interferir na vida escolar de cada criança ou adolescentes.

No Gráfico 2, é possível observar a escolaridade dos pescadores da comunidade do rio Panacuera, conforme homens e mulheres, seguindo a seguinte ordem de escolaridade: analfabeto, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental, ensino médio incompleto, ensino médio e ensino superior. Congruente como ocorreu no gráfico anterior, os adolescentes menores de 15 anos de idade não foram entrevistados, mas todos os adolescentes ou crianças foram citados pelos familiares na entrevista ou no preenchimento do questionário.

Para melhor compreensão dos dados apresentados, estes foram organizados do seguinte modo: número de pescadores homens analfabetos é cerca de 33% do total dos entrevistados, com ensino fundamental incompleto cerca de 41% dos homens, no grupo das mulheres entrevistadas nenhuma é analfabeta e todas tem o ensino fundamental completo.

Gráfico 2- Escolaridade dos pescadores (as) artesanais



Fonte: Carneiro, 2018

Através do exposto no Gráfico 2, desse total de 19 entrevistados nenhuma mulher pescadora é analfabeta sendo que 4 (quatro) pescadores se declararam analfabetos; 5 (cinco) pescadores têm o ensino fundamental incompleto; nenhuma pescadora declarou ter o ensino fundamental incompleto, duas pescadoras têm o ensino fundamental completo e somente um pescador apresenta o fundamental completo; nenhum dos entrevistados tem o ensino médio incompleto, 4 (quatro) pescadoras e um pescador tem o ensino médio completo e um pescador e uma pescadora tem o ensino superior completo.

Conforme os dados obtidos, observa-se as dificuldades desses pescadores com a leitura e a escrita, e muitos nem chegaram a ser alfabetizados, dentre os que foram entrevistados, após a análise, identificou-se ser as mulheres aquelas são as que menos apresentam problemas com a leitura e a escrita, característica que não diverge tanto de outros trabalhos que tratam da escolaridade de outros pescadores. Situação a qual pode ser entendida devido muitos pescadores iniciarem a vida na pesca quando criança, alguns com 5 anos de idade acompanham seus pais nas pescarias, tendo tempo escasso para a realização de outras atividades.

Outro fator que também contribui negativamente para essa condição se refere a distância ou inexistência de escolas próximas as comunidades rurais, dificultando ainda mais o acesso e permanência desses alunos na escola que tendo de deslocar-se para localidades distantes terminam constantemente desistindo de estudar.

As turmas de pesca são formadas basicamente por homens, alguns têm mais de 60 anos, esses estão aposentados por tempo de contribuição, mas permanecem na atividade pesqueira, por terem apego a profissão e por desenvolverem uma atividade fundamental dentro do grupo. Cerca de 85% dos que fizeram parte da pesquisa não são alfabetizados, os mais jovens são alfabetizados, pois em 2002, houve a implantação do Ensino Fundamental Maior e o Ensino Médio na comunidade do rio Panacuera.

É possível observar através da Fotografia 1 a escola local Graziela Gabriel⁴, que abarca os alunos que moram tanto na região de Abaetetuba quanto na região de Igarapé Miri. Além dessa escola existem outras que fazem o mesmo trabalho de acolhimento dos alunos de ambos os municípios. Para que os alunos cheguem as escolas existe o barco escola, que é fornecido pelos municípios acima e o trajeto é feito sem ponderações, ou seja se o aluno é de Igarapé-

⁴ O lugar que se encontra essa escola hoje, foi onde se construí no início no século XVIII um engenho de cana de açúcar e água ardente, chamado engenho de Santa Cruz, esse era movido a água por represa no igarapé Calha em 1712, essa fábrica produzia rapadura e açúcar mascavo e alguns anos mais tarde passou a produzir aguardente em um alambique com caldeira de alvenaria, também conhecido como alambique de carapuça (GARCIA, 2011).

Miri o barco escola não se nega a trazer o aluno que mora do lado oposto do rio, estas informações foram dadas pela gestora da escola Graziela Gabriel.

A escola Graziela Gabriel é uma das escolas da comunidade, e pertence ao município de Igarapé Miri. Atende aos alunos do ensino Fundamental e Médio da comunidade, essa escola também faz parceria com uma faculdade particular no intuito de proporcionar aos alunos um curso de graduação e pós-graduação para os moradores da localidade facilitando o acesso ao ensino superior. Em uma das turmas de pesca, encontramos um jovem pescador formado em pedagogia, porém infelizmente até o momento não havia conseguido um emprego dentro de sua formação, como o mesmo constituiu família precisa trabalhar para obter os meios necessários para o sustento familiar.

Fotografia 1 - Escola Graziela em frente ao rio Panacuera



Fonte: Carneiro, 2018

Todavia, por mais que as dificuldades enfrentadas cotidianamente sejam inúmeras, o pescador continua a se reproduzir e desenvolver seu trabalho, como pode ser identificado na entrevista abaixo:

“O taleiro é um matemático, nós utilizamos uma sonda e uma tala, e conseguimos saber o tamanho e a quantidade de peixe de baixo d’água, de uns anos pra cá, a pesca não fechou mais, porque os pescadores não estão recebendo o seguro defeso a mais ou menos dois anos, se nós não pescarmos nossa família passa fome, o pescador perdeu o direito da pesca, a colônia do pescadores não nos apoia, ainda não conseguimos preservar o poço do tanque e a enseada até sair da boca do rio” (LIVRAMENTO, 2018)

A visão do pescador que é o taleiro de um dos grupos de pesca que fizeram parte da pesquisa de campo, faz uma analogia com a ciência exata, pois a atividade pesqueira é uma ciência que eles adquirem ano após ano, isso perpassa de pai para filho, de família para família, são as práticas diárias que aprimoram a experiência com a pesca artesanal, é uma aquisição

empírica onde a leitura e a escrita formalizada não interfere na aprendizagem do pescador, ou mesmo de outra atividade que ele possa exercer para a subsistência de sua família.

Além do desenvolvimento da pesca, outras atividades são práticas com a finalidade de complementar a renda familiar. O Gráfico 3, mostra quais as atividades em que o morador da comunidade do rio Panacuera exerce e quais influenciam diretamente na vida econômica dessas famílias, essas estão em evidencia tanto para os homens quanto para as mulheres, são elas: pesca artesanal, extrativismo do açaí e funcionalismo público, todas as atividades são exercidas em mais de uma jornada de trabalho, ou seja, muitos pescadores também fazem o extrativismo, assim como muitos funcionários públicos fazem a pesca artesanal e ou extrativismo.

Gráfico 3- Atividade econômica desenvolvida pelos moradores da comunidade do rio Panacuera



Fonte: Carneiro, 2019

Os dados expostos mostram que 10 (dez) homens realizam a pesca artesanal, 8 (oito) praticam o extrativismo e nenhum é funcionário público. Das mulheres entrevistadas, 6 (seis) realizam a pesca artesanal, 1 (uma) faz o extrativismo vegetal do açaí e 4 (quatro) são funcionárias públicas, essas trabalham nas escolas na função de serviços gerais, mas continuam fazendo a pesca do camarão para a complementação de renda da família, um dos motivos que nos levou a permanecer com as mesmas na pesquisa de campo. As atividades mencionadas acima podem ser realizadas pela mesma pessoa, então um pescador também pode ser um extrativista, um funcionário público e também pode realizar a pesca artesanal ou vice-versa.

A partir da caracterização dos pescadores da comunidade do rio Panacuera, pode-se identificar entre outros aspectos a importância do desenvolvimento de outras atividades para o complemento da renda familiar do pescador, embora a pesca seja a principal atividade, outras contribuem no sustento das famílias entrevistadas.

4.3 A pesca artesanal e o mapeamento participativo dos pesqueiros

Em conversas realizadas formalmente e informalmente, com 19 moradores, dos quais 15 eram pescadores artesanais, ficou evidente a relação entre os moradores e o lugar onde vivem, nas conversas destacamos uma delas, eles não têm pretensões de sair da comunidade para viver na cidade ou capital, por estarem adaptados ao lugar, terem luz elétrica e a tecnologia instalada na comunidade.

Com a chegada da Luz elétrica a infraestrutura na escola local melhorou, pois foram colocados: bebedouros, ventiladores, frizer, xerocadora, internet, melhorando a qualidade de vida de cada estudante, pois os custos eram muito altos com óleo diesel para a produção de energia elétrica, hoje a escola podem estocar o alimento, deixando os mais saudáveis para o consumo (SOUSA, 2019).

Com isso, os moradores possuem uma maneira de moldar as atividades do dia a dia, não pautada no relógio, na dinâmica do capital, mas sim moldada pela natureza, pelo rio que corta a área, pelo fruto que nasce das árvores, pelo ciclo das marés, o rio Panacuera representa na vida do morador da área, importância fundamental, na alimentação, na economia, na educação no orgulho cultural que simboliza as condições de viver na comunidade, a qual representa o fruto dos recursos extraídos pela pesca e pelo extrativismo.

Através das entrevistas e observações em campo, evidenciou-se todas as etapas que os pescadores desenvolvem antes, durante e após as pescarias, buscando, mostrar todo o processo que acontece nos grupos de pesca bem como o relacionamento do pescador com o mar no momento do desenvolvimento da atividade pesqueira.

Pode-se deduzir que o modo de vida dos moradores do rio Panacuera a ser analisado neste trabalho apresenta elementos que o tornam únicos, tanto nos aspectos culturais quanto econômicos, pois a comunidade em estudo é ribeirinha, essa economia possui uma dinâmica de atividades moldada de acordo com os costumes locais que influenciam em seu modo de vida, possuindo somente transporte fluvial para escoar os produtos produzidos pela comunidade.

Conforme Silva (2006), para entender o ambiente em que as comunidades vivem, é necessária uma série de estudos voltados ao envolvimento de dois principais componentes que estão ligados e são independentes entre si, uma delas é observar o modo de vida,

compreendendo as práticas e as vivências que a comunidade utiliza sobre os recursos naturais locais, outra as tradições existentes e o meio cultural da comunidade.

Esses componentes que permeiam as relações sociais das comunidades podem ser representados cartograficamente através da cartografia social. Acselrad (2010) e Silva (2006), nos ajudam a entender essa relação através de cartografia realizadas com populações tradicionais, no qual fazem uma análise do modo de vida estando inseridas as questões econômicas, sociais e culturais. Essa percepção territorial do modo de vida do pescador artesanal faz uma ligação dos recursos naturais locais, isso resulta no desenvolvimento do trabalho desse pescador.

O mapeamento participativo tem sido uma prática corrente em pesquisas nas comunidades tradicionais, a exemplo do Projeto Nova Cartografia Social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil desenvolvida por Alfredo Wagner na década de 1990, no qual o produto final, o mapa, é resultado de um conjunto de ações e configura-se num instrumento político para estas comunidades (SILVA, 2012). Embora de caráter participativo ela se difere dos mapeamentos realizados por entidades públicas e privadas que envolvem as comunidades no levantamento de dados sobre seus territórios apenas para dominar conhecimentos locais e saberes ancestrais, com o objetivo de dominar o território e, muitas vezes, subjugar as próprias comunidades.

Para Silva (2016), a escolha do público alvo é muito importante para a construção do mapeamento participativo, pois reunir e conversar com as pessoas que residem na localidade em estudo, levando em consideração suas vivências do cotidiano o conhecimento da área onde será mapeado, tornando essa construção bem mais próxima da realidade pelas preciosas informações que os sujeitos locais têm sobre a região.

Desse modo, se faz necessário buscar o máximo envolvimento dos sujeitos participantes da pesquisa para que os mesmos possam entender a importância da cartografia social e como podem apontar informações importantes no mapa, como os locais de convívio, lazer, escolas, trabalho, igrejas entre outros.

Dada a importância desse conhecimento, o mapeamento participativo, constitui um dos norteadores deste trabalho, com a produção do mapa sobre as condições em que os moradores do local têm da sua vivência, os rios onde se realiza as pescarias, as relações socioeconômicas nas comunidades, para isso, o processo envolveu diferentes etapas. Foram feitas conversas informais com os moradores para conhecer melhor a realidade local dos moradores da comunidade estudada, vejamos algumas delas:

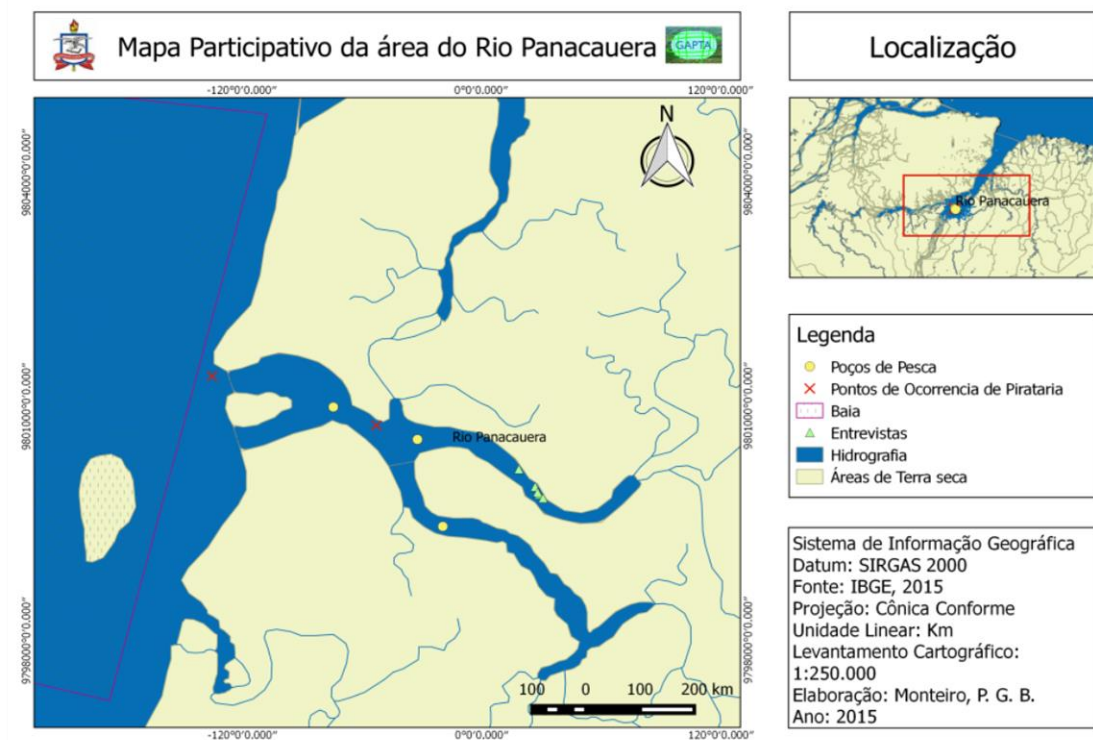
- ✓ Levantamento de dados por meio de questionário sobre os problemas enfrentados pela

comunidade.

- ✓ Percepção e representação social dos moradores do local com relação aos temas definidos para a pesquisa;
- ✓ Trabalhos de campo para identificação por meio de GPS dos locais onde se manifestam os principais problemas com relação os temas supracitados.
- ✓ Mapeamento por meio de banco de dados em ambiente de Sistema de Informação Geográfica (SIG), onde é inserida a base cartográfica do local e a legenda construída pelos próprios moradores sobre os problemas localizados.

A partir das informações elencadas pelos pescadores da comunidade do rio Panacuera, foi possível identificar alguns pesqueiros localizados na área da comunidade em estudo Mapa 2, sendo esse espaço de uso e domínio tanto dos moradores da comunidade do rio Panacuera como de comunidades vizinhas. Por outro lado, é possível identificar também pescadores que desenvolvem a pesca em espaços mais distantes, os quais se deslocam geralmente para a Baía do Tocantins, em busca de áreas mais piscosas. Essas pescarias podem ocorrer tanto de modo individual quanto em grupos ou também denominados localmente de turmas de pescadores. É comum turmas de municípios próximos como Abaetetuba, Igarapé Miri e Baião se encontrarem em pesqueiros próximos.

Mapa 2: Mapa participativo da localização dos pesqueiros no rio Panacuera.



Fonte: Carneiro, 2018

Através da análise do mapa pode-se visualizar alguns pesqueiros denominados de poços de pesca, bem como pontos nos quais ocorrem a prática da pirataria. Essa prática amedronta os indivíduos locais, pois quando ocorrem bens são roubadas e muitas vezes ainda sofrem violência.

No que concerne as áreas de pesca, segundo os moradores que residem do rio Panacuera, existem poços de peixe que só podem ser explorados pelos moradores daquela região, ou seja, pescadores que são de comunidades vizinhas não podem fazer a pesca. A busca pelo pescado nas áreas da região é muito comum, visto que o rio Panacuera desagua na Baía do Marapatá, também conhecida pelos moradores como Baía do Tocantins.

Quanto aos dados obtidos sobre os tipos de pescado existentes na região foram: mapará, camarão, pescada, tainha, filhote, dourada, branquinha. Os pescadores também informaram que existe uma variação de intensificação do pescado. Todos os entrevistados expressaram que os 4 primeiros meses após a abertura da pesca são os mais rentáveis, nesse caso são: março, abril, maio e junho, os meses que seguem julho, agosto, setembro e outubro a pesca fica mais escassa.

Diante do exposto, observa-se que existe uma relação de proximidade entre os pescadores com o lugar onde vivem, sua vida é moldada conforme as condições que lhe são apresentadas. Essa proximidade possibilita o conhecimento das áreas mais propícias para as pescarias, aquelas que oferecem algum risco para suas vidas, os peixes mais comuns na sua busca por alimentação e renda, enfim, as etapas seguidas para o desenvolvimento da pesca.

4.4 Experiências em lócus, abertura da pesca no rio Panacuera

Com o intuito de mostrar a labuta diária que os pescadores enfrentam cotidianamente e com isso evidenciar a importância da pesca e dos conhecimentos tradicionais para a sua reprodução social, procurou-se estar presente no dia mais esperado pelos pescadores e pela comunidade local no rio Panacuera: A abertura da pesca artesanal que ocorre no dia 1 de março, data na qual a pesca é liberada nacionalmente, ou seja, a pesca inicia em todas as modalidades que estão contidos na Constituição Federal (Código de Pesca - Lei 11.959/09 Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009).

Para tanto, no dia 28 de fevereiro, nos deslocamos de barco às 11:40 h da manhã da cidade de Abaetetuba, a comunidade do rio Panacuera, chegando ao destino às 13:40 h, apesar do percurso de 2:00 h, os moradores dessa comunidade têm o hábito de retornar deitados em redes, pois eles saem de suas residências por volta de 3:00 h da manhã e aproveitam para fazerem uma cesta figura 2 até seu destino. No curso da viagem foi possível conversar com alguns tripulantes que são moradores da comunidade e integrantes de família envolvidas na pesca artesanal.

Fotografia 2 - Viagem ao rio Panacuera para a Abertura da Pesca



Fonte: Carneiro, 2019

O registro da Fotografia 2 ocorreu no dia 28 de fevereiro na saída da viagem rumo abertura da pesca na comunidade do rio Panacuera, ainda no porto de Abaetetuba pelo freteiro⁵ da embarcação, os tripulantes estavam em suas redes descansando para o retorno a suas residências. Uma das tripulantes, nos informou que seu esposo é pescador de rede, mas não trabalha em nenhuma turma de pesca, segundo suas informações, no dia anterior a viagem, alguns pescadores iniciaram a pesca na comunidade do rio Panacuera nos poços de peixe que existem na comunidade. O dono da embarcação forneceu informação de que a pescaria foi um sucesso nos poços da localidade no dia 27 de fevereiro e que os pescadores de turmas estavam ansiosos e esperançosos com a abertura da pesca desse ano, como pode ser identificado a partir da sua fala “temos esperança que a pesca de 2019 seja melhor que a de 2018, pois os pescadores conseguiram ontem, pescar 30 basqueta de mapará em um dos poços de pesca da nossa comunidade, foi dado peixe para todas as famílias” (PINHEIRO, 2019).

Segundo o freteiro, dono da embarcação em que fizemos a viagem para a comunidade do rio Panacuera, os moradores estão com grande expectativa para a abertura da pesca, acredita-se que a pesca será muito farta, pois recebeu dos pescadores por ser morador da área de pesca 10 kg de mapará no dia anterior, que haviam sido capturados cerca de 30 basquetas, os demais moradores também receberam a mesma quantidade por fazem parte desse perímetro da localidade. Ainda segundo o mesmo “temos muitas turmas de pesca em nossa comunidade, nós estamos esperando muita fatura de peixe dentro do nosso rio, e nas proximidades daqui de perto, se Deus quiser, esse ano nós vamos comer muito peixe” (PINHEIRO, 2019).

⁵ Freteiro: É o barco, que se destina as localidades ribeirinhas.

A viagem não foi muito longa, todos estavam imbuídos em uma conversa agradável, recheada de expectativas e curiosidades. Chega-se, exatamente às 13:40 h ao destino. A primeira parada foi em uma das escolas da comunidade Graziela Gabriel. Em seguida, seguiu-se para a casa de um pescador onde, a tarde tomou-se um café com sua família e conversou-se sobre a pesca. Todos estavam esperançosos.

Antes do anoitecer, nos deslocamos a outra residência de um dos donos de turmas, para podermos acompanhar de perto todos os detalhes da pescaria. Fomos recebidos com muito carinho por todos que estavam lá, especialmente pela esposa, estávamos familiarizados com todos, pois esse seria o terceiro retorno em sua casa, a mesma nos informou que a turma de pesca estava organizando as redes para o dia tão esperado.

Segundo a Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, o período de piracema, ou reprodução dos peixes é restrito para assegurar a renovação dos estoques pesqueiros para os anos seguintes, aqueles que desrespeitam o período do defeso serão penalizados com multa que podem variar de R\$1 mil a R\$100 mil, ou detenção prevista na Lei Estadual nº 9.906, de janeiro de fevereiro de 1998. O defeso contribui para a sustentabilidade do uso dos estoques pesqueiros, uma espécie de prevenção que visa proteger o uso das espécies aquáticas, durante as fases mais críticas de seus ciclos de vida, visando garantir a reprodução das espécies nativas ou ainda de seu maior crescimento. Importância reconhecida pelos pescadores “se todos os pescadores paralisassem, nós tínhamos muito peixe nesse rio, o problema é que tem pescador que não respeita o período do defeso aqui na comunidade, aí quando chega num período desse, nós não temos peixe” (SANTOS, 2019).

A partir da consciência da importância do seguro defeso que os pescadores da comunidade do rio Panacuera possuem, estes entram muitas vezes em conflito com alguns colegas por praticarem a pesca nesse período, todo pescador artesanal sabe que precisa respeitar o período da desova dos peixes, isso é necessário, pois o período do defeso é para que haja o desenvolvimento dos cardumes, quando um grupo de pescadores não respeita, fica bem mais difícil de se ter um ano de pesca lucrativa. Todos os pescadores envolvidos sabem da ilegalidade, da prática pesqueira no período da piracema.

Santos (2005 apud FRANCO, 2018) enfatiza que o exercício da pesca e sua significância ocorrem da mesma forma em todos os municípios do Pará, gerando uma diversificada comercialização de espécies principalmente na região do nordeste paraense.

O resultado da pesca artesanal, traz aos moradores da comunidade um alento para a alimentação de seus familiares, as mulheres das famílias desses pescadores estão pronta para

fazer o alimento para todos que estão em suas residências, cuidam do jantar Fotografia 3, mostram a importância do pescado para a alimentação, tudo é preparado com muito carinho. Conseguir o pão de cada dia é uma luta diária para o pescador dessa região, em conversas informais, eles estão preocupados com a pesca esse ano, pois alguns pescadores não respeitam o período do defeso e acabam dificultando a vida dos que realmente fazem a paralização no período da desova.

Fotografia 3- Preparação do jantar para a família em uma residência no rio Panacuera



Fonte: Carneiro, 2019.

O jantar mostrado na Fotografia 3 é composto por mapará assado e frito na lenha pela anfitriã da casa. O taleiro que nos acolheu em sua residência seu Livramento, perdeu sua mãe aos 3 anos de idade, e logo iniciou a vida de pescador, com seu pai e seus irmãos mais velhos. Aprendeu a mergulhar para que pudesse escutar onde estavam os cardumes de pescada, adquiriu habilidade que possibilitaram ser o taleiro de sua equipe, também aprendeu a usar a sonda para que pudesse encontrar os cardumes de mapará e de tainha.

Para esse taleiro, a vida de pescador artesanal, é munida de muitos sacrifícios e envolve amor a profissão, ele não tem pretensões de parar de trabalhar mesmo já aposentado e com a idade de 61 anos, a importância de sua habilidade na turma é essencial, pois ele é o mergulhador de seu grupo, segundo ele a pesca faz parte de sua vida a mais de 55 anos, “é prazeroso trabalhar em turmas de pesca”. Os pescadores têm a mesma rotina, acordam entre 2h às 3 h da manhã, tiram os barcos conforme a maré, fazem o café e aguardam a chegada de seus amigos e parceiros

da pescaria, que começam a chegar às 4 h da manhã, em sua maioria o trabalho dos pescadores ocorre conforme a dinâmica da maré.

Dessa forma, percebe-se a importância para o pescador artesanal em respeitar o período da desova, pois se não houver a piracema, como as famílias da comunidade podem conseguir o alimento diário, se é dos rios e igarapés que vem a subsistência da população. A falta de conscientização dos pescadores que não obedecem a esse período, traz aos moradores da comunidade uma preocupação relacionada a sustentabilidade da atividade na comunidade do rio Panacuera.

4.5 Expectativas da abertura pesqueira na manhã do dia 01 de março

A noite que antecede a abertura da pesca é sempre bem, pois desde às 2:35 h da manhã, se ouvia ruídos de alguém transitando pelo corredor, às 03:50 h, nos deparamos com o taleiro do grupo tomando café sentado em uma rede, aguardando os parceiros da pescaria. Ficamos conversando sobre como seria a pesca daquele dia, e aguardamos os outros pescadores. Não demorou muito para que começassem a chegar. Aproximadamente às 5h da manhã, todos os pescadores daquela turma estavam reunidos, nos juntamos a eles, para que pudéssemos dá o andamento do propósito da pesquisa. Após as devidas informações ao grupo, que estávamos ali para continuarmos o andamento da pesquisa em lócus, os mesmos designaram um pescador que nos levaria aos locais onde a pesca estaria acontecendo.

Antes da saída para a pesca, alguns pescadores se manifestaram, e agradeceram por estarmos ali, por ter pessoas que estejam procurando estudar a vida do pescador artesanal, pois segundo eles é a primeira vez que um pesquisador vai a essa localidade buscando fazer um acompanhamento da vida dos moradores da localidade. Procura-se mostrar a eles, que muitos pecadores, fazem estudos sobre a pesca artesanal em muitos lugares do mundo, por haver interesse em relatar a importância e o estudo da pesca artesanal dentro das comunidades, das cidades e dos estados, por ser uma atividade que traz sustentabilidade a uma grande parte da população rural e urbana.

Dizer ser Comunidades Tradicionais: grupos humanos culturalmente diferenciados, fixados numa determinada região, historicamente reproduzindo o seu modo de vida em estreita dependência do modo natural para sua subsistência; (...) Pesca Artesanal: é aquela praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma, em regime de economia familiar ou em regime de parceria com outros pescadores com finalidade comercial Santos (2016 apud SÃO PAULO, 2005-48-49).

Procurou-se mostrar aos pescadores da comunidade Fotografia 4 que o pesquisador está em diferentes ambientes e que o trabalho realizado pelo pescador artesanal é importante para milhões de pessoas no mundo, em diferentes ambientes geográficos.

É um trabalho que dá direitos trabalhistas como o recebimento de seguro desemprego, e esses direitos foram conquistados e estão na Constituição Federal

Fotografia - 4: Turma de pesca reunida às 5:00h da manhã



Fonte: Carneiro, 2019

Na Fotografia 4 é possível observar uma das turmas de pesca reunidas para o trabalho, os pescadores começaram a chegar às 4 h da manhã, saindo para a atividade pesqueira às 5 h da manhã. Houve uma breve apresentação da pesquisa, apresenta-se o produto que servirá para a comunidade e para a vida profissional do pescador artesanal. Todos ficaram muito gratos pela iniciativa para com eles, e retribuimos ao agradecermos pela acolhida do grupo pesqueiro, pois o trabalho só tem veracidade graças a receptibilidade deles. Antes de sair, proseiam e fazem uma oração, pedem proteção divina.

Em um diálogo entre os pescadores, ficou acertado que um deles, seria designado a nos levar até o local da pescaria (Fotografia 5) em um outro transporte, o ideal era que saíssemos juntos com eles, mas por motivo de segurança por causa da maré daquele dia, saímos somente às 6:20h, de voadeira, rumo ao rio Tocantins. Logo foi possível visualizar várias turmas de pesca fazendo bloqueio.

É importante destacar que algumas turmas apresentam inicialmente maiores dificuldades para encontrar um bom cardume, diferentemente de outras que possuem maior facilidade, abastecendo com maior rapidez seus barcos de peixe. O rio Tocantins é um dos rios da região no qual a comunidade concentra o maior número de turmas de pescadores.

Fotografia 5 – Turma de pesca na atividade da pesca artesanal



Fonte: Carneiro, 2019

Desse modo é possível observar as turmas de pesca da comunidade do rio Panacuera que se encontravam no rio Tocantins, todos os pescadores estavam muito ansiosos com a pescaria, esses estavam fazendo o cerco com as redes de pesca. O tempo estava fechado com sinais de chuva, mas todos os pescadores estavam muito esperançosos por um grande dia na pescaria. Um malabarismo é praticado por todas as turmas de pesca, tudo é muito sincronizado, é um balé sobre o rio.

Essa sincronia advém da prática diária, do conhecimento da arte da pesca, eles unem força no braço Fotografia 6, sincronismo na hora de remar e de jogar as redes, bem como de bater as varas na água para não deixar o peixe escapar, isso acontece, somente quando o especialista em ouvir os cardumes mergulha, e dá o sinal que há cardume em um determinado local, tudo tem que ser muito rápido, caso um dos pescadores erre, todo esse trabalho pode causar a perda de um bom cardume. A pesca artesanal é uma arte, uma espécie de luta entre o homem e o peixe, é uma reunião entre familiares e amigos, todos em busca de uma pescaria produtiva.

Fotografia 6 - Trabalho em equipe dos pescadores



Fonte: Registro da abertura da pesca (CARNEIRO, 2019)

Também através da Fotografia 6 é possível observar os pescadores fechando o cerco do cardume para a verificação da quantidade de pescado capturado, são movimentos de muita força e agilidade, não é um processo rápido mesmo após o cerco está fechado.

Segundo Diegues (1983 apud SANTOS 2016), o domínio da arte do pescador exige uma série de qualidades físicas e intelectuais que foram conseguidas pelo aprendizado na experiência, que lhes permite apropriar-se também dos segredos da profissão. É fundamental nessa caracterização a unidade entre a força de trabalho e os instrumentos de trabalho. Esses são adaptados ao corpo humana e sua utilização exige uma técnica especial que é o apanágio do artesão. Características estas observadas nos pescadores que compõem as turmas de pesca da comunidade do rio Panacuera, como evidenciado anteriormente, o trabalho ocorre em conjunto, cada qual desempenhando uma função determinante para o sucesso nas pescarias, isto é, pescarias fartas.

Quando conseguem atingir seu objetivo diário, comemoram, como pode ser observado na figura 7, na qual uma das turmas de pesca comemora entre seus companheiros o sucesso da pescaria, todos muito felizes, pois o trabalho e o esforço do grupo traz satisfação na atividade pesqueira, é o alimento de suas famílias que está garantido, é a economia de muitas famílias que estará garantida, a pesca em grupo ou em turmas é uma pesca onde todos comemoram ou ficam frustrados.

Por se tratar de um trabalho que iniciou ainda nas primeiras horas da manhã, por volta das 7:30h um dos pescadores das turmas de pesca mostra o peixe de um cardume capturado, o seu troféu, uma pescada, representando um gesto de gentileza. A felicidade é evidente no gesto

do pescador, a pesca flui a todo vapor, a alimentação de seus familiares e amigos está garantida, todos são gratos por terem conseguido encontrar um bom cardume.

Fotografia 7 - Turma de pesca mostrando seu prêmio na abertura da pesca



Fonte: Carneiro, 2019

É válido ressaltar, que ter a confiança dos pescadores das turmas de pesca é de grande importância. Como se trata de um espaço onde diferentes turmas estão desenvolvendo a atividade, demorou algumas horas para encontrar a turma do anfitrião, pois foi somente às 10:15 h da manhã que se conseguiu, a partir de então observou-se os mergulhos do taleiro em busca de cardume, não demorou muito para que o malabarismo de seus companheiros iniciasse. Tudo era muito rápido, cerca de 15 pescadores distribuídos em 4 embarcações, cada uma delas tem sua função. Duas delas são a remo, os pescadores jogam as redes para o cerco, uma embarcação é a motor para armazenar o peixe e a quarta leva o taleiro e o seu companheiro.

Assim, através da Fotografia 8 é possível observar uma das turmas de pesca broqueando no rio Tocantins, cerco sendo fechado para que o cardume fique preso. Todos têm que ser ágeis, caso contrário eles perdem o cardume, cada barco como dito anteriormente tem uma função na turma de pesca, um dos barcos está com o taleiro e um piloto, outro barco está com os pescadores que jogam as redes para o cerco do cardume e o outro está com a turma que armazena o pescado e faz a batida com varas na água para o peixe não escapar.

Fotografia 8 - Pescadores no rio Tocantins



Fonte: Carneiro, 2019

A logística para se fazer a pesca em turma é grande e ao mesmo tempo é importante entender que se um dos barcos tiver algum tipo de problema, dificulta ou mesmo impossibilita a continuidade do trabalho. Cada pescador tem uma função fundamental na pescaria, pois é um trabalho em grupo onde todos merecem destaque.

Durante as pescarias, os pescadores pouco se alimentam, pois todos ficam focados na pesca, muitos nem lembram de alimento, como saem muito cedo, acordam por volta das 3:30 h da manhã, tomam um café preto antes de sair de casa e só voltam a tomar outro café por volta das 10:00 h, esse não pode faltar dentro do barco de pesca, serve para esquentar quando o frio torna-se intenso. Por outro lado, existem turmas que levam água ardente para esquentar o corpo. Quando o sol aperta os pescadores se jogam dentro d'água para hidratar a pele e abafar o calor.

Nas turmas de pesca é possível identificar pescadores de idades distintas, um deles com 58 anos de idade, desempenha no grupo a função de jogar as redes para o cerco do cardume. Enquanto conversava, puxava a rede do cerco para a verificação do cardume que havia sido capturado, fazia um esforço enorme por causa da idade, ainda faltam dois anos para a aposentadoria por tempo de serviço.

Eu estou ficando velho, já não tenho a força de quando eu era mais jovem, mas eu preciso trabalhar pra poder arrumar a comida para a minha família, na minha casa moram comigo 4 netos meus 5 filhos e minha esposa, não posso parar de trabalhar, meus filhos me ajudam com a pesca e o açai, mesmo assim se eu não vier trabalhar falta o alimento na mesa. (MAUÉS, 2018)

As famílias dos pescadores da comunidade do rio Panacuera são constituídas por muitos integrantes (Fotografia 9), algumas tem mais de 10 pessoas morando sobre o mesmo teto, entre filhos, netos, genros, noras e esposa. Existe uma preocupação dos pescadores que estão com a idade avançada de que maneira eles vão ajudar seus familiares quando a idade e o cansaço não permitir a atividade pesqueira, pois para esses pescadores o trabalho na pesca é fundamental para a renda familiar e para a subsistência das famílias

Fotografia 9 -Turma de pesca retirando o cardume na abertura da pesca



Fonte: Carneiro, 2019

A Fotografia 9, mostra a turma de pesca já com o cerco fechado, a rede de pesca já está pronta para ser puxada, os pescadores sempre criam muita expectativa nesse momento, tanto pelo volume do pescado quanto pelo tamanho do mesmo. São momentos que circundam de muita curiosidade e apreensão, quando o cardume aparece todos os pescadores vibram e a alegria se percebe nos sorrisos largos que todos passam a exibir.

O trabalho da pesca artesanal em turmas é muito comum na comunidade do rio Panacuera, todos as turmas de pesca levam essa atividade muito a sério, os grupos sempre estão muito concentrados na atividade pesqueira, pois caso um dos pescadores perca a atenção, a pescaria dá errado, todos tem uma função essencial no grupo de pesca. Existe os pescadores que usam a força, outros a agilidade, todos a sincronia. Essa modalidade de trabalho tem uma carga horária diária superior a 10 h de atividade, os pescadores fazem dois turnos da atividade pesqueira, principalmente quando eles não conseguem encontrar os cardumes no primeiro turno da pesca.

Como acordam e saem cedo para o trabalho, as pescarias só no turno da manhã levam muito mais de 5 h, situação que se repete por incontáveis vezes durante o ano, sendo nítido em algumas turmas no final da manhã o cansaço físico dos pescadores. Esse percurso pela Baía evidencia o quão cansativo e ao mesmo tempo prazeroso é para os pescadores o trabalho em busca dos broquei-os bem-sucedidos. Essa pesca foi basicamente de cardumes de pescada, apenas uma turma pela manhã conseguiu capturar alguns quilos de mapará, pois a maré não estava propícia para a pesca do mapará.

Durante as pescarias são diversas as conversas, englobando desde igreja, filmes, mulheres, política, piadas, futebol, são temas diversificados durante todo o desenvolvimento da pesca. Figura 10, esses assuntos são tratados como mera distração entre as turmas de pesca ou dentro do mesmo grupo. O retorno dos pescadores ocorreu às 12 h.

Fotografia 10 - Turma de Pesca em busca de um cardume



Fonte: Carneiro, 2019

Ainda na Fotografia 10, é possível observar uma turma de pesca com o seu taleiro. O taleiro é o responsável por indicar onde está o cardume, para isso é necessário que o mesmo mergulhe enquanto o restante do grupo aguarda pelo sinal, todos devem estar muito atentos. Após a pescaria no período da manhã, o dono da turma designou um de seus filhos que faz parte do seu grupo de pesca, a fazer a pesagem e vender o peixe para o atravessador. Esse estava em seu porto aguardando pelo pescado, com bastante gelo para que o peixe ficasse conservado e não estragasse. No dia seguinte todos os pescadores receberiam a parte que coubesse a cada um.

Logo após o almoço, embora estivesse chovendo, muitos barcos retornaram para a pesca do mapará, pois as condições da maré eram propícias para uma boa pescaria. O taleiro foi sozinho em seu barco, dá uma olhada na pescaria de seus conhecidos, devido sua turma de pesca

estar muito cansada pelo intenso trabalho realizado no turno da manhã. Segundo o taleiro, a pesca de seus amigos foi muito boa, a turma que ele acompanhou capturou 70 basquetas de mapará, representando cerca de 2800 quilos.

Finalizado o primeiro dia de pesca, os pescadores começam a pensar no dia seguinte, no qual o trabalho se repete. Todos reconhecem as dificuldades de trabalhar na pesca, mas é através da atividade que conseguem o sustento da família. O taleiro ressalta:

Eu não estudei, porque eu comecei a trabalhar praticamente com 3 anos de idade, mas eu dei a oportunidade pra todos os meus filhos estudarem, só não estudou quem não quis, mas até hoje se um dos meus filhos quiserem continuar estudando eu tô pronto para dá o apoio pra ele estudar, trabalho de prefeitura tá muito difícil, meu filho é professor, mas tá trabalhando comigo. (LIVRAMENTO, 2019)

Os pescadores com todas as dificuldades tenham grande apreço pela profissão, reconhecem ser a situação no qual se encontram difícil. Mas, todos os pescadores da comunidade do rio Panacuera se mostram gratos a Deus, por ele proporcionar a alimentação das suas famílias, o trabalho do pescador artesanal é árduo, mas todos eles trabalham para garantir o pão de cada dia, honram o trabalho que fazem, com muito humor e força nos braços, todos dias repetem o mesmo ritual, são guerreiros dos rios e igarapés, são responsáveis pela alimentação de centenas de famílias da comunidade e das regiões próximas do rio Panacuera, merecendo o respeito de toda sociedade, por fazerem uma atividade que é regada de tantos sacrifícios.

O pescador artesanal, da região do rio Panacuera não é somente pescador, é agricultor, carpinteiro, extrativista, artesão, faz qualquer complementação em outras atividades em busca de renda para que seus familiares possam ter o mínimo para a sobrevivência. As famílias dessa comunidade trabalham incansavelmente para a subsistência, todos tem uma atividade que é desenvolvida individualmente, em turmas de pesca ou em famílias. As crianças a partir de 3 anos de idade já acompanham seus pais, para que possam desenvolver aptidão para a pesca, o primeiro aprendizado é com a pesca do camarão, a mãe é uma das primeiras a fazer essa atividade com os filhos.

Nenhuma criança dessa comunidade está fora da escola por causa da pesca artesanal, dentre as famílias que fizeram parte dessa pesquisa, o aprendizado com a pescaria é para que as crianças possam ter uma forma de sobrevivência no lugar onde moram. O aprendizado pesqueiro para as crianças não é uma atividade de trabalho, é uma atividade de conhecimento, não se aprende sem ter conhecimento de como se procede a pesca artesanal. Os pais e familiares que colocam essas crianças que ajudam de alguma forma na atividade pesqueira ou mesmo no extrativismo vegetal, o fazem de maneira responsável, não como uma forma de trabalho como

os adultos o fazem, mas como um laboratório de aprendizado nas vivências nas rotinas diárias da comunidade.

5 A PESCA ARTESANAL E O EXTRATIVISMO DO AÇAÍ NA VIABILIDADE ECONOMICA DA SUBSISTÊNCIA DA COMUNIDADE DO RIO PANACUERA.

O capítulo que segue, busca mostrar as atividades econômicas mais importantes para a comunidade do rio Panacuera, visando a viabilidade das atividades do pescador dessa comunidade, através do trabalho realizado pela pesca artesanal, tanto quanto a importância do extrativismo do açaí na economia do pescador artesanal, bem como para a alimentação das famílias rurais. Evidenciar através de gráficos o ganho real mensal dos pescadores, identificando esses ganhos econômicos, identificando os meses e os pontos onde a pesca artesanal é mais intensificada.

5.1 A importância da pesca artesanal na comunidade do rio Panacuera

Observa-se no rio Panacuera, a importância da pesca artesanal, ela possui grande dimensão socioeconômica, assim como em outros municípios do estado do Pará. Os pescadores artesanais, desenvolvem suas atividades combinando objetivos comerciais e também de subsistência. Utilizam as embarcações de pequeno e médio porte, geralmente de madeira, adquiridas em pequenos estaleiros, ou construídas por eles próprios, com propulsão motorizada ou não, para a atividade de locomoção rentável.

A pesca artesanal sempre fez parte da base alimentar de populações rurais ribeirinhas, isso bem antes da colonização, os índios tinham a pesca como forma de sobrevivência e subsistência, essa atividade passou também a ser importante após a colonização. Segundo Diegues (1993), a pesca artesanal, desde os tempos do Brasil Colônia, era uma atividade importante para a alimentação de engenhos e de fazendas, hoje este consumo na Amazônia está entre os mais elevados do mundo, pois é uma das maiores fontes de renda e de alimentação das comunidades ribeirinhas e povos tradicionais.

Os apetrechos e insumos utilizados na atividade são rústicos, geralmente comprados no comércio local ou confeccionados pelo próprio pescador. As capturas proporcionadas sob estas condições envolvem volumes pequenos ou médios de pescado (IBAMA, 1999).

Para a economia paraense, a pesca artesanal é muito importante, pois o percentual chega a quase 65% do pescado para consumo regional. Nesse sentido torna-se fundamental analisar os aspectos associados à atividade, destacando-se, nesse contexto, aqueles vinculados a população envolvida diretamente com a pesca artesanal.

Assim, busca-se introduzir uma análise socioeconômica da atividade pesqueira no rio Panacuera, localizado no Nordeste Paraense, sendo a pesca artesanal uma das áreas mais

tradicionais de desenvolvimento da atividade no estado do Pará. As técnicas empregadas pelos pescadores artesanais dos municípios pesquisados são variadas, pois existe a necessidade por parte do pescador, de que a atividade seja desenvolvida ao longo do ano, em decorrência do caráter sazonal de disponibilidade das espécies capturadas e da necessidade de regularidade.

O saber local, enquanto patrimônio de uma população, inscreve-se como expressão simbólica e material de um determinado grupo social, a partir do seu jeito de ser, estar e ver o mundo, no qual se encontra inserido (DIEGUES, 1995).

Portanto, podemos observar que o pescador artesanal, pertence a um grupo de trabalhadores que tem grande importância para o mercado regional, municipal, estadual e nacional. Assim, o pescador é merecedor de todo respeito, através do seu trabalho o estado do Pará se tornou um dos maiores fornecedores de pescado no Brasil.

5.2 A atividade pesqueira e as relações de amizade e parentesco nas turmas de pesca

Em relação à pesca na região amazônica, e especificamente, no Pará, a pesca artesanal ainda se desenvolve com artes de pesca simples e artesanais, podendo ser não raramente confeccionadas pelos próprios pescadores com a utilização de materiais comprados nos centros locais ou mesmo extraídos da natureza.

Tendo em vista a relevância da atividade pesqueira e da quantidade de trabalhadores que a executam, procurou-se realizar a pesquisa na comunidade do rio Panacuera pertencente ao município de Abaetetuba e Igarapé-Miri, existindo um contingente de cerca de 12.000 associados na Colônia de pescadores (Z-14) e cerca de 7000 associados na Colônia (Z-15), respectivamente.

Apesar de todo esse contingente de pescadores associados em ambos os municípios, ainda há muitos pescadores que não estão associados, segundo eles devido à falta de recurso dos mesmos, outros por não receberem o seguro defeso. Os relatos dos pescadores de turmas sobre a rotina do pescador artesanal e de seus familiares que trabalham em turmas de pesca, expõe o modo de vida das famílias: “Meus filhos trabalham comigo na pesca, um deles terminou a faculdade, mas ainda não conseguiu emprego, como ele já tem família ele precisa trabalhar, todos vão comigo para a pescaria desde de criança (MAUÉS, 2019).

Em uma das turmas de pesca, encontramos um taleiro que chegou terminar o ensino fundamental menor, tem pouca leitura e escrita, mas possui uma habilidade especial para a atividade pesqueira, no seu grupo de pescadores, há 16 integrantes, sendo que desse total quase todos fazem parte de sua família, como: filhos, sobrinhos, cunhados, genros e primos.

Todos os dias às 4 h da manhã, o grupo se reúne em sua casa para a pescaria, o dono da turma deixa tudo organizado de um dia para o outro. O combustível para o barco, a merenda para os pescadores, as redes para a pescaria. Esse ritual é diário, e na maioria das vezes eles retornam à pescaria 2 vezes ao dia. Para Forman (1970) “Esse saber fazer se cristaliza na figura do ‘mestre’ depositário dos ‘segredos’ do mar das técnicas tradicionais de localização dos cardumes”.

Assim, o taleiro representa esse mestre dotado de conhecimentos, desempenhando uma função primordial para a realização de pescarias fartas. Como mostrado no decorrer da pesquisa, toda turma de pesca possui um taleiro, a partir do qual o grupo localiza e captura os cardumes de peixes. Tal característica resulta de anos de trabalho, do saber dos ciclos naturais, dos conhecimentos acumulados ao longo de décadas nas pescarias. “Eu comecei a pescar ainda quando criança, perdi minha mãe e tive que trabalhar, eu e meus quatro irmãos aprendemos a trabalhar e a sobreviver da pesca” (LIVRAMENTO, 2019).

Segundo Diegues (2004), esse conhecimento adquirido sobre a pesca artesanal é exercido pelo homem a séculos, isso trouxe aos pescadores um vasto conhecimento sobre os ciclos de vida das espécies capturadas, sua reprodução e concentração de cardumes.

Este ano no mês de maio, nós fomos agraciados por Deus, peguemos 35 basquetas de mapará em uma semana e 7 basqueta na outra semana no mês de maio, nós tivemos sorte conseguimos vende cada basqueta por R\$ 400,00 reais, isso para nós é uma benção fazer uma boa pescaria e uma boa venda do pescado (ALCANTARA, 2018).

Segundo esse pescador a pesca artesanal está a cada ano mais difícil nas águas do rio Panacuera, e com isso, a busca pelo pescado é tão comemorada, os pescadores muitas vezes se deslocam rios mais distante, tendo um custo financeiro ainda maior em busca de um bom cardume. Para Marques (2001), alguns pescadores possuem conhecimentos específicos sobre o ciclo de vida das espécies, estes conhecimentos são acurados e compatível com o conhecimento ictiológico acadêmico.

Segundo (DIEGUES-NUPAUB, 2012, p-165), em sua longa pesquisa sobre o pescador artesanal, esse saber o momento de utilizar os apetrechos da pesca, e o manuseio da mesma, traduz sabedoria, e ocorre não só pela experiência, mas pelo saber ouvir com os mais velhos quando se vai pescaria.

Os pescadores, segundo as entrevistas realizadas, confirmam que a pesca está difícil, algumas vezes já passam até 3 dias sem conseguir pescar nenhuma espécie de peixe, e os gastos financeiros são enormes, o esforço físico de todos os pescadores também faz parte desse

trabalho. Na safra do açaí os pescadores vão pela manhã pescar, e a tarde fazem a coleta do açaí para a venda e o sustento da família.

Segundo o seu Maués, quando o período do açaí diminui, os pescadores retornam à tarde para uma nova tentativa do pescado. Nessas idas e vindas sem conseguir o pescado para o sustento da família, grande parte dos pescadores da turma de seu Maués, se juntam a outras turmas de pesca artesanal, buscando lugares mais distantes, como no rio Tocantins. Segundo Diegues (1993), as atividades de pesca artesanal constituem uma ampla diversidade cultural das comunidades de pescadores, são pescadores de várias religiões e costumes diferentes.

A responsabilidade financeira da turma de seu maués é de sua esposa, essa é funcionária pública da rede municipal de ensino, tem o ensino médio completo, também é pescadora e trabalhadora do lar, acumula funções para poder ajudar seus familiares. O taleiro não sabe ler e escrever, todos os gastos com a pesca são organizados pela esposa, mas quem é responsável em distribuir a renda para os pescadores é o próprio dono da turma. O esposo não tem habilidade com a matemática e não sabe organizar a parte financeira de seu grupo de pesca, mas consegue distribuir a renda entre os parceiros da pescaria. “Meu esposo é analfabeto, mas ele consegue fazer as contas de adição, subtração, multiplicação e divisão, e para os pescadores, isso é suficiente” (CONCEICÃO, 2018).

No período da pesca do camarão, a família acorda entre às 4 h e 4:30 h da manhã para deixar tudo organizado, retiram o matapi⁶ da beira do rio, em seguida organizam os filhos que vão para a escola. São muitas jornadas de trabalho, para os que sobrevivem da pesca artesanal.

Na de seu Maués, a renda não é igualitária para todos os pescadores, após a venda, é retirado o valor dos gastos com a pesca e em seguida cada pescador recebe sua parte. Na turma do taleiro A, 50% do lucro fica com ele, pois além de ser o dono da turma é também o taleiro, os outros 50% são retirados os valores das despesas e o restante é distribuído entre os pescadores que estavam na pescaria. Vejamos como essa turma está organizada.

- ✓ O pescador que rema: ganha valores diferenciados pelo esforço e o empenho que faz.
- ✓ O que puxa a rede: também ganha um valor diferenciado pelo esforço que faz para colocar e tirar a rede.
- ✓ O taleiro: é um dos que mais ganha, pois é o conhecedor de onde está o cardume. (Obs.: geralmente o taleiro é o dono da turma, ou seja, ele é o dono do barco e das redes). Neste caso o seu Tete também é o dono do barco e das redes.

⁶ Matapi: é um instrumento utilizado para a pesca do camarão, feito de tala artesanalmente muitas vezes pelo próprio pescador artesanal.

- ✓ Os pescadores de apoio: são os que menos ganham por não fazem tanto esforço no momento da pesca artesanal.

Essa distribuição de valores das vendas do pescado, é feita pelo taleiro, tudo depende da quantidade de peixe que os pescadores conseguem obter na pescaria, se a renda for muito baixa, segundo o taleiro do grupo, ele distribui de uma maneira mais igualitária para todos os pescadores daquele dia. Seu Maués, também é um pequeno empreendedor, tem uma mercearia, vende um pouco de tudo, tem um barco de médio porte que faz frete do rio Panacuera, para Abaetetuba todos os dias, tem uma boa área de plantação de açaí onde extrai no período da safra para consumo, e vende para os atravessadores. É o único taleiro de sua turma de pesca, permanece na pesca, pois seus parceiros precisam de um líder.

No período de safra do açaí e desova dos peixes, esse taleiro ajuda seus companheiros de pesca, pois os pescadores fazem a apanha do açaí e como isso todos ganham um valor, a pesca artesanal faz parte da vida do pescador, o taleiro desse grupo ainda trabalha com a pesca porque gosta de ajudar seus familiares. Segundo o mesmo:

Quero deixar para meus filhos ou netos, o dom que Deus me deu, foi ele que me ensinou a reconhecer onde estão os cardumes de peixe e saber a quantidade e o tamanho dos cardumes tenho muita gratidão, porque eu trabalho como pescador a mais de 55 anos (LOBATO, 2018)

O aprendizado do taleiro na pesca artesanal é geralmente passada de pai para filho, ou é um dom dado por Deus, o taleiro é o líder de seu grupo de pescadores, esses não saem para a pescaria sem o líder é ele quem direciona, todos os movimentos da equipe. Segundo FERRI (1997), o aprendizado pelo processo, em muitas situações são sutis, que os próprios aprendizes não se dão conta do aprendizado e muitas vezes quando se pergunta quando alguém aprendeu tal habilidade se ouve a seguinte resposta: “aprendi sozinho”.

O pescador (SANTOS, 2018), sempre gostou de pescar, aprendeu com o pai o dom do taleiro, mas relatou que de 5 anos para cá, muitas espécies de peixes estão desaparecidas, como: piaba, tainha, bacu e sarda, todos de sua turma de pesca estão preocupados com a diminuição das espécies de peixe, acreditam que daqui a 3 ou 4 anos, outras espécies também possam apresentar a mesma situação.

Antes nós pegava até 50 basqueta de tainha, nós pegava 40 a 50 basqueta de mapará, nós pegava piaba, sarda, bacu, hoje nós não consegue pega quase nada durante os mês da pesca, que é 1 de março a 1 de novembro. Eu falo pros meu filhos, genros e netos vão estudar pra vocês arrumar outra forma de ganhar dinheiro, que parece que a pesca vai acabar (SANTOS, 2018).

Portanto, existe uma preocupação, por parte dos pescadores com a pesca artesanal, seja ela de rede, matapi, espinhel, pois dentro da comunidade o percentual de famílias que sobrevivem da pesca é muito alto. Então é compreensível por parte dos que estão nesse ramo de trabalho, fazer um alertar aos que podem vir a escolher ser pescador, orientando os mais jovens a encontrarem uma nova forma de sobrevivência.

Na turma de pesca de seu livramento, são 16 pescadores, isso porque as embarcações não aguentam uma quantidade maior. Os pescadores desse grupo B, são todos da mesma família, filhos, netos, genros e compadres. O dono dessa turma é o taleiro do grupo, tem 61 anos, e está aposentado pela colônia dos pescadores. Todos os dias ele sente a necessidade de sair com sua turma de pesca, pois são amigos e familiares. Esses pescadores estão em busca do sustento de seus familiares, e o taleiro é a peça principal para que a pescaria seja realizada com êxito.

A pesca artesanal na comunidade do rio Panacuera, tem caráter comercial e familiar, é comum ver as turmas de pesca nos rios e igarapés, todos os dias eles passam pelo mesmo ritual, acordam cedo para a atividade pesqueira e após a pescaria verificam se houve algum dano no seu material de trabalho para o dia seguinte. Quando a pesca está muito difícil e os pescadores não obtêm êxito na pescaria, eles vão em busca do pescado ainda aos domingos que seria o dia de descanso.

Para aumentar a renda familiar, muitos fazem um contra turno trabalhando no extrativismo do açaí, isso acontece quando está no período do seguro defeso. Os pescadores que não tem lotes de plantio do fruto fazem a limpeza dos açazais e recebem diárias para este tipo de trabalho. Segundo eles o seguro defeso para os que estão recebendo muitas vezes demora para cair na conta, e quando cai é só para pagar os débitos.

A esposa, é o braço direito do pescador, uma delas faz toda contabilidade da turma, anota todos os custos e entradas pela venda do pescado, o dono não sabe fazer as anotações formalizadas, pois tem dificuldade em leitura e escrita, mas com relação a distribuição da renda, tem muita facilidade e sabe fazer com maestria.

Conforme o taleiro “ser pescador não é meramente um dom, ser pescador é gostar de trabalhar em equipe, é saber que o sucesso de um é o sucesso de todos e que o erro de um será o erro de todos, o trabalho da pesca de rede se dá dessa maneira” (LIVRAMENTO, 2019).

Percebemos que existe uma parceria entre todos os pescadores de cada grupo, eles torcem pelos acertos de seus companheiros, se houver a falha de um, todos sofrem as consequências na pescaria, portanto, nas turmas de pesca, existe uma harmonia entre os

pescadores dentro das turmas de pesca Fotografia 11, mostra uma das turmas de pesca fazendo o trabalho da pesca artesanal no rio Tocantins.

Fotografia 11 - Cerco do cardume pelos pescadores



Fonte: Carneiro, 2018

Através da figura 11 exposta é possível verificar o trabalho conjunto dos pescadores puxando as redes de pesca para a retirada do cardume, todos estavam ansiosos para confirmar a quantidade do pescado que havia sido capturada. O cardume de médio porte capturado era de pescada, uma espécie muito comum nos rios e igarapés dessa comunidade. Os pescadores da turma de pesca ficam muito gratos com a quantidade de peixe capturados, principalmente quando é um farto cardume.

A esposa de um dos taleiros é funcionária pública a mais de 20 anos, terminou o ensino médio e está cursando pedagogia, tem 56 anos de idade, é também trabalhadora do lar. Não é pescadora, mas assume a contabilidade dos pescadores de seu esposo. Anota os gastos, e quando há renda, faz a distribuição entre todos que estavam na pescaria. A distribuição da renda dessa turma é diferenciada entre os pescadores, os pescadores que entram aleatoriamente somente no dia da pesca recebem menos, ou seja, alguns pescadores que vão um dia sim outro não, não fazem parte da turma de pesca.

Os lucros com a venda do pescado, segundo a esposa do taleiro nos últimos 3 anos, diminuiu, um dos motivos é a baixa quantidade do pescado capturada pelos pescadores, os cardumes que estão em baixa são: mapará, pescada e tainha. Para ela a alguns anos atrás, a pesca no rio era farta. Segundo a mesma “este ano a pesca está fraca, os pescadores têm que se deslocar para a Baía de Guajará, a pesca é feita todos os dias, mas durante a semana poucas

vezes nós conseguimos uma boa pescaria, nem para o alimento nem para venda” (LOBATO, 2018). O dono da turma, também está muito preocupado com a pesca artesanal, são famílias que dependem dessa atividade de trabalho.

A pesca artesanal na comunidade do rio Panacuera, segundo as entrevistas vem diminuindo ano após ano, a venda do pescado está bem menos lucrativa para o pescador, pois a quantidade do pescado diminuiu, esse peixe é vendido logo após a pescaria em quilos, ou em basqueta (uma basqueta equivale a 40 kg), o atravessador organiza o barco com gelo para armazenar o pescado que será levado para as cidades próximas da região, os custos com a pesca artesanal para os pescadores aumentou, pois viajam para lugares bem mais distante das proximidades de sua comunidade, criando com isso um custo bem mais alto para a turma de pesca.

Um dos pescadores mais jovens é dono De uma turma, pois ele é o taleiro de sua grupo, fazem a pesca artesanal no rio Panacuera e na Baía do Guajará, o número de pescadores desse grupo varia de 7 a 8 pescadores, ultimamente estão em 6 no grupo, pois segundo o mesmo, existe uma escassez de peixe nos rios.

Esse grupo, não faz balanço financeiro e nem faz nenhum tipo de anotação, segundo o dono da turma, nenhum integrante do grupo sabe organizar as finanças, mas acredita que os gastos são em média de R\$20,00 por dia em combustível, o taleiro não cobra a alimentação dos pescadores do grupo, pois levam somente farinha, sal e açaí quando está na safra. Quando eles conseguem uma boa pescaria, vendem imediatamente o pescado e logo dividem os lucros. Todavia, é importante também ter uma reserva para o momento em que não é possível realizar a pesca ou quando as pescarias não são vantajosas como pode se constado na do taleiro “no período do defeso tenho sempre uma reserva, isso porque eu trabalho também com o extrativismo do açaí, sendo esta uma válvula de escape para que minha família não passe por necessidades” (GONÇALVES, 2018).

Seu Gonçalves, está a 1 ano sem receber o seguro defeso, fazendo parte do grupo de 2000 mil pescadores que foram desligados do sistema do Governo Federal, mas não deixou de pagar nenhum mês a mensalidade da Colônia dos pescadores Z-14. As dificuldades para esse taleiro que também é extrativista vegetal do fruto do açaí é diferente de seus companheiros de pesca que não são extrativistas, estes deixaram de pagar a mensalidade por não estarem recebendo o seguro defeso.

Grande parte dos pescadores, não tem terra para o extrativismo e nem para a roça, quando conseguem um trabalho é para ajudar na limpeza de terrenos de outros extrativistas,

muitos pescadores não deixaram de pagar a colônia por fazerem outras atividades complementares ao extrativismo no período da piracema, sem essas complementações seus familiares estariam passando necessidades. O mês em que a turma de seu Gonçalves, fez uma boa pescaria foi o mês de abril de 2019, onde eles conseguiram no mesmo dia 20 basquetas de mapará, segundo o taleiro, a pesca nem sempre foi assim, antes tinham pescarias mais fartas, situação a qual começou a se modificar nos últimos anos, principalmente nos 3 últimos. Ainda segundo o taleiro:

Temos semanas, que as turmas de pesca só conseguem o alimento para a família. A cada ano o pescado diminui e eu acredito que foi por causa de um vazamento que aconteceu em Vila do Conde (é um distrito do município de Barcarena), há 05 anos atrás, apareceram toneladas de peixes mortos de várias espécies, talvez seja por isso que hoje, estamos sentindo a falta de peixe (GONÇALVES, 2018).

A partir da fala do pescador entrevistado verifica-se que outras atividades econômicas, podem estar atuando negativamente sobre a disponibilidade dos recursos pesqueiros e por conseguinte, a pesca artesanal desenvolvida pelos pescadores da comunidade de Panacuera, situação que vem deixando esses sujeitos sociais em situação preocupante, levando-os a se tornarem mais dependente de outras atividades e bem como do seguro defeso.

Nesse contexto se faz importante ressaltar outro problema apontado pelos pescadores como possível agravante para a diminuição do pescado, refere-se a pesca no período da desova, ou seja no período do defeso, pois existem aqueles pescadores que realizam a atividade mesmo não tendo autorização para a mesma, dificultando a reprodução dos recursos pesqueiros.

O seguro defeso torna-se um importante alicerce financeiro do trabalhador que faz a atividade pesqueira durante o período da piracema, esse valor do seguro é primordial para o sustento de seus familiares, mesmo recebendo o seguro ele ainda necessita das complementações em outras atividades, pois as famílias desses pescadores são em sua maioria numerosas.

Os problemas tendem a se agravar ainda mais para os pescadores que perderam ou foram suspensos do seguro, pois os cardumes estão escassos e os pescadores não sabem como sobreviver principalmente no período da desova, as atividades complementares a pesca não conseguem sanar os gastos para a alimentação das famílias.

A família de seu Gonçalves é constituída de 11 pessoas, 6 são pescadores e dessas seis somente 3 são associados na colônia de pescadores Z-15, os demais fazem o trabalho doméstico e extrativismo do açai. O barco é de porte pequeno e não suporta muitos tripulantes. Para o

taleiro do grupo quanto maior o número de pescadores em sua turma menor será o lucro, por esse motivo a turma é constituída de 5 pescadores.

A turma de seu Gonçalves é constituída de:

- ✓ Um taleiro: aquele pescador que encontra os cardumes de peixe
- ✓ Um piloto: aquele que dirige o barco
- ✓ Dois jogadores de rede: os que fazem o cerco do cardume com a rede de pesca
- ✓ Um proeiro: o que dirige o barco para que o mesmo não desequilibre no momento do cerco e nem no momento em que os pescadores estão puxando as redes.

Para a realização da pesca eles utilizam: remo, tala, barco, sonda e redes. Poucas vezes pescam de caniço, utilizam o lança rápido. Essa turma, gasta 5 litros de gasolina por dia, um custo alto para trabalhadores que não sabem se conseguirão obter um êxito na atividade pesqueira. A divisão dos lucros é feita pelo seu Gonçalves, ele é o taleiro e dono da turma, com isso 50% do lucro fica com ele e os outros 50% se retira os gastos com a pesca e em seguida é dividido em partes iguais com os membros de sua turma.

Em todas as turmas de pesca anteriormente expostas, nenhum pescador faz o balanço financeiro individual, salvo o taleiro que faz o registro no momento da divisão da renda, porém em seguida se desfaz das anotações do dia ou da semana, nenhum deles consegue fazer uma comparação precisa e real dos lucros e gastos com a atividade pesqueira em anos anteriores.

Nota-se que o taleiro representa aquele detentor de grande conhecimento, sendo o guia nas pescarias, conhecedor dos cardumes, sem o qual o trabalho torna-se mais difícil, entretanto, ainda que o papel desempenhado por ele seja de indispensável, observa-se ser o trabalho em equipe o responsável pelo sucesso nas pescarias, a união e sincronia do grupo e um fator determinante para a captura dos cardumes.

5.3 As principais atividades econômicas pesqueiras na comunidade

Na comunidade do rio Panacuera, existem algumas modalidades de pesca artesanal que são mais utilizadas pelos pescadores da região, entre elas destacam-se: pesca de espinhel, rede e curral; pesca do camarão. Cada modalidade de pesca artesanal, requer um instrumento para que a mesma seja realizada, os pescadores de camarão por exemplo, utilizam matapi e isca, os que pescam filhote e dourada utilizam espinhel, os que utilizam malhadeira, pescam mapará, pescada, tainha, branquinha. Essas atividades, acontecem no período de 8 meses, quando se pode fazer a comercialização do pescado, todavia no período do defeso que são de 4 meses as

redes são recolhidas e a pesca é suspensa. A seguir são detalhadas as modalidades de pesca citadas.

5.3.1 Pesca de espinhel, rede e curral

Na pesca de espinhel Fotografia 12, os pescadores utilizam uma linha, normalmente de nylon, com uma série de anzóis dispostos ao longo de sua extensão, essas linhas com anzóis possuem boias que ajudam os pescadores a localizarem o lugar onde foram colocadas as linhas, facilitando a vida do pescador ao recolher seu material de trabalho, muitos pescadores fazem essa modalidade de pesca individualmente.

Fotografia 12: Barco de pesca de espinhel, rio Panacuera



Fonte: CARNEIRO, 2018

A pesca de espinhel é uma prática muito comum na comunidade, sendo exercida por pescadores que buscam capturar peixes de grande porte, como a dourada, filhote, piaba e piramutába, essas espécies são muito comuns na região da comunidade do rio Panacuera. Em relação a pesca de anzol, geralmente é realizada por 1 ou 2 pescadores, a esposa é quem em situações adversas acompanha o marido, isso só acontece quando o esposo acha necessário e não consegue um parceiro homem que o acompanhe na pesca, pois as mulheres têm muitos afazeres domésticos e geralmente estão na pesca do camarão.

A pesca de rede é bastante diversificada, são utilizados vários tipos de rede, dependendo da espécie a ser capturada. No rio Panacuera as espécies mais pescadas são: mapará e pescada branca. Na pesca de malhadeira Fotografia 13, são utilizadas redes fixas e as tarrafas que são redes de lance. A dimensão das malhas pode variar de 70 mm à 75 mm. Alguns pescadores

utilizam alguns adjetivos para diferenciar as malhas das redes de pesca, caçoeira, caiqueira, podem receber outras denominações, isso dependerá da espécie de peixe a ser capturada.

Fotografia 13: Turma de pesca voltando da pescaria no rio Panacuera



Fonte: Carneiro, 2018

Ainda a Fotografia 13 mostra uma turma de pescadores retornando da atividade, sem muito êxito, essa turma irá retornar nesse mesmo dia no período da tarde em busca de uma boa pescaria. Com isso, a pesca de rede, depende exclusivamente da maré, se a maré não tiver favorável, dificilmente a pescaria será boa, essa busca pelo alimento da família é diária pelos pescadores artesanais.

A pesca de curral não é muito praticada no rio Panacuera. Segundo os pescadores da localidade, eles não têm o habito desta prática, mas a alguns anos atrás, alguns pescadores chegaram a utilizar esta técnica de pescaria. Como não obtiveram muito êxito, pois segundo eles a pescaria não era rentável, abandonaram esse modelo de pesca.

Em períodos onde a pesca diminuiu, os pescadores colocam algumas redes nas encostas Fotografia 14, estas ficam seguras em varas submersas nos rios para a pesca de curral quando a maré enche, somente para o sustento da família. Os currais são estruturados com peças de madeira, ligadas por cipós e fixadas em áreas próximas às margens, permitindo o aprisionamento das espécies. Para os pescadores da localidade do rio Panacuera essas redes são colocadas em lugares que tem aturiá⁷, uma espécie de planta nativa da localidade, onde os peixes costumam se aglomerar ou até mesmo fazer a desova.

⁷ Aturiá: Árvore leguminosa-papilionácea (*Drepanocarpus lunatus*).

Fotografia 14 - Pesca de Curral, as malhadeiras ficam presas nas árvores.



Fonte: CARNEIRO, 2018

Como dito anteriormente algumas redes de pesca são presas nas árvores de aturiá, no período do defeso é comum os pescadores colocarem as redes de pesca na frente de suas residências em busca do alimento para os familiares. A retirada das redes depende da maré diurna, os pescadores aguardam o movimento da maré fazendo alguns reparos nas redes de pesca que serão utilizadas no período da abertura da pesca, para saber as condições em que as redes se encontram para a pescaria.

4. 3. 2 A Pesca do camarão e a viabilidade econômica na comunidade do rio Panacuera

No rio, a pesca do camarão, assume destaque, por ser uma pesca praticada quase sempre por mulheres e seus familiares. É exercida por 80% das mulheres do rio Panacuera. A mulher da comunidade do rio Panacuera, é participante direta da subsistência da família, pois ela, além de cuidar dos afazeres domésticos, realiza a pesca do camarão tanto para a alimentação quanto para a venda, sendo feita dentro da própria comunidade ou vendida diretamente para os atravessadores da região, essa atividade é importantíssima, como a pesca do camarão depende da maré, a atividade só pode ser realizada de 15 em 15 dias, dificultando a economia familiar, então elas fazem uma reserva daquilo que é arrecado no período para que não falte o alimento na mesa de suas famílias.

Uma das pescadoras de camarão entrevistada é funcionária pública, faz a pescaria somente para consumo de sua família, constituída por 7 pessoas, geralmente sai para a pesca com um neto, o aprendizado se inicia já na infância. Um de seus filhos é pescador artesanal e

faz pesca de anzol, não em turmas, mas somente para o consumo da família, os demais filhos trabalham com o extrativismo do açaí. Somente três deles, estão associados na colônia de pescadores, ela paga o sindicato dos trabalhadores rurais, mas não a colônia dos pescadores. Como ressalta a pescadora:

Todas as marés de camarão, eu coloco meus matapi, mas a quantidade de matapi, que eu coloco não quer dizer que vou pegar uma quantidade de camarão, faço isso para ajudar minha família, pois todos em casa gostam muito, e com isso eu ajudo na alimentação, a pesca do camarão está “rala”, para conseguir 3 quilos de camarão, precisa colocar 20 matapi, há alguns anos com a mesma quantidade de matapi, conseguia o dobro dessa quantidade. (CONCEIÇÃO, 2018)

Existe uma preocupação por parte dos pescadores com a pesca do camarão, pois muitas famílias dependem desse alimento para ajudar na renda das famílias da comunidade. Muitas vezes, o investimento não é compensador, mas o que vale para o pescador é ter sempre esperança que o dia pode ser bom para uma boa pescaria. Os instrumentos utilizados, para a pesca do camarão no rio Panacuera são: matapi, farelo e babaçu, utiliza-se a balança para medir o peso do camarão para a venda.

Essa pescadora de camarão é profissional, ajuda na renda familiar, chega a colocar cerca de 50 matapi por dia, isso somente no período da maré morta⁸, consegue em média 10 quilos de camarão. A venda é feita para os marreteiros da região, a um valor de R\$ 6,00 o quilo. Também trabalha com o extrativismo do açaí tanto na safra quanto na entre safra, em sua casa moram 5 pessoas e todos ajudam com a pesca do camarão e com o extrativismo do açaí.

Seu esposo, pesca de linha e de malhadeira, não faz parte de nenhuma turma de pesca, não paga a colônia de pescadores por não ter condições financeiras. A pesca de anzol é feita por todos dessa família, e são vendidos também para os atravessadores, o balanço financeiro das despesas e lucros com a pesca artesanal não é feita por nenhum integrante dessa família.

Um pescador de 61 anos de idade, morador a mais de 40 anos da região continua fazendo a pesca artesanal com seus filhos e netos, a 5 anos ele deixou de fazer a pesca em turmas, segundo ele por causa da idade. Hoje, faz sua pesca independente de turma, poucas vezes, junta-se aos pescadores e participa da pescaria, a pesca é feita com os familiares no rio Panacuera e na Baía do Tocantins somente para a alimentação.

A pesca de rede, é a mais praticada por sua família, quase sempre se destina para o consumo, eles também trabalham com a venda de madeira e óleo diesel para aumentar a renda do grupo familiar. Seu esposo fez parte de várias turmas de pesca, e afirma que muitas espécies

⁸ Maré morta: É a diferença entre as marés é baixa, pequena e o rio fica normal, sem piscinas naturais

de peixes não existem mais no rio Panacuera, e nem nas proximidades do rio. Assim, a pesca do camarão constitui um importante complemento na renda da família.

Na comunidade do rio Panacuera esse tipo de pesca é realizada no final da tarde, pois o fluxo de barco no rio diminui os atritos na maré, segundo os pescadores de camarão isso faz com que a pescaria tenha um melhor resultado, quanto menor o barulho e o atrito, maior é a quantidade de camarão capturado nos matapi Fotografia 15.

Fotografia 15 - Pai e filho organizando a pesca do camarão (Matapi).



Fonte: Carneiro, 2018

Desse modo, a pesca do camarão ocorre também em família, onde as crianças iniciam como ajudantes da mãe, pai, avós e tios, mas desde cedo aprendem a fazer as puqueguas (isca), para colocar dentro do matapi. Todavia, se faz importante ressaltar que embora as crianças ajudem, não faltam na escola, mas apenas ajudam nos afazeres domésticos assim como todos os que integrantes da família.

Os gastos maiores na pesca do camarão são com o matapi, o custo com o acessório é permanente, são comprados para o ano da atividade pesqueira, os reparos são realizados pelos próprios pescadores, a média da quantidade de matapi por cada família fica em torno de 30 a 40 unidades.

Para chegar-se a uma média dos gastos com a pesca do camarão, levou-se em consideração as 19 famílias que trabalham diretamente com essa modalidade, assim chegou-se em uma variação do valor do matapi, uma custa em média de R\$ 10,00 à R\$12,00. Também foi possível encontrar a média de gasto mensal com a compra de cada unidade, utilizando a média de 40 matapi, como o período de pesca artesanal é de 8 meses, chegou-se ao valor de 5 matapi mensal com um custo de R\$ 40,00 mensais.

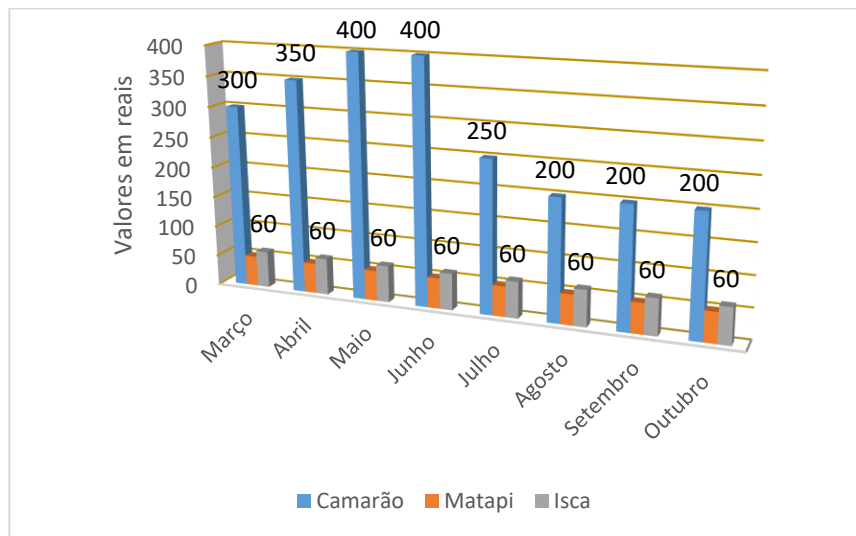
Outro gasto para a pesca do camarão é a isca, para se fazer a puqueca⁹ utiliza-se, o farelo e o babaçu, utensílios necessários para a pesca do camarão. Através das entrevistas verificou-se que os gastos diários com a isca são em média de R\$10,00, pois segundo os pescadores para iscar 40 unidades, são necessário 2 quilos de isca, sendo R\$ 5,00 o quilo do farelo e R\$ 5,00 o quilo do babaçu, com isso podemos realizar o cálculo mensal dos gastos com a isca. Assim o valor mensal fica em torno de R\$ 60,00 os gastos com a pesca do camarão. Vale ressaltar que a pesca do camarão é uma pesca em família, a mãe ou o pai organizam a isca nos matapi com seus familiares e em seguida saem para fazer a pesca do camarão. O filho quando criança, acompanha somente como observador, não fazendo nenhum tipo de atividade, é uma aprendizagem por observação, com o passar dos anos essa criança passa a fazer parte de forma direta, colocando os matapi nos amarrilhos das encostas dos rios e igarapés.

O Gráfico 4, mostra os custos com o matapi e a isca para a realização da pesca do camarão, bem como o lucro obtido com a venda do produto. Portanto, para as famílias da comunidade do rio Panacuera, a pesca do camarão é aquela que reúne os familiares em busca do alimento, é onde eles repassam as crianças um modelo de sobrevivência para os que residem em zonas ribeirinhas. Esse aprendizado é para as crianças rurais um modelo de pesca artesanal, não uma obrigação, e sim um modo de ajudar os familiares, a atividade é uma rotina que faz parte da vida da comunidade.

O Gráfico 4 exposto foi construído após a sistematização e análise dos dados obtidos em campo, sendo resultado do total de 19 entrevistas das quais 7 formaram respondidas por pescadores que fazem a comercialização do camarão, visando a abrangência dessa atividade pesqueira na economia da comunidade do rio Panacuera. A cor azul, representa o valor de venda da pesca do camarão, a laranja representa o valor de custo do matapi, sendo esse de uso permanente, a cinza representa o custo com farelo (isca). O gráfico de barra é para facilitar a comparação dos dados fornecidos em meses. Na entrevista da pescadora a seguir é possível evidenciar a importância da pesca do camarão para sua família e outras famílias na comunidade do rio Panacuera uma vez que “nós só queremos trabalhar para sustentar nossa família e ter um trabalho digno, nós queremos continuar pescando até quando Deus permitir, nós só quer ter o que pescar e poder dá a nossa família o alimento, aqui na comunidade do Panacuera, nós somos todos amigos” (PINHEIRO, 2018)

⁹ Puqueca: É a isca utilizada para a pesca do camarão (folha de cacau ou bananeira que envolve a mistura do farelo e babaçu)

Gráfico 4: Pesca do camarão em família: despesas matapi e isca, receita venda do produto



Fonte: Carneiro, 2019

Logo, na comunidade em estudo, existem questões familiares que envolve a pesca do camarão tanto para a alimentação quanto para a comercialização do produto, que se dá dentro da própria comunidade ou para municípios próximos da região, essa atividade envolve toda a família. As crianças iniciam a aprendizagem da pesca do camarão com os pais, avós ou tios, famílias que acreditam que essa é uma forma de inserir a criança ou o adolescente em uma atividade, não como uma obrigação para a renda familiar, mas como um aprendizado para a vida adulta, essa aprendizagem não interfere na vida escolar, pois a pesca acontece em horários diferentes ao escolar.

Portanto, a pesca do camarão é uma atividade que traz para a comunidade uma renda que ajuda as famílias, tornando-se uma atividade econômica local, trabalhando juntos para que não falte o alimento de cada dia, dos entrevistados para essa pesquisa somente 40% fazem a venda para aumentar a renda familiar, ou seja, grande parte das famílias fazem a pesca do camarão como fonte de alimento.

5. 4 A importância econômica da atividade pesqueira para a subsistência das turmas de pesca

A pesca do mapará é uma das mais realizadas pelos pescadores da região nordeste do Pará, por ser um peixe que apresenta grandes cardumes. Para a realização da pesca em turmas, os pescadores têm alguns gastos com óleo diesel, alimentação e redes de pesca. Cada dono de turma, se diferencia pelo número de pescadores que fazem parte das turmas de pesca, existem

grupos de pesca, que chegam até 16 pescadores, mas existem turmas de pesca que são de apenas 6 pescadores, essa variação depende muito do tamanho do barco e do comprimento das redes de pesca.

Através da pesquisa de campo encontrou-se valores que nos possibilitam mostrar as despesas nas turmas de pesca durante a atividade pesqueira, para obtermos uma melhor precisão de valores optou-se em dividir as despesas das turmas individualmente, e em seguida obtermos um valor com maior exatidão. Vale lembrar que os donos de turmas ficam com um percentual maior que os demais pescadores, de maneira que os mesmos fazem os investimentos nas redes de pesca, no óleo diesel e alimentação, além de serem os taleiros da turma de pesca.

Após análise dos dados, verificou-se os gastos para a realização da pesca artesanal com redes, essas são compradas pelo dono da turma de pesca, a manutenção das redes é feita quase que diariamente com linhas de nylon, pelos próprios componentes do grupo. Segundo eles os gastos com os reparos ficam em média de R\$ 120,00 anualmente. O valor das redes não será embutido no cálculo para a criação do gráfico nesse trabalho, somente os gastos com linhas de nylon para os reparos das mesmas, pois todos os taleiros consultados informaram que os percentuais de valores das redes estão inseridos na distribuição dos valores do lucro sobre a venda do pescado. Segundo as informações dadas pelos donos de turmas, as redes de pesca têm uma durabilidade de 10 anos, e sofrem reparos diários. Nesse caso numa turma de 10 pescadores o gasto individual com as redes de pesca é de R\$ 1,50 mensais.

O custo com a alimentação, segundo os donos de turma, é só com a farinha de mandioca, o café não entra nas despesas na atividade pesqueira, a farinha é a complementação do alimento para o pescador nas turmas, e tem um gasto mensal em quilos, a média é de 120 kg de farinha por mês para uma turma de 12 pescadores, para as turmas com 6 pescadores o gasto médio é de 70 kg. O valor médio de um quilo de farinha é de R\$ 3,00 no ano vigente, o consumo mensal de farinha por pescador é 10,50 kg por mês, ou seja, o custo médio com alimentação é de R\$ 31,50 por pescador “nós dono de turma, no período em que a pesca está difícil, nos meses de agosto à 31 de outubro, só vamos para o rio conseguir o alimento da família, com muita sorte, quando nós encontramos um bom cardume, nós celebramos” (SANTOS, 2018).

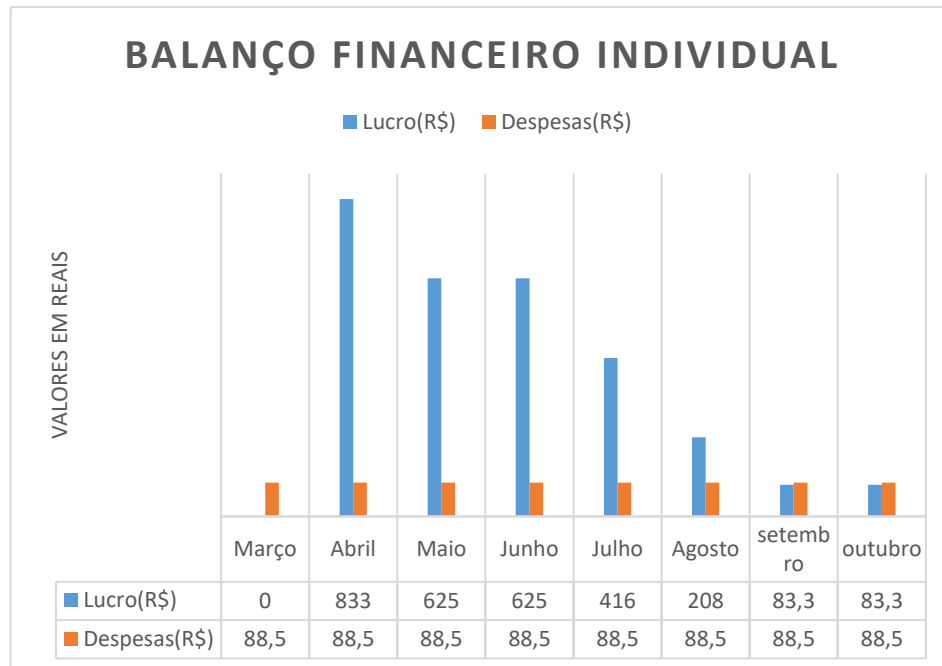
Mesmo no período pesqueiro, os pescadores da comunidade do rio Panacuera encontram dificuldade nos meses de agosto, setembro e outubro, pois segundo eles o pescado diminui e com isso as dificuldades aumentam. O baixo índice de cardumes de peixe cai em média 50%, nos meses de agosto e setembro, em outubro chega a 70%, são idas e vindas para a pescaria e nenhum cardume encontrado.

Os gastos com a pesca artesanal são altos, quando não se tem um retorno na pescaria, o combustível gasto para a realização da pesca é o óleo diesel, através das informações obtidas em campo, foram fornecidos os valores de gastos pelos donos de turma de pesca, são cerca de 10 litros de óleo por dia para uma turma de 12 a 16 pescadores, com isso o gasto mensal do dono dessa turma fica em torno de 180 litros de óleo, ou seja, cerca de R\$ 720,00 ; para uma turmas com 6 pescadores em um barco menor, os custos com combustível chegam a ser 3 litros por dia, 15 litros por semana, com isso um gasto mensal de 70 litros, com um custo de R\$ 280,00. Estes gastos são abstraídos do lucro, quando os pescadores conseguem um bom cardume. Os gastos mensais com óleo diesel por pescador, com relação aos dados fornecidos ficam em média no valor de R\$ 55,50 de despesas nessa turma de pesca.

A atividade pesqueira exercida pelas turmas de pesca no rio Panacuera é a pesca de malhadeira, a rede que eles utilizam serve para a pesca do mapará, pescada e tainha, segundo os donos das turmas de pesca a venda do pescado é diretamente para os atravessadores, devido o pescado ser muito perecível.

Os meses onde a pesca é mais rentável para todos os pescadores, são os 4 primeiros meses após a abertura da pesca, esse inicia no dia 1 de março, nesse dia as turmas de pesca fazem um grande festejo quando encontram um cardume. A venda do pescado é em basqueta, cada basqueta tem 40 quilos de peixe e segundo os donos de turma de pesca os valores da basqueta variam conforme o tamanho do pescado. Segundo os pescadores cada basqueta de mapará, pescada ou tainha em tamanhos médios são vendidos pelo mesmo valor de R\$250,00 no ano de 2018.

A construção do Gráfico 5, foi baseado em valores fornecidos pelos pescadores individualmente e também pelos donos de turma, os mesmos, infelizmente não guardaram anotações da pesca durante este ano de 2018 e nem de anos anteriores. Os dados fornecidos estão registrados somente nos arquivos lembrados por eles nos meses desde o início da pesca do ano de 2018, os valores reais da pesca de malhadeira no rio Panacuera não são exatos pelo motivo exposto, mas serão maximizados e organizados no gráfico, onde o mesmo irá mostrar os valores individuais mensais dos pescadores. Esse gráfico, mostra individualmente o balanço financeiro no período de pesca artesanal em meses, esse período é de 8 meses, seguindo a legislação da pesca no país, o gráfico mostrará que os pescadores no rio Panacuera, tem um trabalho árduo, seu compensador financeiramente é abaixo de um salário mínimo.

Gráfico 5 - Balanço individual mensal de cada pescador artesanal no rio Panacuera

Fonte: Carneiro, 2018

É importante ressaltar que os valores contidos no Gráfico 5 exposto, foram os valores que os pescadores forneceram, sendo que os mesmos não foram valores exatos, pois eles não fazem uma planilha mensal das despesas com a pesca e venda do pescado.

Diante do exposto concluímos que os pescadores dessa comunidade recebem menos que um salário mínimo mensal para as despesas de seus familiares, que no presente momento é de R\$ 998,00 mensais. Percebe-se que só a atividade pesqueira não é suficiente economicamente para que as famílias rurais possam viver com dignidade sem ter umas (s) complementações de renda em outras atividades que venham a somar na renda familiar, essas são constituídas por vários integrantes entre elas crianças que vivem com o mínimo necessário para a subsistência na alimentação e saúde. A pesca artesanal para a comunidade do rio Panacuera é uma atividade comum e necessária para os moradores que vivem não exclusivamente da pesca, mas que tem através da mesma fonte de renda de grande importância para sua reprodução social.

5.5 O extrativismo do açaí como base alimentar e aliado na renda do pescador artesanal

A palmeira do açaí é uma das árvores mais presentes na paisagem das margens do rio Panacuera, por ser um alimento diário para todas as famílias que residem nesta comunidade, próximas a todas as residências verifica-se a palmeira, destacando-se os seus produtos e subprodutos, para essa comunidade o açaí tem uma importância alimentar, e para algumas

famílias econômica, pois muitas dessas pessoas dependem diretamente do fruto advindo da palmeira.

Uma das características principais da palmeira do açá é o fato de seu crescimento ocorrer em touceiras reboladas¹⁰ Fotografia 16 que, quando não desbastadas, podem chegar a agrupar em uma mesma moita uma média de 20 palmeiras de idades e vigor diversos, para que isso não ocorra, o agricultor deve fazer a limpeza de seus plantio. Os estipes (caule) nos indivíduos adultos apresentam altura e diâmetro variando entre 3m e 20m e entre 7cm e 18 cm, respectivamente.

O clima tropical é ideal para a cultura do açá, mas esta cultura é bastante tolerável a clima quente e úmido, porém em temperatura abaixo de 18°C a planta apresenta desenvolvimento vegetativo retardado e baixa produtividade. Com relação ao solo, a cultura desenvolve-se bem tanto em Latossolo (terra firme), quanto em solos de várzea e igapó (solos encharcados), com bom teor de matéria orgânica e umidade, com PH variando de 4,5 a 6,5. Assim sendo, a palmeira de açazeiro é mais bem desenvolvida em terras de várzeas. (NOGUEIRA, 2005).

Fotografia 16 - Reboladas da palmeira do Açá, rio Panacuera



Fonte: Carneiro, 2018

A comunidade do rio Panacuera, tem excelentes características para o cultivo da palmeira, e isso torna o processo de produção ainda mais vantajoso para todos que ali residem. Dos 20 pescadores entrevistados, 100% consomem o fruto com suas famílias, mesmo aqueles que não tem lotes de terra para fazer o cultivo para venda, 50 % desse total fazem o plantio da palmeira, e no período de colheita entre os meses de agosto a dezembro vendem para os atravessadores, 40% desses pescadores não tem lotes de terra, porém eles trabalham nas

¹⁰ Reboladas: moitas

colheitas e na limpeza dos açazais, bem como no corte do palmito para as fabricas que se localizam na comunidade, somente 10% desse total disseram que só fazem o plantio para o consumo.

O açazeiro quando adulto apresenta inflorescência, produzindo cacho, apresentando três flores masculinas para uma feminina, e a polinização (cruzamento) é efetuada através do vento, de pássaros e insetos. A dispersão de frutos e sementes do açazeiro é feita a curta distância por pequenos animais roedores; a longa distância por tucano, jacu, araçari, periquito, papagaio e sabiá. Os rios que invadem as matas de várzea também auxiliam na dispersão. (NOGUEIRA, 2005).

A influência das marés ajuda a fazer esses regramentos dos plantios da palmeira, e o solo de várzea dessa comunidade, só aumenta a umidade fazendo com que as palmeiras se desenvolvam e aumente a produtividade do fruto do açaí, a despesa dos moradores que tem lotes e plantação é com a limpeza dos açazais e com a colheita dos mesmos.

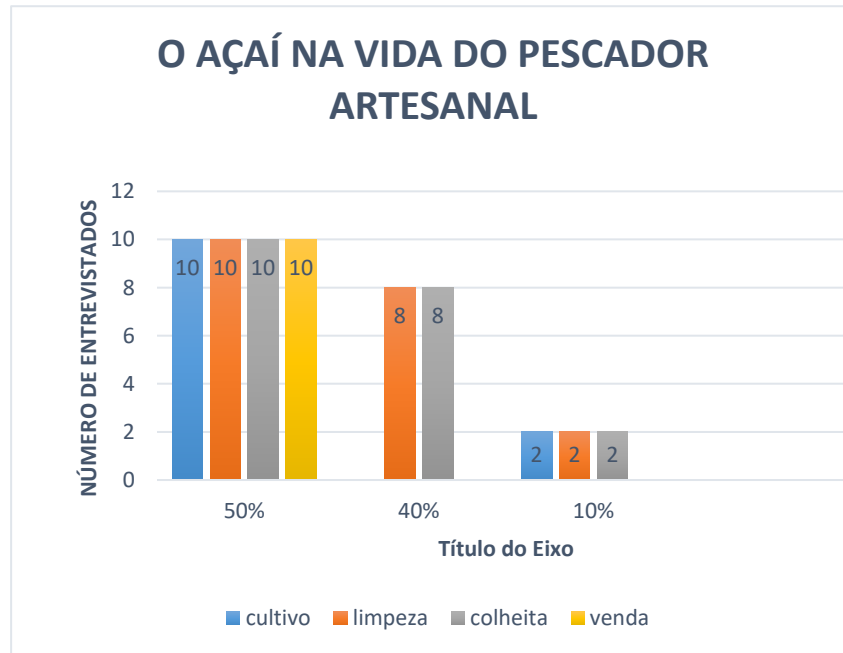
O açazeiro é totalmente aproveitável; dele se pode obter além de seus produtos que são o palmito e polpa do fruto; os subprodutos que são as folhas, o caule, as raízes, os cachos frutíferos e as sementes. Essa palmeira é de fundamental importância para as famílias tanto da região ribeirinha como da área urbana, destacando sua utilidade para a população dessas regiões que dependem do açaí.

Sabe-se que existem diferentes espécies de açaí, as quais, conseqüentemente, terão características diferenciadas, como por exemplo: tamanho dos cachos, diâmetro do caule, cor e tamanho dos frutos, entre outras. Os tipos de açaí mais conhecidos são: o açaí preto, e o açaí branco. Em termos de produção, de frutos, segundo IBGE (2015), destacam-se os municípios de Cametá, Limoeiro do Ajuru, Abaetetuba, Igarapé-Miri, Ponta de Pedras e Mocajuba. Além disso, a produção, tanto para o mercado interno quanto para o externo, é mais intensa nos meses de julho a dezembro, pois nesse período a maturação do fruto é mais intensa.

Segundo a EMBRAPA (2016), a produção de frutos do açazeiro no Estado do Pará alcançou 817, 2 mil toneladas, avaliadas em US\$ 1, 2 bilhão, no consumo anual interno. O Pará apresentou um consumo per capita de 17, 2 litros mês somente no período da safra, para pessoas que ganhavam até um salário mínimo, e os consumidores que ganhavam de dois a quatro salários mantinham o consumo duas a três vezes por semana alcançando um consumo familiar anual de 100, 2 litros de açaí.

Os pescadores que fazem a venda do fruto do açazeiro no rio Panacuera, informaram que a safra dessa localidade se intensifica a partir do dia 25 do mês de agosto, indo até o início do mês de janeiro. Vejamos o Gráfico 6 logo em seguida.

Gráfico 6 - O açaí como auxiliar financeiro na vida do pescador artesanal.



Fonte: Carneiro, 2019

Segundo esses pescadores produtores do fruto, apesar dos gastos com a limpeza e com a apanha do fruto, eles conseguem ficar com um percentual de todo investimento de cerca de 50% do total líquido, pois segundo eles, o valor da rasa (basqueta) de 45 kg, varia de R\$ 28, 00 à R\$ 40, 00, isso eles recebem dos atravessadores no período da safra.

Quando questionados sobre qual o valor do investimento na limpeza dos açazeiros, eles informaram que é pago uma diária que também varia de R\$ 70, 00 à 90, 00 essa limpeza é feita a cada 45 dias, o número de diárias paga a essa pessoa varia com o tamanho do terreno. A apanha do açaí é paga por rasa e varia de acordo com o valor de venda do fruto, ou seja, o apanhador fica com 20% do valor de comercialização da venda que é feita para o atravessador.

Portanto o açaí, representa na comunidade em estudo, um importante aliado na economia dos moradores Gráfico 6, sendo o principal produto de alimentação para as famílias que moram na região Amazônica, fazendo parte da base alimentar, agregando valores financeiros tanto para os pescadores que fazem o plantio e venda do fruto, quanto para o pescador que só faz o trabalho de limpeza das áreas e apanha dos frutos da palmeira, esses recebem um

m através do Gráfico 6 exposto é possível observar que 50% dos pescadores entrevistados, realiza o plantio, colheita do produto, limpeza e venda, 40% realiza somente a limpeza e colheita para os produtores que são donos de lotes de terra e cultivam a palmeira e somente 10% dos pescadores artesanais fazem o cultivo, limpeza e colheita, mas não fazem a venda do produto bem como não trabalham recebendo uma diária pela atividade com o extrativismo, toda produção é voltada para o consumo da família.

Portanto, o suco do açaí e a própria palmeira do fruto, tem uma forte influência econômica na comunidade em estudo, sendo tanto fonte de alimentação para a população rural quanto de renda, pois a palmeira como um todo traz valor econômico tanto no fruto quanto na palmeira. Após a análise dos dados, observou-se que a comunidade do rio Panacuera tem grandes produtores do extrativismo do açaí, por ser uma região propícia para o plantio do fruto, o consumo na alimentação das famílias dessa comunidade é 100%, o fruto é vendido para os municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri, uma grande parte desse fruto, saem desses municípios diretamente para a capital, sendo industrializado e mandando para outros estados e para alguns países.

O Gráfico 7, mostra o percentual de investimento de alguns pescadores com o extrativismo do açaí e quais os lucros obtidos com a comercialização do fruto. O gráfico foi construído a partir dos dados fornecidos pelos pescadores que realizam a atividade do extrativismo do açaí.

Gráfico 7 - O percentual econômico dos pescadores com extrativismo



Fonte: Carneiro, 2019

O Gráfico 7 exposto, mostra que 50% dos pescadores fazem investimento na atividade do extrativismo do açaí e com a venda o lucro pode chegar a 50%, cerca de 30% dos pescadores não fazem o plantio do açaí por não terem área para o plantio do fruto, mas trabalham com a limpeza e o plantio recebendo diária por essa atividade, 20% dos pescadores fazem o extrativismo, mas não fazem a comercialização do fruto.

Portanto, o extrativismo do açaí é para o pescador artesanal além da base alimentar de 100% das famílias dessa comunidade, uma atividade complementar de renda que ajuda economicamente todas as famílias direta ou indiretamente. Através dos dados obtidos percebemos a relevância do cultivo da palmeira na comunidade e a importância do fruto do açaí na alimentação da população, pois segundo as informações obtidas em campo, a pesca artesanal no rio Panacuera diminuiu bastante nos últimos anos, com isso as dificuldades aumentaram, levando-os a procurarem outras formas de complementar a renda familiar.

5.6 Construção do produto, manuseio, e relevância para o pescador dessa comunidade.

O produto (calendário registro), será manuseado pelo próprio pescador artesanal de modo individual, onde poderá estar fazendo essa atividade pesqueira em turmas, individual ou em família. Esse instrumento novo para o pescador será um recurso de registro em detrimento a eventuais comprovações diante ao poder público, pois segundo a pesquisa de campo, situações vividas pelos pescadores, perante órgãos públicos deixaram alguns pescadores de mãos atadas por não terem nenhum tipo de registro que comprovasse sua atividade de trabalho com a pesca artesanal. Essa comprovação da atividade com a pesca artesanal necessita de comprovação de moradia na zona rural, testemunhas de moradores que trabalham com a pesca artesanal. Nesse caso, o calendário só iria agregar elementos para a comprovação da atividade pesqueira não deixando dúvidas para o poder público sobre os direitos trabalhistas que esse pescador necessita no período da piracema, ou mesmo para eventuais aposentadorias ou licença saúde.

Para que a proposta do produto tenha êxito para os pescadores artesanais da comunidade em estudo, será ministrada uma oficina de preparação, na escola Graziela Gabriel, em virtude de estar localizada em um ponto da comunidade que abrange os pescadores dos municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri e fazem o trabalho com a pesca artesanal nessa região. Os pescadores aprenderão a fazer o preenchimento do calendário, tabelas e gráficos. O calendário deve conter a assinatura do pescador e testemunhas, tabelas de controle de gastos mensais, bem como o lucro com a venda do pescado. Os registros serão de fácil preenchimento, mesmo para o pescador que ainda não foi alfabetizado. Esse registro estará separado em diferentes tabelas,

facilitando o entendimento para todos que estiverem lendo a variação de despesas e lucros, possam entendê-lo sem dificuldades.

Ao receberem o calendário registro, os pescadores terão todas as orientações necessárias para o preenchimento. A oficina será direcionada somente para completar o calendário que fará parte do histórico formalizado da atividade pesqueira dos pescadores da comunidade do rio Panacuera. Dessa forma todos os pescadores terão o entendimento e poderão tirar suas dúvidas, sendo possível a compreensão dos valores. Após essa etapa, os pescadores conseguirão com maior exatidão, verificar os lucros e as despesas obtidas com a atividade pesqueira durante o período de desenvolvimento da pesca.

As tabelas de despesas e venda do pescado com a pesca artesanal, serão preenchidas de maneira direta, pois todos os gastos devem estar descritos com clareza, de maneira que o pescador tenha o entendimento, caso ele tenha dificuldade com a formalização dos valores que serão descritos na tabela, poderá designar alguém que possa estar fazendo o adição, mas caso esse pescador utilize como documento em instituições públicas, deve alegar que um terceiro fez o preenchimento dos registros.

O gráfico será a mensuração da pesca mensal e servirá como um termômetro, ou seja, o pescador fará a marcação da quantidade de gastos ou venda do pescado na coluna desejada, os valores de referência estarão no gráfico para que os pescadores não tenham a preocupação de organizar e ter problemas na construção.

Desta forma, concluímos esse trabalho de pesquisa na pesca artesanal na comunidade do rio Panacuera propondo a cartilha como um produto, um subsídio ao pescador que pretende organizar e formalizar a atividade pesqueira, isso será uma forma de documentar todo trabalho que o pescador realiza em lócus, esse registro poderá vir a ser um comprovante para uma futura aposentadoria, bem como uma possível forma de mostrar o trabalho para as gerações futuras e para trabalhos científicos.

O controle será descrito pelo próprio pescador artesanal, nos dias das atividades pesqueiras, o registro organizado por ele será mais um componente de suporte para eventuais comprovações da atividade pesqueira, em instituições como Instituto Nacional de Sistema Social e Colônia de Pescadores.

Para que não haja fraude diante de instituições governamentais, três moradores locais, ligados a pesca artesanal, não sendo esses parentes do pescador artesanal, servirão como testemunha, através de assinaturas.

As figuras a seguir representam os modelos de tabelas e gráficos que farão parte do calendário, registros a serem executados pelos pescadores artesanais da região do rio Panacuera. A Tabela 1, mostra um modelo de monitoramento de produção do pescado ao mês podendo esse ser semanalmente, isso pode variar de acordo com cada grupo de pescadores, onde o pescador, irá fazer todo monitoramento durante o período pesqueiro, as descrições dos pescadores serão por espécies de peixe e valores de venda que poderão ser em quilos, basquetas ou toneladas.

Tabela 1- Monitoramento da produção, mês: mar/abr./ maio/jun./jul/ago./set/out

ESPÉCIES DE PESCADO	PRODUÇÃO MENSAL EM KG	PRODUÇÃO MENSAL DA PESCA EM REAIS
CAMARÃO		
DOURADA		
FILHOTE		
MAPARÁ		
PESCADA		
TAINHA		
TOTAL		

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

Obs.: O pescador poderá colocar a quantidade do pescado em valores reais, equivalente ao trabalho realizado pelo mesmo, ficando a critério do trabalhador que pratica a pesca artesanal. As espécies de pescado terão sua produção mensal destacada, para que os pescadores possam fazer um melhor acompanhamento de toda produção de sua atividade na pesca.

Para o monitoramento dos gastos, Tabela 2, construímos um modelo mensal, o mesmo poderá ser organizado semanalmente, dependendo da região a ser inserido esse modelo, nesse serão preenchidos todos os gastos ocorridos com a pesca artesanal durante o período pesqueiro mensal, nessa tabela será colocado todas as despesas com o trabalho na pesca. O monitoramento das despesas sofre poucas variações segundo os pescadores, pois as redes de pesca, matapi, os anzóis são matérias permanentes, os reparos dos instrumentos de trabalho é feito pelos próprios pescadores semanalmente, e alguns deles tem uma durabilidade de no mínimo de 5 anos.

Tabela 2 - Despesas, mês: mar/abr./ maio/jun./jul/ago./set/out

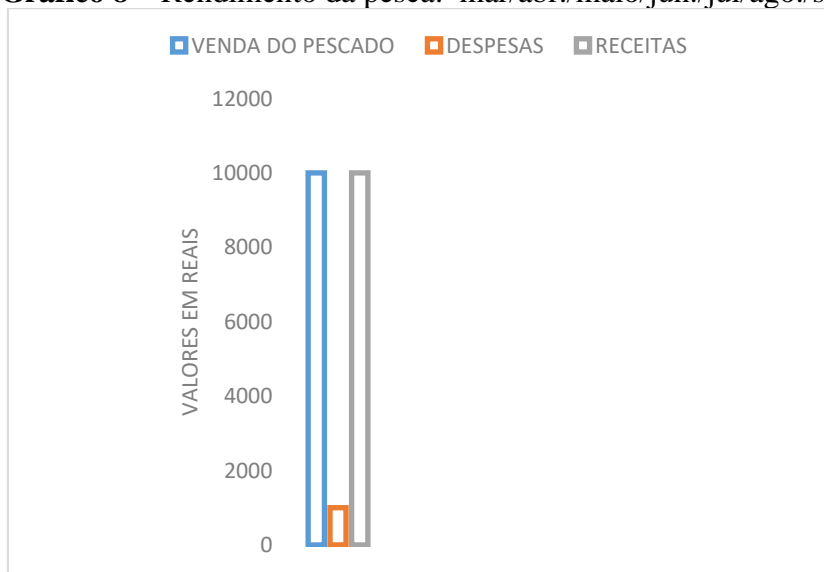
ESPÉCIES DE DESPESAS	VALORES EM REAIS DE DESPESAS
DÍZEL	
ALIMENTO	
REDES	
ANZÓIS	
TOTAL	

Fonte: Carneiro, 2019

Obs.: O monitoramento das despesas com a pesca seguirá o modelo do monitoramento com as receitas, sendo que podem entrar outras atribuições as despesas que não estão exposta na tabela acima.

O Gráfico 8 consiste num um modelo de monitoramento da pesca artesanal mensal visando um monitoramento geral tanto das receitas e despesas com a pesca mensalmente, traz uma abordagem geral da atividade pesqueira executada pelos pescadores na comunidade do rio Panacuera. Através da identificação dos dados que serão depositados pelos pescadores, para que os mesmos possam registrar e visualizar suas receitas e despesas mensalmente, ele poderá funcionar como um termômetro para o registro da atividade pesqueira, para que o pescador possa acompanhar e observar em qual período houve um melhor rendimento da pesca artesanal, podendo com isso, agregar novas complementações de renda na economia familiar para que essa não venha a sentir dificuldades financeiras durante o período de menor rentabilidade na economia do pescador artesanal.

Gráfico 8 – Rendimento da pesca: mar/abr./maio/jun./jul/ago./set/out



Fonte: Carneiro, 2019

O Gráfico 8, refere-se a um modelo de monitoramento de lucros e despesas mensal que o pescador artesanal da comunidade do baixo Tocantins, poderá preencher de maneira sucinta como um termômetro de variação de receitas e despesas, ou seja, esse pescador só fará a indicação no gráfico dos valores obtidos durante o mês na atividade pesqueira, a coluna azul indicará uma variação de venda do pescado, a coluna laranja indicará as despesas com a pesca e a cor cinza indica o lucro obtido com a pesca artesanal.

O gráfico 8 de monitoramento geral das despesas e lucros com a pesca artesanal na comunidade do rio Panacuera, mostra para o pescador a dimensão geral da atividade pesqueira realizada por ele, sendo essa uma atividade que dá rentabilidade ou não, a pesca é a principal atividade que possibilita uma indenização governamental em casos de piracema para o pescador, validando a aposentadoria pelo trabalho realizado na região onde vive. Isso ocorre quando o pescador consegue provar que faz a atividade pesqueira e vive na zona rural.

Portanto, o produto final da pesquisa é a elaboração de um calendário registro com base cadastral do pescador, que poderá conduzir a organização das finanças do trabalho realizado na pesca artesanal, ajudando o pescador a fazer um equilíbrio econômico no período da piracema, bem como poderá servir de documento de comprovação do trabalhador artesanal em caso de necessidade de comprovação de profissão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo a compreensão adquirida a partir da dissertação intitulada *Viabilidade econômica da pesca: identificação da reprodução social de pescadores do rio Panacuera no município de Abaetetuba /PA*, a partir das incursões a campo, nas discussões de texto, nas conversas com os pescadores nas turmas de pesca, e com os moradores locais, percebeu-se que a pesca é a principal fonte de renda dessa população, mas que existem aspectos descentralizados que circundam a vida econômica do pescador artesanal na comunidade do rio Panacuera que são o extrativismo do açaí, a caça, a agricultura familiar, fontes de renda dos moradores locais. Essas atividades fazem parte da vida econômica, social e cultural, tornando o cotidiano dessas famílias, um espaço de identidade e aconchego, importantíssimo para a sua sobrevivência.

Assim, dividida em cinco seções, a introdução como primeira seção, apresentou nossos primeiros passos nesse mundo da organização econômica da pesca artesanal; a segunda focalizou nas estratégias da reprodução social de comunidades rurais, bem como sua relevância na comunidade do rio Panacuera; na terceira seção, fez-se a apresentação do corpus envolvido nesta pesquisa bem como a catalogação de dados, por meio de questionário, necessários para avaliar não apenas o modo de vida do pescador artesanal, como também a cartografia do lugar; na quarta seção, apresentaremos as razões que nos levaram a escolher a pesca artesanal na comunidade do rio Panacuera para a experiência em desenvolver um método de organização econômica local; e por último faremos nossas considerações finais.

A renda de um pescador, segundo os dados obtidos em campo está muito baixa, conduziu-se o ganho real com a atividade pesqueira no rio Panacuera, mostrando o valor do lucro com a atividade da pesca artesanal, sendo esse inferior a um salário mínimo mensal. Essa profissão segundo os dados obtidos na pesquisa não está acompanhando o valor real de um salário mínimo, devido à escassez do pescado. A atividade pesqueira requer muito trabalho e necessita de habilidades, força, agilidade do pescador cujo amor pela profissão o impulsiona a exercê-la com maestria, numa junção de companheirismo, amizade e trabalho. Todos os dias, salvo aos domingos, os pescadores saem com a esperança de conseguir uma boa pesca, caso não obtenham êxito, eles retornam no mesmo dia para uma nova tentativa.

Os pescadores entrevistados na sua totalidade afirmam que têm dificuldades para o sustento da família, já que, a pesca artesanal na comunidade do rio Panacuera está escassa há mais de quatro anos, agravando a economia pesqueira e afetando o sustento familiar. As espécies de peixe como a piaba e a tainha, por exemplo, desapareceram da região, obrigando

consequentemente esses pescadores a desenvolverem atividades complementares para aumentar a renda, como o extrativismo vegetal.

Outros dados relatados pelos entrevistados mostram que há duas realidades distintas em relação aos pescadores que trabalham direta ou indiretamente com o extrativismo do açaí para a complementação da renda familiar. Segundo a pesquisa os que trabalham diretamente têm uma área de plantio do fruto do açaizeiro, e fazem o plantio tanto para o consumo, quanto para a venda; já os que fazem a atividade indireta, não possuem área de plantio do fruto, fazem somente a atividade braçal, limpando as áreas dos pescadores proprietários de áreas de cultivo do açaí que pagam diárias pelo serviço prestado com o propósito de ajudar seus amigos pescadores.

Assim, a maneira como esses pescadores vivem e sobrevivem no ambiente rural dessa comunidade está centralizada na pesca, mas o extrativismo aparece como segunda opção de renda para muitas famílias de pescadores artesanais. Essas atividades, portanto, não são somente um recurso de subsistência, mas um elemento que faz parte das ações dos moradores.

A pesca artesanal apresenta várias modalidades, dentre elas estão a de malhadeira e espinhel que é exercida quase 100% pelos homens. As turmas de pesca da comunidade do rio Panacuera, são exclusivamente constituídas de homens, porque as mulheres não fazem a pesca de malhadeira, não por serem do sexo feminino, mas pelo horário de trabalho na atividade pesqueira que é intensa e requer uma dedicação em um longo período. A pesca de malhadeira e de espinhel demanda horários em que as mulheres precisam organizar os filhos para a escolar, e executar tarefas domésticas para organizar a casa. Como essa pesca é demorada e muito cansativa elas não têm como conciliar com os afazeres domésticos, apesar disso, muitas mulheres ajudam o marido fazendo os reparos nas malhas de pesca, quando essas apresentam algum defeito causados pela atividade pesqueira.

As tecnologias que se encontram inseridas na comunidade não interferem nas atividades dos moradores. Economicamente, houve um avanço no modo de vida dos moradores rurais, principalmente com relação ao armazenamento da alimentação. Hoje eles conseguem estocar o peixe para alimentar sua família durante meses, com um custo bem mais baixo do que a três anos atrás, pois antes da chegada da energia elétrica o gasto era alto com combustível e o tempo de uso de energia era baixo.

As dificuldades dos pescadores da comunidade do rio Panacuera não se encontram somente no âmbito da atividade pesqueira, mas estão também atreladas à falta de entendimento entre pescadores artesanais e as colônias Z-14 de Abaetetuba e a dos pescadores Z-15 de

Igarapé- Miri, os desentendimentos aumentam quando esses precisam provar que fazem a atividade pesqueira para ter direito ao seguro defeso, porque muitos têm um gasto econômico para levar pescadores que sejam moradores locais e que sirvam de testemunha para a comprovação da atividade pesqueira nas sedes das colônias. Outros aspectos desfavoráveis entre a colônia e pescador consiste na demora do pagamento do seguro defeso e a não obediência de alguns pescadores em realizar a atividade pesqueira no período do seguro defeso. Segundo a pesquisa não existe um suporte para que haja o cumprimento da piracema, tornando a vida da maioria da população que vive diretamente da pesca artesanal, bem mais difícil. A partir das discussões, houve uma proposta dos próprios pescadores em construir algo que pudesse facilitar a comprovação na atividade pesqueira, que fosse de fácil entendimento e manuseio para todos os pescadores dessa comunidade, mesmo para aqueles que não soubessem ler e escrever.

Nesse sentido, propusemos a criação de um calendário registro como produto dessa pesquisa para enriquecer o trabalho de campo e produzir um instrumento de registro para o pescador artesanal. Um calendário registro com base cadastral, que através de gráficos, tabelas, registro digital/ nominal, poderá fazer parte de documentos de comprovação do trabalhador rural com a atividade pesqueira e possibilitar que esse pescador tenha um controle da atividade realizada por ele. Esse instrumento, também, pode servir para eventuais comprovações trabalhistas, bem como auxiliar em trabalhos acadêmicos para levantamentos mais precisos com relação ao pescado na região nordeste do Baixo Tocantins. Outros benefícios do calendário são o não deslocamento de pescadores que serviriam como testemunhas legais de que o morador pratica a pesca artesanal na comunidade em estudo; esse calendário será norteador do balanço financeiro dos pescadores.

Percebe-se através da pesquisa que a dinâmica na vida do pescador na comunidade do rio Panacuera faz com que eles se tornem mais companheiros e fraternos uns com os outros, seja no meio familiar ou nas suas turmas de pesca, que buscam sempre alternativas para sobreviver, tendo que conciliar novas atividade à pesca, culminando, muitas vezes em uma jornada de trabalho exorbitante, são mais de 12 horas todos os dias. A iniciação na atividade pesqueira se dá a partir dos 4 anos de idade na pesca do camarão, com a participação dos pais e outros familiares. Assim, todos os integrantes que vivem na mesma casa agregam de alguma forma um valor econômico seja ele direto ou indireto.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. **Cartografias sociais e dinâmicas territoriais**: marcos para o debate. Rio de Janeiro: IPPUR.UFRJ, 2010.p. 05-07.
- ALCANTARA, F. R. C. **Entrevistas residenciais**. [Entrevista cedida a Joana carneiro]. Abaetetuba, 2019
- ANTONIO, M. S. dos Santos. A cadeia produtiva da pesca artesanal no Pará: estudo de caso no Nordeste paraense. **Amazônia: Ci. & Desenv.** v.1, n.1, jul. dez. 2005.
- BRASIL. **Confederação nacional dos pescadores e aquicultores**. Disponível em: <http://www.cnpa.org.br/conhecaCnpa.aspx> . Acesso em 13 jan. de2020.
- BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de julho de 2009. **Política nacional de desenvolvimento sustentável da aquicultura e da pesca**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm. Acesso em: 12 de ago. 2018.
- BRASIL. Decreto nº 6.040, de fevereiro de 2007. **Institui a política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 8 de fev. 2007.
- BRASIL. Decreto nº 8.424, 31 de março de 2015. **Dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/Decreto/D8425.htm. Acesso em: 13 de ago. 2018.
- BRASIL. Decreto nº 8.425 de 31 de março de 2015. **Inscrição do registro geral da atividade pesqueira**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018//2015/Decreto/D8425.htm. Acesso em: 13 de ago. 2018.
- BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. **Dispõe sobre os planos de benefícios da previdência social**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.htm. Acesso em: 5 de ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. **Pesca Artesanal**. 2014. Disponível em: www.mpa.gov.br/index.php/pesca/artesanal. Acesso em: 09 de ago. de 2018.
- CRUZ, N. M. **Acordo de pesca na Amazônia brasileira**: comunidade de Jaracuera, rio Tocantins Pará, 2012. Editora GAPTA.UFPA, 2011.p. 20.
- CONCEIÇÃO, J. S. **Entrevistas residenciais**. [Entrevista cedida a Joana carneiro], Abaetetuba, 2019
- DIEGUES, A C. **Povos e águas**. São Paulo: USP.NUPAUB, 2012. P.50-51.
- DIEGUES, A. C. **O mundo social dos pescadores artesanais brasileiros**. CEMAR: Centro de Culturas Marítimas. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa no. 8. Universidade de São Paulo. São Paulo/SP. 1993.

DIEGUES, A. C. **Tradição e mudança:** diversas formas de produção na pesca. Editora NUPAUB – USP 2012.p.76-87.

DIEGUES, A. C. S. **Povos e Mares:** Leituras em Sócio- Antropologia Marítima. São Paulo, NUPAUB-SP. Tima e Pesqueira. São Paulo: Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações humanas e Áreas Úmidas Brasileiras. USP, 1995.p.315.

Empresa brasileira de pesquisa agropecuária. Comercialização Polpa de açaí <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes-publicacao.1074306>. Acesso em: 6 de jan. 2019.

FERRI, L. A ilha Monte de trigo: impressões de viagens. In: DIEGUES, A. (Org.). **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB.USP, 1997. p. 137-153.

FURTADO, L. G. Dinâmicas sociais e conflitos da Pesca na Amazônia. In: ACSERALD, Henry. (Org.). **Conflitos ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: IURP.UFRJ, 2004. p122-128.

GARCIA, G. L. **Memória dos engenhos do Baixo Tocantins:** antigos engenhos de aguardente; Municípios de Abaetetuba e Igarapé-Miri. Belém: edição do autor, 2011.p. 32-40.

GONDIM, S. M. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos. Salvador Bahia.Paidégua.2003. p. 149-161.

GONÇALVES, C. F. **Entrevistas residenciais**. [Entrevista cedida a Joana carneiro], Abaetetuba, 2019.

IBAMA. **Populações tradicionais e as reservas extrativistas:** A defesa do meio ambiente. Disponível em: www.ibama.gov.br/resx/pop.htm. Acesso em: 15 ago. de 2018.

IBAMA. **Direitos ambientais para o setor pesqueiro: diagnóstico e diretrizes para a pesca marítima**. Brasília: IBAMA/PNUD, 1999.

IBAMA, **Estatística da pesca 2007: grandes regiões e unidades da federação**. Tamandaré, PE: IBAMA.CEPENE, 2007. P.151.

IBGE. **Banco de dados agregados**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 maio de 2018.

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 maio de 2018.

IBGE. Agência de notícia 2017.Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br> . acesso em 3 ago. de 2019.

LA BLACHE, Paul Vidal. **Princípios de geografia humana**. 2º ed. (S.I): Cosmo, 1954.

ISAAC, V. J.; BARTHEM, R. B. Os recursos pesqueiros da Amazônia Brasileira. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Série Antropologia**, Belém, v. 11, n.2, p. 295-339, ago.1995.

MALDONADO, W. PAPERS DO NAEA Nº 127 **Da mata para o mar: a construção da canoa caíçara em Ihabela/SP**. 2001. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. p.101-112.

MARQUES, J. G. W. Pescando pescadores: **ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. 2ª. ed. São Paulo. NUPAUB, 2001. p. 1-6.

LIVRAMENTO, L. F. **Entrevistas residenciais**. [Entrevista cedida a Joana carneiro], Abaetetuba, 2019.

LOBATO, R. P. **Entrevistas residenciais**. [Entrevista cedida a Joana carneiro], Abaetetuba, 2019.

LÚCIA, M. A. C. **Desenvolvimento sustentável, crescimento econômico e o princípio da solidariedade intergeracional na perspectiva da justiça ambiental**. n. 8. Macapá, 2016. p. 63-86.

MAUÉS, J.C. **Entrevistas residenciais**. [Entrevista cedida a Joana carneiro]. Abaetetuba, 2019.

MOURÃO, L. **Memória da indústria paraense**. XII congresso brasileiro de história econômica & 13ª conferência internacional de história de empresas. Belém. UFPA, ago. de 2017. p. 5-7

NUPAUB-SP. **A pesca construindo sociedade**. São Paulo: Fundação Ford, 2012.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia 2010. Disponível em: <http://www.novacartografiasocial.com>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PERUCCHI, L. C. **Cartilha do pescado artesanal: etnoecologia, direitos e territórios na bacia do rio Tramandaí**. Organizado por Loyvana Carolina Perucchi e Gabriela Coelho-de Souza-Marquiné: Via Sapiens, 2015. 88p.

RICARDO, P. de S. B. **Os pescadores e a recente normatização da pesca no estado do Pará: elementos para o reconhecimento da expressão ambientalista num movimento social**. PAPERS nº127, Belém: UFPA. NAEA, jan. 2000. p.6-8.

SANTOS, M.A.S. **A cadeia produtiva da pesca artesanal no nordeste paraense: municípios de Augusto Corrêa, Bragança, Curuçá, Maracanã, Marapanim, São João Pirabas e Viseu**. Belém: SEBRAE.PROASCON, 2004. p. 116.

SILVA, C. O. et al. **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira**. Editora do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Manaus 2004.

SILVA, C. N. **Territorialidades e modo de vida de pescadores do rio Itaquara, Breves – PA**. Belém: UFPA.CFCH, 2006.p 33-39. Dissertação do programa (de Pós-graduação em geografia, da Universidade Federal do Pará), 2006.

SILVA, C. N. **Geografia e representação espacial da pesca na Amazônia paraense**. Belém: UFPA.GAPTA, 2012. p. 45-53.

SILVA, C. N. **O mapeamento participativo como metodologia de análise do território Belém.** SCTENTIA PLENA, volume 12 nº 6, 2016.

SOUSA, R. S. **Entrevistas residenciais.** [Entrevista cedida a Joana carneiro]. Abaetetuba, 2019

SANTOS, G. R. **Entrevistas residenciais.** [Entrevista cedida a Joana carneiro]. Abaetetuba, 2019.

APÊNDICE A-ELABORAÇÃO DE QUESTIONÁRIO DE CARÁTER QUALITATIVO E QUANTITATIVO PARA O PESCADOR DO RIO PANACUERA/PARÁ BRASIL.

Idade:.....

Sexo: Masculino () Feminino ()

1) VOCÊ É UM PESCADOR ASSOCIADO NA COLÔNIA DOS PESCADORES?

.....

2) QUANTOS PESSOAS NA SUA FAMÍLIA EXERCEM A ATIVIDADE PESQUEIRA?

.....

3) QUAIS SÃO OS TIPOS DE PESCADOS NA REGIÃO DO RIO PANACUERA?

.....

4) QUAIS OS MESES QUE SE INTENSIFICA AS ATIVIDADES PESQUEIRAS?

.....

5) QUAIS SÃO OS GASTOS QUE VOCÊS TÊM PARA A REALIZAÇÃO DA PESCA POR SEMANA NA COMUNIDADE?

GASTOS SEMANAIS	VALOR (R\$)
ÓLEO	
FUNCIONÁRIO	
ALIMENTAÇÃO	
EMBARCAÇÃO	
REDES	
ANZOIS	

6) QUAIS SÃO OS PESCADOS E OS PREÇOS POR KG QUE SÃO VENDIDOS POR SEMANA PARA OS ATRAVESSADORES?

PESCADO(BASQUETA)	VALOR(R\$)
MAPARÁ	
PESCADA BRANCA	
TAINHA	

7) QUAIS SÃO OS LUCROS OBTIDOS COM A VENDA DO PESCADO SEMANALMENTE?

PESCADO	DESPESAS (R\$)	LUCRO (R\$)
TAINHA		
MAPARÁ		

8) QUANTOS QUILOGRAMAS DE PESCADOS SÃO OBTIDOS NUMA ATIVIDADE PESQUEIRA POR ESPÉCIE SEMANALMENTE?

PESCADO	QUILOS (kg)
CAMARÃO	
DORADA	
FILHOTE	
MAPARÁ	
PESCADA	
TAINHA	

9) QUAIS OS INSTRUMENTOS USADOS PARA MEDIR O PESCADO POR ESPÉCIE?

.....

10) DURANTE 1 MÊS, QUANTAS ATIVIDADES PESQUEIRAS SÃO REALIZADAS?

.....

11) QUAIS OS LOCAIS DESTINADOS PARA A VENDA DO PESCADO?

.....

12) EXISTE NO GRUPO PESQUEIRO UMA ESTIMATIVA DE UM BALANÇO FINANCEIRO NA VENDA DO PESCADO NO SENTIDO DE EQUACIONAR A RECEITA?

.....
.....

13) QUAIS AS LOCALIDADES NESSA REGIÃO ONDE SÃO REALIZADAS AS ATIVIDADES PESQUEIRAS?

.....
.....

14) QUANDO É FECHADA A TIVIDADE PESQUEIRA, QUAIS SÃO AS ALTERNATIVAS QUE OS PESCADORES EXERCEM PARA GARANTIR O SUSTENTO FAMILIAR?

.....
.....

15) EXISTE FISCALIZAÇÃO DO ÓRGÃO PÚBLICO PARA IMPEDIR A ATIVIDADE PESQUERIRA, EVITANDO O RISCO DE EXTINÇÃO DE ALGUMAS ESPÉCIES DO PESCADO?

.....
.....

...16) COMO ACONTECE ESTA FISCALIZAÇÃO PARA ASSEGURAR E IMPEDIR A ATIVIDADE PESQUEIRA?

.....
.....

17) EXISTE FISCALIZAÇÃO NO SENTIDO DE IDENTIFICAR SE UM DETERMINADO PESCADOR EXECUTE A SUA ATIVIDADE, QUAIS SÃO AS NORMAS EXPRESSAS QUE POSSIBILITA QUE VENHA SER ASSEGURADO DURANTE O PERIODO DO DEFESO?

.....
.....

18) QUAIS SÃO OS INSTRUMENTOS USADOS PARA A REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE PESQUEIRA? O QUE VOCÊ MAIS UTILIZA?

.....
.....

20) QUAIS AS ALTERNATIVAS DE ATVIDADES PARA A SOBREVIVÊNCIA DA FAMÍLIA, QUANDO NÃO SE CONSEGUE O PESCADO?

.....
.....

21) VOCÊ TRABALHA COM O ESTRATIVISMO DO AÇAI DE QUE MANEIRA?

.....
.....

22) MESMO TENDO ALTERNATIVAS DE TRABALHO, AINDA ASSIM, VC SENTE DIFICULDADES EM DÁ O SUSTENTO PARA A SUA FAMILIA?

.....
.....

23) –QUANTAS PESSOAS MORAM EM SUA CASA, E QUANTAS AJUDAM PARA O SUSTENTO DA MESMA?

.....
.....

APÊNDICE B- PRODUTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE RECURSOS
NATURAIS E DESENVOLVIMENTO LOCAL NA AMAZÔNIA

JOANA DARC DE SOUSA CARNEIRO

CALENDÁRIO REGISTRO: PESCADOR ARTESANAL

BELÉM/PA

2020

JOANA DARC DE SOUSA CARNEIRO

CALENDÁRIO REGISTRO: PESCADOR ARTESANAL

Produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia do Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Dr. Christian Nunes da Silva.

BELÉM/PA

2020

CARTILHA REGISTRO FINANCEIRO, ATIVIDADE PESQUEIRA, RIO PANACUERA/PA

APRESENTAÇÃO

A pesca artesanal no Pará reúne um dos maiores contingentes de trabalhadores que fazem parte deste segmento econômico, o abastecimento do mercado interno no estado chega a ser consumido em mais da



metade de tudo que é pescado pelos moradores de comunidades da região do estado (Fundação Centro Nacional de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho).

Esse trabalho, objetiva observar e analisar os aspectos econômicos e sociais, das atividades pesqueiras, para identificar a importância da sobrevivência familiar, bem como analisar de que forma a comunidade se auto sustenta através das atividades pesqueiras (Fotografia 2)

Fotografia 2-: pescadores na atividade pesqueira, rio Tocantins



Fonte: Carneiro, 2019

LEI DE REGULARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PESQUEIRA

A Lei nº 11.956, 29 de junho de 2009, dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca.

ARTIGOS QUE REGEM A PESCA ARTESANAL

Seção II Art. 4º :A atividade pesqueira compreende todos os processos de pesca, exploração¹ e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros.

Parágrafo único. Consideram-se atividade pesqueira artesanal, para os efeitos desta Lei, os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal.

Seção I Art. 8º: a) Pesca artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte.

VISÃO DA TIVIDADE PESQUEIRA PARA A COMUNIDADE EM ESTUDO

1-Visamos analisar a viabilidade econômica e social do pescador Fotografia 3 e Fotografia 4, seu modo de vida e de seus familiares, que vivem as margens do rio Panacuera; compreendendo a relevância que a comunidade pesqueira possui para à manutenção do sustento de comunidades Amazônicas.

2-Verificando o balanço financeiro e identificando as espécies mais pescadas na região da comunidade e os locais onde são realizadas as atividades pesqueiras

Fotografia 3-: Pescadores saindo para a atividade pesqueira, rio Panacuera



Fonte: Carneiro, 2019

Fotografia 4-: Pescadores em atividade rio Panacuera



Fonte: Carneiro, 2019

PROPOSTA DE FORMALIZAR A ATIVIDADE PESQUEIRA

Com o intuito de ajudar a organizar e formalizar o cotidiano econômico do trabalhador artesanal, procuramos propor uma forma de documentar o trabalho realizado em lócus pelos pescadores, Fotografia 5, Fotografia 6, Fotografia 7 e fotografia 8.

O registro será em tabelas previamente organizadas e gráficos, servirá para futuras comprovações trabalhistas em instituições públicas ou para trabalhos acadêmicos.

Moradores da comunidade, buscando o sustento familiar, na região do rio Panacuera

Fotografia-5: pesca de rede em turmas de pesca



Fonte: Carneiro, 2019

Fotografia -6: Pesca do camarão em família



Fonte: Carneiro, 2019

Fotografia-7: pescadores em atividade na pesca de rede



Fonte: Carneiro, 2019

Fotografia-8: pesca individual

Fonte: Carneiro, 2019

PROPOSTA PARA O CONTROLE DO PESCADOR ARTESANAL

O controle será pelo próprio pescador, nos dias das atividades pesqueiras, isso trará ao pescador mais um componente de suporte para eventuais comprovações da atividade pesqueira, em instituições como: Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) e Colônia de Pescadores.

Para que não haja fraude diante de instituições governamentais, três moradores locais, ligados a pesca artesanal, não sendo esses parentes do requerente, servirão como testemunha, através de assinaturas.

NOME DO PESCADOR:.....

LOCALIDADE:

REGIÃO:

MÊS: MARÇO

ANO:

DIAS TRABALHADOS:

01/02/03/04/05/06/07/08/09/10/11/12/13/14/15/16/17/18/19/20/21/22/23/24/25/26/27/28/29/30

CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO PESQUEIRA, MONITORAMENTO DA PRODUÇÃO

O pescador artesanal poderá fazer o monitoramento de seu pescado, produção, semanalmente ou mensalmente conforme o quadro de despesas abaixo. Isso deve variar de acordo com cada

localidade e cada indivíduo, pois o grupo em estudo da região do baixo Tocantins da localidade do rio Panacuera entendeu que o monitoramento mensal é mais viável para grande parte dos pescadores.

MÊS: MARÇO

Gráfico-1: monitoramento de produção

ESPÉCIES PESCADO	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA	TOTAL MÊS
CAMARÃO					
DOURADA					
FILHOTE					
MAPARÁ					
PESCADA					
TAINHA					
PIABA					
TOTAL					

Fonte: Carneiro, 2019

O pescador poderá colocar a quantidade do pescado em basqueta (B), equivalente a 40kg, tonelada (T) equivalente a 1000 kg, ficando a critério de cada pescador, desde que ele indique a medida a ser utilizada.

As espécies de pescado terão registradas sua produção semanal destacada na tabela, para que o pescador possa acompanhar essa produção. Outras espécies podem ser colocadas na tabela e informadas com suas devidas quantidades de massa.

CALENDÁRIO DE DESPESAS COM A ATIVIDADE PESQUEIRA

O pescador artesanal poderá fazer o monitoramento de suas despesas com a pesca semanalmente ou mensalmente conforme o quadro de despesas abaixo. Isso deve variar de acordo com cada região e os pescadores da comunidade, pois o grupo em estudo da região do baixo Tocantins da localidade do rio Panacuera entendeu que o monitoramento mensal é mais viável para grande parte dos pescadores que fizeram parte dessa pesquisa.

MÊS: MARÇO

Tabela -2: monitoramento de despesa

DESPESAS COM PESCA	1ªSEMANA	2ªSEMANA	3ªSEMANA	4ªSEMANA	TOTAL MÊS
DÍZEL					
ALIMENTO					
REDES					
ANZÓIS					
TOTAL					

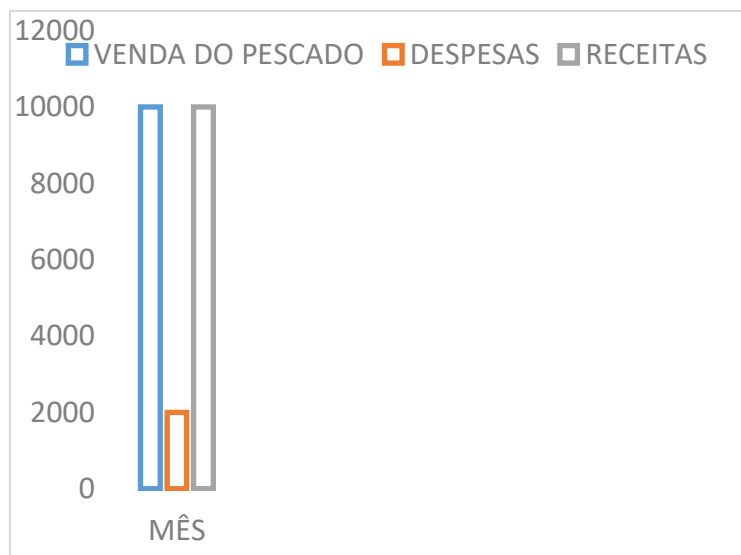
Fonte: Carneiro, 2019

O monitoramento das despesas com a pesca seguirá o modelo do monitoramento com as receitas, sendo que podem entrar outras atribuições as despesas que não estão exposta na tabela. Todos os valores das despesas serão colocados em moeda nacional (real).

GRÁFICO GERAL DE MONITORAMENTO DA PESCA

MÊS: MARÇO

Gráfico: monitoramento geral de venda e despesas



Fonte: Carneiro, 2019





O gráfico acima pode funcionar como um termômetro para o registro da atividade pesqueira, para que o pescador possa visualizar e observar em qual período houve um melhor rendimento da pesca artesanal. Está organizado em três cores:

- a) Azul: significa a venda do pescado
- b) Laranja: significa as despesas com a pesca
- c) Cinza: significa as receitas ou lucros com a venda do pescado.

O pescador irá indicar no gráfico, com uma caneta, os valores em cada coluna de acordo com a cor que deseja atribuir o valor na tabela em reais que está do lado esquerdo.

ATESTADOR DA VERACIDADE DE ATIVIDADE PESQUEIRA

Para que exista uma responsabilidade do pescador para com sua atividade pesqueira e para com a própria comunidade onde o mesmo exerça o trabalho de pescador artesanal, os moradores locais que exerçam a mesma função podem servir como atestadores da atividade exercida pelo morador da comunidade

	DIGITAL
PESCADOR(A): RG..... CPF..... <div style="text-align: center;">Assinatura</div>	
TESTEMUNHAS: PESCADOR(A):..... RG:..... CPF..... <div style="text-align: center;">Assinatura</div>	
PESCADOR(A):..... RG:..... CPF..... <div style="text-align: center;">Assinatura</div>	
PESCADOR(A):..... <div style="text-align: center;">Assinatura</div> RG:..... CPF.....	

Obs.: Caso o pescador seja analfabeto, o mesmo deve fazer o registro por meio das digitais, sendo que em seu registro geral as informações não devem divergir com relação a assinatura do pescador artesanal.

OFICINA DE REGISTRO PARA O PESCADOR ARTESANAL

Os pescadores terão todas as orientações necessárias, pois a oficina será baseada no preenchimento da mesma, com isso eles podem visualizar onde serão colocados os lucros e despesas de toda a produção pesqueira produzida por eles.

Serão ministradas uma oficina de preparação, na comunidade do rio Panacuera na escola Graziela Gabriel, para que os pescadores aprendam a fazer o preenchimento do calendário, tabelas e gráficos, bem como registrar suas atividades de pesca, podendo assim verificar lucros e despesas com a atividade pesqueira, sendo estas semanalmente ou mensalmente.

Todas as atividades desenvolvidas com os pescadores para o preenchimento do calendário registro, são para que os mesmos possam compreender a importância de se registrar atividade pesqueira artesanal desenvolvida na região. Essa foi uma proposta sugerida pelos próprios trabalhadores que moram na comunidade do rio Panacuera e que sentem dificuldades de legitimar o trabalho desenvolvido com a atividades pesqueira no Instituto Nacional de Seguro Social e na própria Colônia de pescadores.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, F. R. C. **Entrevista residencial**. [Entrevista cedida a Joana carneiro]. Abaetetuba, 2019.

BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de julho de 2009. **Política nacional de desenvolvimento sustentável da aquicultura e da pesca**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm. Acesso em: 12 de ago. 2018.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de fevereiro de 2007. **Institui a política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 8 de fev. 2007.

BRASIL. Decreto nº 8.424, 31 de março de 2015. **Dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/Decreto/D8425.htm. Acesso em: 13 de ago. 2018.

BRASIL. Decreto nº 8.425 de 31 de março de 2015. **Inscrição do registro geral da atividade pesqueira**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/Decreto/D8425.htm. Acesso em: 13 de ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. **Dispõe sobre os planos de benefícios da previdência social**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.ftm. Acesso em: 5 de ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. **Pesca Artesanal**. 2014. Disponível em: www.mpa.gov.br/index.php/pesca/artesanal. Acesso em: 09 de ago. de 2018.

CRUZ, N. M. **Acordo de pesca na Amazônia brasileira**: comunidade de Jaracuera, rio Tocantins Pará, 2012. Editora GAPTA.UFPA, 2011.p. 20.

IBAMA. **Populações tradicionais e as reservas extrativistas**: A defesa do meio ambiente. Disponível em: www.ibama.gov.br/resx/pop.htm. Acesso em: 15 ago. de 2018.

IBAMA. **Direitos ambientais para o setor pesqueiro: diagnóstico e diretrizes para a pesca marítima**. Brasília: IBAMA/PNUD, 1999.

LIVRAMENTO, L. F. **Entrevista residencial**. [Entrevista cedida a Joana carneiro], Abaetetuba, 2019.

LOBATO, R. P. **Entrevista residencial**. [Entrevista cedida a Joana carneiro], Abaetetuba, 2019.